

PEDRO RAGUSA

**ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT COMO UM
HÍBRIDO TEÓRICO-METODOLÓGICO: Entre o Estruturalismo e
a Epistemologia.**

ASSIS

2018

PEDRO RAGUSA

**ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT COMO UM
HÍBRIDO TEÓRICO-METODOLÓGICO: Entre o Estruturalismo e
a Epistemologia**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de Doutor em História
(Área de Conhecimento: História e
Sociedade)

Orientador: Hélio Rebello Cardoso Junior

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

R146a Ragusa, Pedro
Arqueologia do saber de Michel Foucault como um híbrido
teórico-metodológico: Entre o Estruturalismo e a
Epistemologia / Pedro Ragusa. Assis, 2018.
140 f.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Dr. Hélio
Rebello Cardoso Junior

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. Arqueologia. 3.
Estruturalismo. 4. Epistemologia. I. Título.

CDD 194

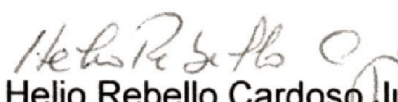
PEDRO RAGUSA

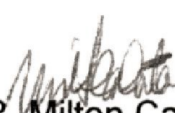
**ARQUEOLOGIA DO SABER COMO UM HÍBRIDO TEÓRICO-
METODOLÓGICO: ENTRE O ESTRUTURALISMO E A
EPISTEMOLOGIA**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em HISTÓRIA. (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Data da Aprovação: 20/04/2018

COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. Helio Rebello Cardoso Junior - UNESP/ASSIS


MEMBROS: PROF. DR. Milton Carlos Costa - UNESP/ASSIS


PROF. DR. Andre Luiz Joanielho - UEL/LONDRINA


PROF. DR. Alfredo dos Santos Oliva - UEL/LONDRINA

PROFA. DRA. Maria do Rosario de Fátima Valencise Gregolin -

Para Márcia, José e Helaine

Agradecimentos

Rara é a oportunidade de agradecer publicamente àqueles que fazem parte de nossa trajetória, de nossa experiência e formação intelectual. Eu não poderia perder essa oportunidade, talvez única de gravar o reconhecimento de certa dívida. Nessa trajetória algumas pessoas ocuparam lugar importante, motivo pelo qual quero registrar alguns nomes.

Ao professor Hélio Rebello Cardoso Junior, por sempre acreditar nesse estudo, por orientar esse trabalho de maneira paciente e generosa. Pela sensibilidade única de leitura, sempre atenta, rigorosa e provocadora. Pela capacidade de criar e mostrar caminhos, enfim, pelo amor à ciência.

Ao professor André Luiz Joanelho, com quem tudo começou. Agradeço pelas orientações e palavras generosas que sempre acompanharam nossa relação. Pelas aulas na graduação, pela orientação no mestrado e por ter me apresentado a leitura de Michel Foucault.

Também agradeço a todos os professores que participaram de minha formação em sala de aula, bancas de qualificação e conversas informais que sempre me motivaram a seguir nesse caminho. Nomeadamente foram fundamentais em minha formação: Alfredo dos Santos, Marco Antônio Neves Soares, Paulo Alves, Sônia Adum, José Miguel Arias Neto, Lucia Helena Oliveira da Silva, Rogério Ivano, Igor Guedes Ramos, Josimar Paes de Almeida, Cristiano Biazzi Simon, Gabriel Giannittasio, Angelita Marques Visalli, Renata Cerqueira Barbosa, Milton Carlos Costa.

A todos os funcionários das bibliotecas consultadas na execução desse estudo, nomeadamente a biblioteca da Unesp/Assis e a biblioteca setorial de ciências humanas da Universidade Estadual de Londrina. Aos funcionários da secretaria de Pós-Graduação, nomeadamente José Lino.

Aos amigos, que foram muitos durante essa trajetória e sempre me motivaram e me fizeram acreditar nesse estudo. Destaco aqueles que puderam participar de maneira mais próxima. Bruno Nielsen Venâncio, Carlos Henrique Lopes Pimentel, Eduardo Leonel, Paulo Rosa, Jorge Rosa, Túlio Sanches, Thiago Correa Mattos, Ronie Pétersson, Fernando Violin, Leandro Cesar Leocádio, Vinícius Montelima, Bruno Oliveira, Rodolfo Funfas e Thiago Gonzaga Forlevize.

A minha família. Minha mãe, Márcia e a meu pai José, que tanto os admiro e sempre me apoiaram e me possibilitaram trilhar esse caminho sem nunca deixar de serem pais e professores. A minha sogra Olinda, que em muitas oportunidades me disse palavras de sabedoria e ternura. Todos vocês, mesmo distantes nunca deixaram de estar presentes.

A Helaine, que eu tanto amo e admiro, o meu muito obrigado. Companheira com quem redescubro diariamente o gosto pela vida, pelo trabalho e pelos outros. Sem você esse trabalho não existiria.

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da CAPES.

RAGUSA, Pedro. ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT COMO UM HÍBRIDO TEÓRICO-METODOLÓGICO: Entre o Estruturalismo e a Epistemologia. Assis, 2018. 140 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

O objetivo dessa tese será mostrar como na prática do método arqueológico, Michel Foucault pôde estabelecer com o Estruturalismo uma importante interface teórica para a realização de suas pesquisas durante a década de sessenta. Vamos mostrar como o filósofo se apropriou do programa Estruturalista para lhe conferir uma nova roupagem, uma nova problemática e uma nova perspectiva teórica ao introduzir análises descrições estruturais no campo da história, convertendo-o ao método arqueológico identificado na primeira fase da obra de Michel Foucault. A partir dessa problemática, nossa hipótese, é que a participação de Michel Foucault no programa teórico-metodológico estruturalista se dá a partir da composição estratégica por parte do filósofo de um método de pesquisa “híbrido”, posto entre o Estruturalismo e a Epistemologia Francesa. Dessa maneira, para compreendermos os limites da pesquisa e do método arqueológico de Michel Foucault é necessário situar o Estruturalismo como uma importante interface teórica auxiliar em seus estudos sobre o homem, sobre os saberes e as instituições.

Palavras-Chaves: Michel Foucault - Arqueologia - Estruturalismo - Epistemologia

RAGUSA, Pedro. **MICHAEL FOUCAULT'S ARCHAEOLOGY OF KNOWLEDGE AS A THEORETICAL-METHODOLOGICAL HYBRID: Between Structuralism and Epistemology**. 2018. 140 f. Thesis (Doctorate in History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to show how, in the practice of the archaeological method, Michel Foucault was able to establish with Structuralism an important theoretical interface for carrying out his researches during the sixties. Let us show how the philosopher appropriated the Structuralist program to give it a new outlook, a new problematic and a new theoretical perspective when introducing structural descriptions in the field of history, converting it to the archaeological method identified the first phase of the work of Michel Foucault. From this problematic, our hypothesis is that the participation of Michel Foucault in the structuralist theoretical-methodological program starts from the strategic composition by the philosopher of a "hybrid" research method, placed between Structuralism and French Epistemology. Thus, in order to understand the limits of Michel Foucault's research and archaeological method it is necessary to situate Structuralism as an important auxiliary theoretical interface in his studies on man, on knowledge and institutions.

Keywords: Michel Foucault - Archeology - Structuralism - Epistemology.

Sumário

Introdução	12
Capítulo I. Estruturalismo e Estrutura.....	31
1. Os Estruturalismos, diferenças de um pensamento multilinear	31
1.1 Sobre o Problema Estrutural: Estruturalismo, Estrutura e Linguagem...33	
2.O Estruturalismo como pensamento sobre o Simbólico. A Estrutura Triádica.....	37
3.Do Sentido de Posição e suas Relações.	46
4.As relações diferenciais e a temporalidade da Estrutura.....	49
4.1. O Acontecimento Estrutural: Atualização e Singularidade.	51
5. Conclusão: Estrutura e Estruturalismo como Diferença.	53
Capítulo II. A filosofia francesa na primeira metade do século XX	55
1. Entre a Fenomenologia existencial e a Epistemologia conceitual	55
2.A Fenomenologia e o cenário filosófico francês na primeira metade do século XX.....	57
2.1. A fenomenologia e a contribuição husserliana.	59
2.2. A recepção da Fenomenologia de Husserl na França.	61
2.3. A Fenomenologia Existencial Francesa: Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.	63
2.3.1. Jean Paul-Sartre e a Fenomenologia Existencialista.	64
2.3.2. A fenomenologia existencial de Merleau-Ponty	66
2.3.3. Michel Foucault e a Fenomenologia: A Proto-Arqueologia.	69
2.3.4 A Proto-Arqueologia: O Pensamento fenomenológico de Michel Foucault (1952-1957).	70
3.A Epistemologia Francesa: A História das Ciências de George Canguilhem.....	72

3.1 Epistemologia Francesa e a História das Ciências: A Análise Histórica dos Regimes de Racionalidade a partir das práticas científicas.....	74
3.1.1. Prática Científica.	75
3.2. Epistemologia e Descontinuidade Histórica: Ruptura e Corte Epistemológico.....	76
3.2.1. O Corte Epistemológico.....	80
3.3. Da Epistemologia do Conceito de Canguilhem para a Arqueologia do saber de Michel Foucault.	81
3.4. A Arqueologia do Saber: Um Híbrido Epistemológico-Estrutural. ..	84
4.Conclusão	89
Capítulo III. O Híbrido Arqueológico: Entre o Estruturalismo e a Epistemologia...	91
1. A Arqueologia dos Saberes e Estruturalismo: Tema, Método Objeto.....	91
2. Michel Foucault entre o comentário e a prática do Estruturalismo.	95
3. Episteme: Estrutura-Histórica para um Estruturalismo sem Estruturas.....	100
3.1. Episteme: Estrutura histórica e descrição arqueológica.	101
3.2. Estruturalismo-Histórico: A Episteme como “A Priori Histórico-Epistemológico”.....	107
4. O Estruturalismo em As Palavras e as Coisas: A História Estrutural do Saber.....	110
4.1 O objeto Estruturalismo: Uma Arqueologia do aparecimento do Estruturalismo.....	111
4.2. O Estruturalismo como método Histórico-Epistemológico: A arqueologia dos saberes.....	114
4.3. A Arqueologia dos Saberes como método histórico-estrutural: Mudança e Ruptura.....	118
5. Michel Foucault não foi estruturalista, mas esteve no Estruturalismo.	123
Considerações finais.	127
Referências Bibliográficas.....	135

Introdução

O objetivo central dessa tese será mostrar como na prática do método arqueológico, Michel Foucault pôde estabelecer com o Estruturalismo uma importante interface teórica para a realização de suas pesquisas entre os anos de 1961 e 1969. A partir desse tema, nossa hipótese, é que a participação de Michel Foucault no programa teórico-metodológico estruturalista se dá partir da composição estratégica por parte do filósofo de um método de pesquisa “híbrido”, posto entre o Estruturalismo e a Epistemologia Francesa. Nesse sentido, vamos mostrar como o filósofo se apropriou do programa Estruturalista para lhe conferir uma nova roupagem, uma nova problemática e uma nova perspectiva teórica ao introduzir análises e descrições estruturais no campo da história, convertendo-o ao método arqueológico identificando a primeira fase da obra de Michel Foucault.

Seguramente, um dos maiores desafios que os escritos arqueológicos oferecem tanto aos leitores como aos comentadores dos trabalhos de Michel Foucault se deve à delimitação do universo teórico-metodológico em que esses escritos estiveram inseridos, pois, o Estruturalismo não foi a única referência teórica-metodológica presente durante os escritos arqueológicos de Michel Foucault. Tanto a Fenomenologia, como a Epistemologia também foram personagens teóricos importantes desse momento da produção acadêmica do filósofo.

Dessa maneira, para compreendermos os limites da pesquisa e do método arqueológico de Michel Foucault é necessário situar o Estruturalismo como uma importante interface teórica em seus estudos sobre o homem, sobre os saberes e as instituições.¹

Contudo a convivência dessas três interfaces do primeiro Foucault não foi homogênea do ponto de vista temporal. Dessa maneira, também será parte de nossos objetivos apresentar como a Arqueologia dos saberes antes de possuir sua interface

¹MACHADO, Roberto. **Foucault, a Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006. DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

teórica delimitada pelos procedimentos metodológicos estruturalistas, esteve situada num plano metodológico e conceitual posto pelas problemáticas e questões circunscritas tanto pela Fenomenologia originária com Edmund Husserl, como também pela Epistemologia Francesa de George Canguilhem. Cumpre assinalar que estas últimas, embora sejam temporalmente precedentes à influência do Estruturalismo, entram com este em várias associações que viriam a abrir caminho para a Arqueologia que Foucault assina em nome próprio. No cômputo geral, a Arqueologia de Foucault faz uma combinação original entre balizadores teórico-metodológicos da Epistemologia Francesa e do Estruturalismo, embora também não se identifique plenamente com eles, em detrimento da Fenomenologia. Essa imbricação epistemológica anima a presente tese.

* * *

As décadas de cinquenta e sessenta do século passado foram marcadas pelo desenvolvimento de um esforço de renovação teórico-metodológico no campo científico originário dos estudos linguísticos do leste europeu; essa renovação epistemológica resultou na formação do paradigma filosófico e científico conhecido principalmente nas disciplinas delimitadas pelas ciências humanas como Estruturalismo, ou melhor, Estruturalismos². Quando falamos sobre o Estruturalismo a impressão é que estamos nos referindo a algum conceito fechado e bem delimitado, fato que só faz gerar mal-entendidos por se tratar não de uma, mas de um conjunto de práticas metodológicas com inúmeras e diferentes formas de aplicação.

A origem histórica do pensamento e do estilo de análise estruturalista pode ser atribuída à disciplina da linguística. De fato, dois momentos devem ser destacados no interior dos estudos linguísticos como “marcadores inaugurais” para a linguística

²FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. *In: Ditos e Escritos*, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013. FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011.

estrutural: as aulas de Ferdinand Saussure compiladas por seus alunos no *Curso de Linguística Geral* (1916) e os estudos e análises linguísticas desenvolvidas nas escolas de Moscou³ e Praga entre as décadas de 1910 e 1940. De acordo com esses estudos foi possível reconhecer *a atividade estruturalista de maneira geral, como um conjunto de práticas metodológicas interessadas em encontrar objetos estruturais*⁴ a partir de “modelos”, “sistemas” e “relações lógicas” que possam apresentar uma organização estruturada do objeto em análise.⁵ Expliquemos melhor.

O *Curso de Linguística Geral* de Saussure foi reconhecido como o momento de ruptura entre uma linguística pré-científica e uma linguística fundada em hipóteses sustentadas por uma metodologia rigorosa através de uma perspectiva sistêmica (estrutural) sobre a linguagem, isto é, cada signo linguístico possui seu valor não por conter algum valor significativo próprio, para a perspectiva da linguística estrutural o valor do signo linguístico é definido de maneira arbitrária dependendo da relação fonética constituída. Assim, a linguística estrutural representou momento de instauração de uma verdadeira e autônoma ciência do signo.⁶

Ao tornar-se uma disciplina autônoma a partir de sua perspectiva estruturalista, a linguística colocou seu rigor e sua capacidade de formalização a prova ao servir como programa e método científico “piloto”, isto é, como referência teórico-metodológica para outras ciências humanas, oferecendo às ciências humanas um programa que possa reorganizá-las de maneira comum. Dessa maneira, a linguística estruturalista a partir de sua metodologia e através de sua linguagem forneceu o

³O linguista russo Jakobson por sua vez foi o fundador do círculo linguístico de Moscou em 1915, sua tarefa foi promover e desenvolver estudos científicos sobre a linguística e a poética na Rússia. Foi somente em 1920, em Praga, que Jakobson teve contato com o curso de Saussure, mas a grande e decisiva influência para o desenvolvimento da análise estrutural dos fonemas por Jakobson foi dada pelo príncipe Russo Nicolai Trubetzkoy, estudioso dos *fonemas* que participou de maneira decisiva da renovação dos estudos da linguística através de uma disciplina científica. CF: DOSSE, François. O Homem-Orquestra. Roman Jakobson. In: **História do Estruturalismo: O Campo do Signo**. Bauru/SP. EDUSC, 2007. Pag. 53-54,93-100.

⁴BARTHES, Roland. A Atividade Estruturalista. In: COELHO PRADO, Eduardo. In: **“Estruturalismo, Antologia de textos teóricos”**. São Paulo. Martins Fontes. 1967.

⁵DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973. COELHO PRADO, Eduardo. “Introdução a um Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidades e Estruturalismos.” In: **“Estruturalismo, Antologia de textos teóricos”**. São Paulo. Martins Fontes. 1967.

⁶GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso. Diálogos e Duelos**. São Carlos. Claraluz, 2006.

fundamento epistemológico para renovação das ciências humanas.⁷ O Estruturalismo correspondeu justamente a essa generalização no campo das ciências humanas da metodologia desenvolvida na linguística a partir das análises sobre a linguagem postas por Saussure.

Por detrás do rótulo Estruturalismo existem diferenças entre procedimentos metodológicos, isto é, diferentes posições teóricas nas disciplinas onde as análises estruturalistas encontraram objetos a serem formalizados. Contudo, também podemos reconhecer características e compromissos essenciais entre os diferentes estruturalismos, por exemplo, na crítica ao projeto filosófico fenomenológico através da ideia de um sujeito soberano como fonte de sentido e a procura por relações entre elementos no interior de um conjunto ou de uma Estrutura lógica.⁸

Muitos foram os autores identificados e reconhecidos como participantes do programa científico Estruturalista, na sua maioria foram os intelectuais franceses aqueles que ofereceram o maior alcance teórico ao conceito de Estrutura, e conseqüentemente desenvolveram e introduziram os principais e mais sofisticados métodos de análises estruturalistas nas mais diversas disciplinas científicas.⁹ As disciplinas que possibilitaram o maior alcance e o maior desenvolvimento teórico metodológico para os métodos estruturalistas nas ciências humanas foram a etnologia, a sociologia a psicanálise e a crítica literária. Por isso, autores como Lévi-Strauss, Louis Althusser, Jaques Lacan e Roland Barthes, tornaram-se durante os anos sessenta de maneira específica aos domínios científicos em que produziam seus trabalhos, ícones e verdadeiras personificações do pensamento e do programa estruturalista.

Dessa maneira, a primeira etapa de nossa pesquisa será caracterizar o Estruturalismo através de uma perspectiva teórico-conceitual, para mostrarmos como o programa estruturalista representou entre as décadas de cinquenta e oitenta um grande conjunto de diferentes procedimentos teóricos-metodológicos, cada qual com sua própria linguagem, estratégias metodológicas, perspectivas teóricas e objetos, que, no entanto,

⁷STRAUSS, Claude Lévi. A Análise Estrutural em Linguística e Linguística e Antropologia. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo. Cosac Naify, 2008. p. 57-86. E p. 103-123.

⁸FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. p. 159.

⁹DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973. E também com: COELHO PRADO, Eduardo. “Introdução a um Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidades e Estruturalismos.” In: **“Estruturalismo, Antologia de textos teóricos”**. São Paulo. Martins Fontes, 1967.

não deixou de apresentar pontos em comum. Assim, não foi com exagero quando em 1967 no auge do desenvolvimento das análises estruturais, e logo após a publicação de *As Palavras e as Coisas*, lida como mais uma dentre as muitas pesquisas estruturalistas do período, Foucault reconheceu que “não pode haver uma teoria geral para o Estruturalismo. Apenas se podem indicar obras que em comum provocaram modificações teóricas importantes em alguns domínios.”¹⁰ Essa posição de Foucault é de importância central para esta tese, pois para Foucault “não pode haver uma teoria geral para o Estruturalismo”, então, com que variedade ou variedades de Estruturalismo Foucault adota a sua posição? E, afinal, que tipo de Estruturalismo ele converte para tornar-se aliado da Arqueologia?

Essa tese situa-se em uma delimitação cronológica que diz respeito a periodização que une obra de Foucault e o movimento intelectual do Estruturalismo. Entre as décadas de 1950 e 1980, paralelo ao surgimento, desenvolvimento e descenso do Estruturalismo Michel Foucault escreveu sua obra. Seu pensamento e seus escritos podem ser conhecidos no interior de um período histórico de trinta anos, e costuma ser dividido por seus comentadores e leitores em três fases ou eixos de problematizações: *eixo do saber*, composto pela protoarqueologia e pela arqueologia dos saberes durante os anos sessenta, o *eixo do poder*, composto pelos estudos genealógicos ou “estudos sobre as relações de poder” durante os anos setenta, e o *eixo da ética*, composto pelos estudos sobre a subjetividade e relativos a uma ética de si, chamado por estética da existência no início dos anos oitenta¹¹.

Essa divisão não implica na existência de uma completa diferença ou ruptura entre as fases do trabalho de Foucault, de fato, houve por um lado uma extensão de seus objetos, temas, questões, argumentos e referências teóricas e, por outro lado, o filósofo desenvolveu durante o transcorrer de seus estudos a reorganização e a adequação dos procedimentos metodológicos utilizados para realizar novas pesquisas. Mas para o desenvolvimento de nosso estudo estabelecer essa divisão será vantajoso, pois nossa hipótese de pesquisa, isto é, o reconhecimento de um momento estruturalista nos escritos

¹⁰FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p.62.

¹¹Cf. FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes? In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p.350.

de Michel Foucault só pode ser delimitado como um objeto de pesquisa em razão do contexto histórico de aparecimento e desenvolvimentos dessas pesquisas nos anos sessenta e pelo teor de alguns procedimentos metodológicos reconhecidos e identificados como estruturalistas presente somente *nos escritos arqueológicos*.

Comentadores como Roberto Machado, Marcos Nalli, Dreyfus e Rabinow apontaram que durante a prática do método arqueológico as interfaces teóricas de sua pesquisa foram muito vastas, sendo delimitada entre campos teóricos-metodológicos como: a Fenomenologia, a Epistemologia e o Estruturalismo.¹² Dessa maneira, para compreendermos os limites de sua pesquisa desenvolvida com o método arqueológico é necessário situar essas três correntes do pensamento filosófico e científico como os fundamentos metodológicos e interfaces teóricas pelas quais o filósofo pôde sustentar seus estudos arqueológicos sobre os discursos que constituíram o homem, os saberes e as instituições.

Assim, a hipótese sobre um momento estruturalista nos escritos de Michel Foucault para o qual concorrem a Epistemologia Francesa e a Fenomenologia com pesos e sentidos diversos, deve ser reconhecida de maneira específica no conjunto geral de sua obra. Além disso, a emergência da pesquisa arqueológica a partir dos diversos estruturalismos requer a delimitação de critérios formais que revelam “marcadores” que aparecem momentaneamente em seus escritos como: linguagem¹³, referência

¹²MACHADO, Roberto. **Foucault, a Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro. Zahar Editora, 2006. DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2006.

¹³DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

metodológica¹⁴ e a introdução de conceitos teóricos¹⁵, e que depois irão desaparecer conforme os rumos de sua trajetória de pesquisa.

* * *

No início dos anos cinquenta após receber sua licenciatura como filósofo e psicólogo, Michel Foucault trabalhou como estagiário no hospital psiquiátrico, seus primeiros escritos datam desse momento e foram reconhecidos como escritos protoarqueológicos¹⁶. Durante os primeiros anos de sua carreira Foucault esteve influenciado pela *fenomenologia existencial*, a partir dos ensinamentos de seus professores a respeito dos problemas filosóficos postos pela Fenomenologia, sobretudo aquela ligada ao psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, nesse período entre os anos cinquenta Michel Foucault realizou suas primeiras reflexões e escreveu seus primeiros

¹⁴Em 1978 numa conferência no Japão, Foucault afirmou ter utilizado em *História da Loucura* e em *As Palavras e as Coisas* de um “método estruturalista” para mostrar os discursos que são rejeitados e excluídos numa sociedade. De acordo com o filósofo, seu método assemelhou-se em termos de análise e procedimentos descritivos aos discursos do método estruturalista utilizado por Lévi-Strauss em seus estudos etnológicos. Dessa maneira, o interesse de Foucault foi mostrar a estrutura negativa presente em toda sociedade e em toda cultura, “*Ora, nestes últimos anos, em etnologia, Lévi-Strauss explorou um método que permite esclarecer a cultura negativa em toda sociedade e em toda cultura. (...). Para mim tratava-se, então não mais de saber o que é afirmado e valorizado em uma sociedade ou em um sistema de pensamento, mas de estudar o que é rejeitado e excluído. Eu me contentei em utilizar um método de trabalho que já era conhecido em etnologia.*” Cf: FOUCAULT, Michel. *A Loucura e a Sociedade*. In: *Ditos e Escritos*, volume I. 3ª Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2014.

¹⁵Numa entrevista de 1961, Foucault respondeu questões sobre sua trajetória intelectual até então, sobre a metodologia empregada em *História da Loucura* e sobre suas influências teóricas. De maneira surpreendente, Foucault atribui a noção de *Estruturas de Experiência* desenvolvidas nos trabalhos de Dumézil sobre mitologia como sua referência teórica. O filósofo afirmou ter utilizado essa mesma noção em seu livro sobre a loucura. “*Como um historiador das religiões pôde inspirar um trabalho sobre a história da loucura? – Por sua ideia de estrutura. Tal como Dumézil o faz para os mitos, tentei descobrir formas estruturadas de experiência cujo esquema pudesse ser encontrado, com modificações, em níveis diversos.*” Cf: FOUCAULT, Michel. *A Loucura Só Existe em uma Sociedade*. In: *Ditos e Escritos*, volume I. 3ª Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2014.

¹⁶FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? In: *Ditos e Escritos*, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2014. p. 30-31. NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2006.

textos¹⁷. O teor fenomenológico desta linha de força do pensamento foucaultiano nesse momento inicial de seus escritos foi delimitado por conceitos como *sentido*, *significação* e *sujeito*.

Michel Foucault, durante a fase de seus escritos protoarqueológicos publicou seu primeiro livro “*Doença Mental e Personalidade*”, (livro republicado em 1962 com o título *Doença Mental e Psicologia*), além de outros importantes textos como a extensa “*Introdução*” (1954) à tradução francesa de “*O sonho e a Existência*” de Ludwig Binswanger, e “*A psicologia científica de 1850 a 1950*”. O tema central desses primeiros escritos remonta ao mal-estar com relação ao *status* e prática científica da psicologia e da psiquiatria no século XX, essas reflexões “protoarqueológicas” sobre temas relativos ao campo científico da psicologia forneceram a Foucault certos problemas a serem pensados posteriormente durante seus estudos arqueológicos.

Durante a pesquisa arqueológica entre os anos sessenta (1961-1969) Michel Foucault publicou seis livros, sendo um dentre esses seis uma republicação de um texto pretérito¹⁸: *História da Loucura* em 1961, *Doença Mental e Psicologia* (1962), *O Nascimento da Clínica* (1963), *Raymond Roussel* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969). Todos esses livros formam o conjunto de pesquisas cuja referência teórico-metodológica ficou conhecida como *arqueologia dos saberes*. Devem ser somados a esses livros uma grande quantidade de textos¹⁹ complementares e explicativos sobre seu pensamento e seus escritos nesse período, merecendo ser destacado os textos “*Resposta a uma Questão*” (1968), “*Resposta ao Círculo de Epistemologia*” (1968) e “*O que é um autor?* (1969)”. Todos publicados durante a década de sessenta relativos aos temas sobre sua metodologia e sobre seu interesse de pesquisa pelo saber.

O eixo do saber (protoarqueologia e arqueologia) constituiu o primeiro núcleo de problematizações e reflexões realizadas por Foucault. De fato, o termo *saber* corresponde a uma noção conceitual de apropriação foucaultiana, pois o saber não delimita um campo científico disciplinar como a psiquiatria, a medicina, a economia e a botânica. De acordo com Foucault a noção de saber é fundamentada por um conjunto de

¹⁷FOUCAULT, Michel. Cronologia. In: Ditos e Escritos, volume I. 3ª Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2014.

¹⁸*Doença Mental e Psicologia* de 1962 na verdade é uma republicação de um livro de 1954 intitulado, *Doença Mental e Personalidade*. Cf: CASTRO. Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

¹⁹Esses textos podem ser encontrados na coleção *Ditos e Escritos*.

discursos localizados em domínios como a filosofia, as artes, a literatura, a política e a ciência, ou seja, o saber corresponde a uma região mais ampla que aquela delimitada pelas ciências.

Assim, a noção de saber representa um fenômeno prático-discursivo anterior e mais fundamental que a ciência, sendo o saber na perspectiva de Foucault, o “tecido de relações discursivas”, dentre as quais, a ciência representa uma forma de “arranjo prático-discursivo” sobre algum saber em determinado período histórico²⁰. Essas condições históricas de possibilidade, ou melhor, de realidade para o aparecimento dos discursos sobre os saberes foram tematizadas pela abordagem arqueológica como externas ao sujeito, como também, com relação a algum tipo de discurso com pretensão a uma natureza epistemológica dita verdadeira como no caso das ciências.

Essa distinção é importante de ser delimitada, visto que os procedimentos teóricos-metodológicos utilizados durante a pesquisa arqueológica “ganham certa distância” em relação à Epistemologia Francesa, justamente pela diferença de tratamento relativo à racionalidade do discurso científico e não científico. Dessa maneira, a partir de seu método arqueológico diferente do que faz um epistemólogo, Michel Foucault ocupou-se em conhecer e descrever as condições históricas em que se encontram as regras que organizam as práticas-discursivas sobre os saberes modernos, deixando de lado, dessa forma, o interesse pela “causalidade lógica” sobre o aparecimento dos saberes, isto é, o seu valor epistemológico no que se refere ao dizer verdadeiro-científico, temática comum aos estudos da Epistemologia Francesa.²¹

²⁰FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007.

²¹Roberto Machado dedicou-se em: *Foucault, a Ciência e o Saber*, a mostrar as diferenças formais entre a carga teórico-metodológica dos estudos epistemológicos e dos estudos arqueológicos. Cf: MACHADO, Roberto. **Foucault, a Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. De acordo com Rabinow e Dreyfus, “a arqueologia correspondeu a tentativa de estudar a “estrutura” dos discursos das várias disciplinas que enunciaram teorias sobre a sociedade, o indivíduo e a linguagem, para desenvolver esse empreendimento científico, Foucault procurou isolar e descrever os sistemas de saber subjacentes a diferentes períodos históricos”. Cf: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Ainda nos anos sessenta junto aos temas relativos ao saber, Foucault também escreveu sobre temas literários como linguagem²² e literatura²³, através de um interesse pelas problemáticas postas por esses temas, como a figura e a função do autor, a noção de obra, distinção entre razão e loucura a partir da escrita literária, e principalmente, a dissolução do sujeito e da noção de identidade literária ofertada pelo conceito de “obra”. Esses textos revelam um interesse de pesquisa complementar aos estudos arqueológicos ao menos e um ponto; a contestação pela via literária da teoria do sujeito fenomenológico e marxista.²⁴

Em sua aula inaugural no *Collège de France* (*A ordem do discurso*, 1970), Foucault realiza os primeiros movimentos para estabelecer a genealogia como seu método de pesquisa ao lado da arqueologia, mas muitos comentadores do trabalho de Foucault também consideram o texto intitulado “*Nietzsche, a genealogia e a história*” datado de 1971, como o “marco literário inaugural” deste deslocamento no pensamento e nos escritos foucaultianos. Se durante a fase arqueológica Foucault estudou os regimes e as práticas discursivas que constituem os saberes, durante sua pesquisa genealógica entre os anos setenta, em complemento à sua fase arqueológica o filósofo dedicou-se a conhecer as *práticas não-discursivas* ou “práticas de poder” que constituem as *práticas-discursivas*.

²²Ao consultarmos o livro, *Vocabulário Foucault* (2004) de Edgardo Castro, podemos encontrar no verbete *linguagem*, o significado de uma intensa problemática desenvolvida durante a obra de Michel Foucault. De acordo com Castro, a linguagem foi sem dúvida um dos tópicos fundamentais da reflexão filosófica em, *As Palavras e as Coisas*, mas indo além da relevância do tema para o livro de 1966, a própria arqueologia enquanto método, constituiu-se como método histórico para a descrição das diferentes organizações da linguagem, ao nível do que foi denominado por Michel Foucault por *enunciados*, em uma microescala, e *episteme*, numa macroescala. Cf: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autentica, 2004. p. 251.

²³Podemos citar o livro publicado em 1963, dedicado ao escritor, Raymond Roussel, cujo título é homônimo, e também por outros diversos textos escritos durante os anos sessenta, dentre esses textos vale destacar: *O que é um autor?*, *O pensamento Exterior*, *Prefácio à Transgressão*, *Linguagem ao Infinito*, *Isto não é um cachimbo*, *Debate sobre o Romance*. Todos esses textos podem ser consultados na coleção Ditos e Escritos, e estão reunidos no terceiro volume da edição brasileira. Cf: FOUCAULT, Michel. In: Ditos e Escritos, volume III. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013. Também merece ser colocado nessa seção de textos sobre literatura e linguagem, o livro: *As Palavras e as Coisas*, que tem como um de seus principais personagens as possibilidades epistêmicas que resultam em transformações da linguagem, como também o papel da literatura na formação do espaço de organização dos saberes.

²⁴FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2014.

As práticas não-discursivas são justamente as práticas geradoras de discursos sobre a verdade, por isso pode-se dizer genericamente que a pesquisa genealógica procurou conhecer as estratégias e relações de poder para o surgimento e o funcionamento dos discursos com pretensão à verdade. O poder deve produzir o saber e vice-versa, para o filósofo existe uma relação íntima entre saber e poder: “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”²⁵.

Durante a fase genealógica podemos encontrar nos textos de Michel Foucault um filósofo preocupado com problemas da individualização, normalização, disciplinarização e a constituição simultânea de saberes e poderes controladores da subjetividade do indivíduo moderno, este foi o tema de sua obra mais influente durante essa fase de suas pesquisas, *Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão* (1975). De maneira geral, os resultados de suas descrições nesse livro mostraram o desenvolvimento de técnicas de dominação social institucionais postas por estratégias punitivas, mecanismos e dispositivos reguladores e controladores como hospitais, escolas, prisões, fábricas e quartéis, todas estas instituições marcadas pela capacidade de “disciplinarização dócil” da sociedade.

Foucault descreveu em *Vigiar e Punir* e em *História da sexualidade I: A Vontade de Saber*, respectivamente, os dispositivos disciplinares e o dispositivo da sexualidade que surgiram no final do século XVIII. Isto é, através de suas descrições discursivas o filósofo mostrou uma série de práticas (discursivas e não-discursivas) que surgem, se relacionam e constituem um quadro ou um determinado conjunto de relações de poder-saber. A partir da genealogia, apesar de ocorrerem deslocamentos teóricos-metodológicos que permitem problematizar mais adequadamente as relações de poder, não existe novidade no período histórico investigado (modernidade) e na escrita, isto é, com relação a forma de exposição das pesquisas arqueológicas.

História da Sexualidade I: A Vontade de Saber (1976) é outro importante livro realizado pelos estudos genealógicos, Foucault ampliou e desenvolveu sua compreensão sobre o que é, e quais são práticas para o exercício de funcionamento do poder, temática que já havia sido posta em *Vigiar e Punir* e em outros cursos ministrados no *Collège de France* durante os anos setenta.

²⁵FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir, o Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes. 2003. p. 27.

Ainda que possa parecer a princípio enganosamente fácil de ler, *História da Sexualidade* é uma obra densa e que requer certa bagagem conceitual para ser compreendida, pois foi com esse trabalho que Foucault apresentou noções conceituais até então nunca ditas e desenvolveu temáticas que renovaram o debate sobre temas tradicionais para as ciências humanas. Dessa maneira, noções como poder (Biopoder), e exercício do poder pelo Estado (Governamentalidade), além das mais diversas abordagens sobre relações sociais-institucionais modernas receberam com os estudos genealógicos perspectivas que modificaram profundamente o sentido tradicional dessas noções. Razão pela qual conceitos como: *A microfísica do poder e a Biopolítica*, consagraram sua obra entre os estudos políticos, econômicos, sociológicos, jurídicos e históricos.²⁶

O último eixo do pensamento foucaultiano pode ser delimitado a partir da segunda metade da década de 1970 e se encerra sem completar seu programa com o falecimento de Foucault em 1984. O conjunto de seus escritos nesse período foi constituído pelos cursos ministrados no *Collège de France*, e pelo segundo e terceiro volumes de *História da sexualidade* denominados respectivamente *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, ambos publicados pela primeira vez em 1984. A última fase do pensamento e dos escritos de Michel Foucault foi caracterizada por seus estudos éticos e de subjetivação de si conhecida como Estética da Existência.

Nessa etapa de seu pensamento e de seus escritos nota-se uma mudança de trajetória para seus estudos, a problemática arque-genealógica posta pela relação saber-poder passa a ser acompanhada nesse momento de sua pesquisa por um interesse sobre as práticas que constituem historicamente a subjetividade dos sujeitos. O que esteve em questão no eixo da ética foram as práticas que os indivíduos encontram em sua cultura e que lhes permitem constituírem a si mesmos como sujeitos morais.

O estilo linguístico e narrativo desses últimos livros de Michel Foucault é muito diferente daquele do início de sua obra, o período histórico descrito e analisado na última fase de seus escritos também muda, todos os seus escritos arqueológicos e genealógicos foram feitos sobre o período moderno, mas seus últimos livros foram dedicados a estudos da antiguidade grega e romana. O interesse geral dessas investigações

²⁶RAMOS, Igor Guedes. **GENEALOGIA DE UMA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980**. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade), 2014. p. 126-129.

recai sobre a maneira como a sexualidade constituiu um domínio moral e pôde ser problematizada como uma questão moral na construção e na condução de si.²⁷

* * *

Como mostramos o pensamento e o interesse teórico-metodológico de Michel Foucault ao escrever seus textos esteve em constante movimento e transformação, ao conhecermos a trajetória e o percurso de seu pensamento, e principalmente, ao lermos seus escritos, a impressão que temos é que não nos foi revelado um autor, mas vários, isto é, os escritos do filósofo mostram um pensador que contrariou a necessidade de seguir uma tradição ou corrente filosófica. Contudo, nos parece certo que em meio a esse deslocamento de sua trajetória de pesquisa podemos localizar um momento estruturalista em meio a seus escritos arqueológicos. Dessa forma, nosso estudo justifica-se em desenvolver e mostrar a hipótese sobre a existência de uma interface teórica entre a pesquisa arqueológica de Michel Foucault e o Estruturalismo marcando um momento estruturalista em seus escritos

Michel Foucault em diversas oportunidade posicionando-se com relação a esse debate, não negou os pontos em comum entre seu método e o Estruturalismo. Mais do que isso, reforçou a inserção de seu método e de seus escritos se não em alguma específica corrente estruturalista, ao menos no quadro de transformação e renovação teórico-metodológico experimentado pelas ciências humanas e motivado pelo estruturalismo.²⁸

De maneira geral as possíveis relações apontadas²⁹ entre suas descrições arqueológicas e as análises estruturalistas foram feitas a partir de dois pontos em comuns: a recusa ao discurso antropológico e fenomenológico posto por noções como a de sujeito,

²⁷OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011. p. 118-119.

²⁸FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. *In: Ditos e Escritos*, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

²⁹DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

sentido e significação, e pela presença de uma análise descritiva sobre as regras e condições de realidade para os discursos.³⁰ Todavia, talvez a principal característica para alinhar a pesquisa arqueológica ao Estruturalismo tenha sido reconhecida nas análises de Rabinow e Dreyfus. De acordo com estes, antes de se iniciar qualquer análise dos escritos de Foucault deve-se estar atento que para o arqueólogo, “diante de todo tipo de discurso e de saber, especialmente diante do seu próprio, ele se posiciona com o mesmo distanciamento da verdade e do sentido”³¹, atitude teórica-metodológica típica entre os pesquisadores reconhecidos como estruturalistas.

Durante os anos sessenta Michel Foucault desenvolveu sua pesquisa arqueológica através da apropriação de uma “linguagem estruturalista”, conceitos como Episteme, Estruturas de Experiência, Formação Discursiva foram recebidos por parte da inteligência francesa como sendo a demonstração clara da adesão do filósofo para com os procedimentos teóricos-metodológico estruturalistas. Fato é, que seu pensamento e seus escritos estiveram inseridos num conjunto de pesquisas e debates que transformaram e modificaram os rumos do pensamento científico e filosófico francês.

A relação de Michel Foucault com Estruturalismo foi polêmica e conflituosa, marcada pela identificação com diferentes posições sobre sua participação nesse programa durante a criação de sua obra. Ao mesmo tempo em que foi possível encontrarmos um filósofo interessado em “introduzir análises estruturais sobre regimes históricos de racionalidade”, também encontramos em textos pós anos setenta um Michel Foucault reativo, e totalmente contrário a qualquer identificação entre seus escritos e os métodos estruturalistas, chegando mesmo a negar qualquer relação de seu trabalho com o Estruturalismo.³² Inclusive deve ser mencionado que em diversas entrevistas Foucault afirmou nunca ter sido um pensador Estruturalista, e nem ter se utilizado de nenhum conceito relativo a noção de Estrutura em seus escritos.

Contudo, negar ou negligenciar a influência e apropriação nos escritos arqueológicos de Michel Foucault referentes a utilização de procedimentos teóricos-

³⁰Michel Foucault chamou de “*a priori* histórico” essas regras que determinam as condições de possibilidade para o discurso. Cf: FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

³¹DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. XVIII.

³²FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In*: Ditos e Escritos, volume VI. **Repensar à Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2013.

metodológicos estruturalistas, tendo por referência algumas declarações informais onde o filósofo se mostrou contrário à sua utilização desses procedimentos, no mínimo corresponde a uma compreensão lacunar e deficitária sobre um momento específico de seu pensamento e seu trabalho.

O reconhecimento, a descrição, e a caracterização do estruturalismo como interface teórica-metodológica durante a pesquisa arqueológica de Michel Foucault foi tema de alguns estudos realizados por comentadores de seu pensamento e de seus escritos, dentre as principais referências podemos considerar os trabalhos de Gilles Deleuze, François Dosse, Paul Rabinow e Hubert Dreyfus, Manfred Frank e Allain Meggeil. Esses autores são exemplos de comentadores que contribuíram para a realização de nossa pesquisa ao nos fornecerem uma rica fonte de informações, a qual, somada à leitura e análise dos textos arqueológicos de Foucault possibilitam a continuidade e o prolongamento de estudos que buscam demarcar um recorte entre seus escritos arqueológicos e o Estruturalismo.

No desenvolvimento da presente tese nos interessou compreender e mostrar tanto um Michel Foucault participante do Estruturalismo ao introduzir um estilo específico de análise estrutural, como também um Michel Foucault comentador do estruturalismo ao discutir a origem, os fundamentos epistemológicos e políticos e o alcance teórico metodológico do programa estrutural.

Para atendermos às necessidades de exposição dessa temática houve necessidade de alguns cuidados e esclarecimentos conceituais com relação aos conteúdos que se desdobram e oferecem conjunto ao nosso tema. Dessa forma, essa tese foi estruturada em três capítulos e subcapítulos que estabelecem ressonâncias teóricas compondo um conjunto que parte de uma perspectiva abrangente em direção a especificidade de nosso objeto. Essa divisão foi estabelecida com a intenção de partir de um plano teórico geral sobre o Estruturalismo chegando até o limite da prática de um estilo de análise estruturalista desenvolvida durante a pesquisa arqueológica de Michel Foucault.

* * *

No primeiro capítulo tendo como referência bibliográfica central uma releitura do texto de Gilles Deleuze, *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*³³ É nosso objetivo mostrar através da delimitação de Deleuze os critérios formais de reconhecimento da prática do método estrutural em diferentes autores, e como os conceitos de Estrutura e Estruturalismo representaram um momento da história intelectual francesa.

Dessa forma vamos delimitar o surgimento e o desenvolvimento do Estruturalismo como uma forma de linguagem e pensamento possíveis pela diferença e variedade de perspectivas teóricas-metodológicas, e não pela identidade e unidade quanto à prática das pesquisas estruturais. Os critérios de reconhecimento do estruturalismo foram apontados com a intenção de afirmar as diferenças internas que constituem o pensamento estruturalista a partir da seleção de um grupo de autores³⁴ com destaque e prestígio acadêmico entre os anos cinquenta e sessenta do século passado.

Vamos apresentar o Estruturalismo como a consciência crítica de uma época e como a expressão de uma vontade emancipadora das ciências humanas, isto é, a busca pela autonomia do campo científico perseguida pelas ciências humanas e obtida através do alcance de sua maturidade epistemológica com o resultado do sucesso e da grande ramificação das análises estruturais nas mais diversas disciplinas. Dos sete critérios reconhecidos por Deleuze para classificar as variedades de Estruturalismo escolhemos três: o *simbólico*, o *sentido de posição*, e as *relações entre elementos*.³⁵

Nos anos em que o Estruturalismo alcançou seu maior prestígio, toda a epistemologia científica qualificada como legítima procurou lançar um olhar de procura por Estruturas simbólicas, inconscientes e relacionais nos mais diversos aspectos da realidade social humana. As razões desse êxito dependeram essencialmente do fato do Estruturalismo se apresentar como *método* rigoroso que poderia tornar as ciências humanas tão sofisticadas e precisa como as ciências exatas e naturais, assim esperava-se

³³DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Jorge Zahar Editora, 1973.

³⁴Dentre esses autores que irão figurar em seu texto, temos Lévi-Strauss, que inclusive é o mais citado, Roland Barthes, Louis Althusser e seu grupo, Jaques Lacan e Michel Foucault.

³⁵DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Jorge Zahar Editora, 1973.

com o Estruturalismo o alcance de progressos decisivos para os rumos das ciências humanas.

O segundo capítulo dedica-se ao estudo sobre a trajetória intelectual de Michel Foucault desde sua formação acadêmica no início dos anos cinquenta marcada pela presença da Fenomenologia, até sua abrupta ruptura com essa corrente filosófica já no final da década de cinquenta e início dos anos sessenta e que resultou em sua aproximação junto aos estudos estruturalistas e epistemológicos. No segundo capítulo faz-se um breve estudo sobre a presença da Fenomenologia no pensamento e nos primeiros escritos de Foucault, momento conhecido no interior de sua obra como “protoarqueológico”.

Mostramos como o pensamento fenomenológico, cuja origem remonta à obra de Edmund Husserl, foi posto através de um interesse na renovação do pensamento filosófico e científico a partir da busca pelo rigor sobre a validade e legitimidade do conhecimento científico e filosófico. O legado fenomenológico de Husserl chegou à França sendo absorvido e disseminado com os escritos de Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Ambos os filósofos desenvolveram apropriações específicas sobre as formulações fenomenológicas de Husserl.

Foi diante desse ambiente intelectual e desse cenário acadêmico que Michel Foucault obteve sua formação intelectual na passagem dos anos quarenta para os anos cinquenta licenciando-se em filosofia e psicologia. Foi através da articulação teórica entre essas duas disciplinas que Foucault deu início as problemáticas que iriam nortear seus primeiros estudos fenomenológicos em tornos de questões sobre o sentido e a significação.

Após mostrarmos o breve momento fenomenológico de Michel Foucault, centramos nosso estudo na migração teórica de sua posição no campo intelectual em direção aos estudos estruturalistas e epistemológicos. Partimos do princípio que o mote estruturalista de Michel Foucault num primeiro momento correspondeu a uma maneira de afastar qualquer associação de seus escritos com a tradição fenomenológica. Assim, foi com a composição de um novo híbrido teórico-metodológico que o filósofo desenvolveu suas histórias arqueológicas nos anos sessenta e passou principalmente a partir de 1966 com o lançamento de *As Palavras e as Coisas*, a ser reconhecido como um intelectual estruturalista.

Contudo, seria simplificar demais essa migração afirmar que Foucault simplesmente saiu de um ambiente filosófico em direção a outro. Para darmos

consistência argumentativa ao nosso estudo foi preciso mostrarmos como a influência da História das ciências, mais especificamente como a contribuição de George Canguilhem desempenhou papel fundamental nessa conversão teórico-metodológica, resultando num método para descrições discursivas históricas-estruturais sobre o aparecimento dos saberes. É a contribuição da História das Ciências de Canguilhem que constitui o contrapeso do Estruturalismo na “trajetória” teórica-metodológica em direção à Arqueologia. Essa linha de força insere-se dentro de um campo mais amplo que descreveremos com o nome de Epistemologia Francesa.

No terceiro capítulo é nosso objetivo mostrar a partir de um estudo sobre *As Palavras e as Coisas*, o estilo e o alcance teórico-metodológico das análises histórico-estruturais desenvolvidas por Michel Foucault durante a prática de sua arqueologia dos saberes. O fio condutor para o reconhecimento da prática de um estilo de estruturalismo por Michel Foucault em *As Palavras e as Coisas*, centra-se no estudo do conceito de Episteme. Com esse conceito Foucault pôde desenvolver um estilo de Estruturalismo que não se furtou a introdução de uma análise do tipo estruturalista como aquela originária na linguística estrutural, mais precisamente pela herança conceitual legada pelo curso de Saussure.

Assim, a partir de uma descrição histórica sobre os limites epistemológicos das relações discursivas internas a três diferentes Epistemes, Foucault desenvolveu um estilo próprio de Estruturalismo que não propôs a revelação de Estruturas universais que determinam as formas de saber, mas a existência de um *A Priori Histórico*. Ou seja, de condições históricas de possibilidade que permitem o aparecimento das regras que organizam e oferecem uma ordem para as relações discursivas e a consequente acomodação dos saberes dentro de limites conceituais.

Além da apresentação de um Foucault estruturalista a partir de um horizonte teórico-metodológico que disponibilizou ao filósofo uma linguagem conceitual e procedimentos metodológicos para sua prática de pesquisa, também vamos mostrar como o Estruturalismo constitui um dos objetos da pesquisa do filósofo desenvolvida em *As Palavras e as Coisas*. Dessa forma o debate sobre a participação de Michel Foucault na aventura estruturalista ganha uma dimensão dupla, pois ao mesmo tempo que a linguagem obtida com o objeto Episteme serviu ao filósofo como campo teórico para suas pesquisas, encontramos nas descrições arqueológicas do filósofo uma problemática que converte o Estruturalismo em objeto histórico da análise estruturalista, correspondendo à última

etapa e ponto de chegada, na segunda metade do século XX, da Episteme moderna que se configura a partir do final do século XVIII.

* * *

Para levarmos a cabo nossa pesquisa delimitamos como fonte bibliográfica primária tanto os livros escritos durante o período da chamada Arqueologia dos Saberes como: *A História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e claro, *A Arqueologia do Saber* (1969). Também foram trabalhados como fontes primárias para nossa pesquisa os textos escritos durante os anos sessenta no intervalo das obras arqueológicas do filósofo, assim, optamos por explorar na coleção *Ditos e Escritos* todos os textos do período que correspondem às publicações na década de sessenta e início dos anos setenta em que o tema ou o verbete Estruturalismo foi abordado e desenvolvido por Michel Foucault. É importante deixar claro que os escritos foucaultianos durante o período arqueológico além de compor parte essencial de nossa grade de leitura como fonte documental para a pesquisa, também foram nossos objetos nessa tese, visto que nossa hipótese procura mostrar específica presença de um estilo de estruturalismo nos escritos arqueológicos do filósofo.

As referências bibliográficas fornecidas por comentadores como Deleuze, Roberto Machado, Edgardo Castro, Paul Veyne, Judith Revel, Paul Rabinow e Hubert Dreyfus sobre o pensamento e os escritos de Michel Foucault também foram analisadas e utilizadas como complemento para nossa pesquisa, além de possibilitarem uma amplitude conceitual para nossa leitura e para o desenvolvimento dos objetivos dessa tese.

Capítulo I. Estrutura e Estruturalismo.

1. Os Estruturalismos, diferenças de um pensamento multilinear

A apresentação das noções teóricas relativas aos conceitos de Estruturalismo e de Estrutura aparecem como nosso primeiro tema e campo de problemas a serem desenvolvidos nesse capítulo. Para levarmos a cabo nosso objetivo optamos por explorar com maior atenção e profundidade o texto de Gilles Deleuze: “*Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?*”³⁶ O texto foi escrito em meio ao franco desenvolvimento das pesquisas estruturalistas em 1967, mas somente foi publicado no ano de 1973 em uma coleção de História da Filosofia³⁷ dividida em vários volumes e dirigida por François Chatelet.

Deleuze escreveu seu texto sobre o Estruturalismo em um momento histórico marcado pela grande variedade de definições conceituais e pelo grande alcance teórico e prático obtido pelos estudos estruturalistas. Durante os anos sessenta os estudos delimitados pelo que se chamou Estruturalismo tornaram-se a principal referência teórica-metodológica no campo científico, sobretudo para os trabalhos desenvolvidos no interior das ciências humanas. Esses trabalhos mesmo que partindo de disciplinas muito diferentes e de autores que empregaram métodos distintos como: Lévi-Strauss, Louis Althusser, Jaques Lacan e Michel Foucault, forneceram em suas pesquisas e textos *critérios formais* para o *reconhecimento* do conceito de *estrutura* e do *pensamento estruturalista*.

Nosso principal interesse em mostrar e nos apropriarmos da perspectiva estruturalista delimitada por Deleuze, se justifica pelo conjunto de argumentos que auxiliam a pensar e a mostrar o Estruturalismo como interface teórica-metodológica durante o desenvolvimento da pesquisa arqueológica de Michel Foucault. Não foram poucas as referências em que Gilles Deleuze apresentou passagens do trabalho de Michel Foucault sobretudo em *As Palavras e as Coisas*, como demonstrações de um estilo

³⁶DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

³⁷Ibid.

específico de pesquisa estruturalista desenvolvida nos anos sessenta a partir de uma linha de análise híbrida histórico-epistemológica.

Dentre os sete critérios apresentados por Gilles Deleuze escolhemos três³⁸, tendo em vista a possibilidade de delimitarmos um diálogo mais fértil entre as diferentes abordagens do estruturalismo selecionadas pelo filósofo. Os critérios analisados como marcadores de características reconhecíveis na atividade estruturalista foram: o *simbólico*, o *sentido de posição*, e as *relações entre elementos*. Percebe-se que esses critérios delimitados conforme a leitura deleuzeana são um pouco distintos dos mais habituais, a saber: modelo, conjunto, sistema; postos em debate quando o assunto é uma abordagem teórica sobre a noção de estrutura e do método estrutural. Não obstante, a razão pela qual optamos por nos apropriar desta posição foi justamente a presença dessa torsão conceitual realizada por Deleuze ao recolher e delimitar critérios diversos e distintos daqueles que definem comumente a prática estruturalista.

Dessa maneira, os critérios sobre o *reconhecimento do estruturalismo* decorrem dos próprios textos que Deleuze selecionou e analisou, como sua seleção ocorreu em domínios diferentes e com linguagens diferentes, os critérios apresentados por Deleuze sobre o estruturalismo apresentam-se como critérios formados por uma espécie de *híbrido sobre posições teóricas estruturalistas*, e que lhe serviram de fonte para responder à questão que dá título ao seu texto.

³⁸A seleção dos critérios de reconhecimento do Estruturalismo não foi arbitrária. A razão dos três critérios escolhidos se deve ao fato de serem critérios que possibilitam a conexão teórica entre as diferentes posições do Estruturalismo.

1.1. Sobre o Problema Estrutural: Estruturalismo, Estrutura e Linguagem.

O artigo de Deleuze aponta logo em suas primeiras linhas para uma reflexão comparativa entre uma pergunta de outrora, em contraste com outra pergunta posta na atualidade em que ele escreve seu texto. Assim, o questionamento anterior que ressoou pela inteligência francesa entre os anos quarenta e cinquenta foi: *Que é o existencialismo?*³⁹ Mas em 1967 a pergunta passou a ser outra, nesse momento se perguntou; *Que é o estruturalismo?*

Para o filósofo essa questão possuiu sua legitimidade ao ser colocada em fins da década de sessenta. Seu escopo? Ter apresentado um real interesse em obras que estavam naquele momento exercendo um efeito de influência no pensamento francês com a proposta de uma renovação paradigmática,⁴⁰ a qual marcou toda uma geração⁴¹ de pensadores na academia francesa. Dessa forma, estabelecer uma definição epistemológica sobre o que estava se passando sobre o nome de Estruturalismo correspondeu a um grande interesse de autores em precisar e conhecer *como* e *quem* estava naquele momento (1967) realizando de maneira bem-sucedida pesquisas rotuladas como *Estruturalistas*.⁴²

³⁹O existencialismo também foi tema da coleção de *História da Filosofia* organizada por François Chatelet, “*Os existencialismos*”, escrito por Christian Descamps, dá título ao quinto (V) capítulo do mesmo livro em que se encontra o texto de Deleuze sobre o Estruturalismo. O próximo capítulo será dedicado ao estudo da formação filosófica de Foucault, dessa forma retornaremos ao pensamento fenomenológico associado ao sujeito e que na França deu início ao movimento filosófico chamado de existencialismo. DESCAMPS, Christian. *Os Existencialismo*. In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

⁴⁰Na introdução de Michael Peter em, *Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença*, o autor destaca que entre os anos de 1950 e 1960 efetivou-se na universidade francesa um programa teórico-metodológico que reintroduziu um novo “megaparadigma” transdisciplinar, o qual integrou as ciências humanas e sociais em uma perspectiva otimista quanto a legitimidade epistemológica dessas ciências. Cf: PETER, Michael. **Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença**. Autentica. Belo Horizonte, 2011. p. 9.

⁴¹De acordo com Foucault foram muitos os cientistas sociais que aderiram a posição metodológica estruturalista quase que ao mesmo tempo na França. Em uma entrevista com Madeleine Chapsal em 1966, o filósofo se refere aos jovens com menos de 20 anos no período da segunda guerra mundial que tinham em Sartre e Merleau-Ponty a representação de figuras heroicas, mas que na década de cinquenta passaram a ter seus escritos contestados perdendo parte do prestígio e legitimidade diante da geração do Pós-Guerra. Cf: FOUCAULT, Michel. “Entrevista com Madeleine Chapsal”. In: **Ditos e Escritos volume VII. Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 145-146.

⁴²Eduardo Prado Coelho nos adverte em uma introdução para uma coletânea de textos teóricos sobre o estruturalismo organizada por ele mesmo em 1967. Para o autor “*os Estruturalismos*” corresponderam a um conjunto de diversas atividades e manifestações realizadas através de pesquisas e análises praticadas principalmente na França na metade do século XX. Essas

Procurando reconhecer quem praticou esse tipo de pesquisa, a resposta deleuzeana começa conservadora, isto é, pelo “lugar comum”. Assim, foi apresentado com a designação inicial de *estruturalista* um linguista como Roman Jakobson, um sociólogo como Lévi-Strauss, um psicanalista como Jaques Lacan⁴³, um filósofo que renovou a epistemologia como Michel Foucault, um filósofo marxista como Louis Althusser e seus colaboradores e Roland Barthes na condição de estruturalista e crítico literário junto aos escritores associados a revista *Tel Quel*.

Nesse sentido, tão importante quanto a variedade de domínios que foram explorados nessas pesquisas, foi justamente o fato de que cada pesquisador, ao seu modo e de acordo com o domínio do qual discursava e explorava em suas investigações, reconhecer uma *linguagem estrutural*. O reconhecimento dessas diferentes linguagens estruturais possibilitou a abertura de um novo campo teórico com seus problemas, métodos (procedimentos de pesquisa) e soluções. Foi o conjunto desses diferentes “caminhos” por onde foram introduzidas *linguagens estruturalistas* que veio a ser chamado de *Estruturalismo*, segundo Deleuze, o estabelecimento de certas relações de

atividades circunscreveram domínios díspares, de forma que não deve ser reunida e compreendida num programa comum. Classificar todas as pesquisas que foram reconhecidas como estruturalistas num mesmo bloco homogêneo, ou numa mesma corrente teórica-metodológica significa apagar as diferenças contidas nesse programa a favor de uma falsa unidade representativa. COELHO PRADO, Eduardo. Introdução a um Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidades e Estruturalismos. In: **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**. São Paulo: Martins Fontes. 1967.

⁴³O marco inicial para associar o pensamento e o trabalho de Jaques Lacan ao estruturalismo seja a partir da frase proferida no décimo primeiro seminário realizado por Lacan em 1964 “O Inconsciente é Estruturado como Linguagem” In: Seminário – livro 11. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 27. O estruturalismo que Lacan apresentou como referência teórica-metodológica para seus trabalhos de fato aparece com os seminários dos *Écrits* (estudadas por Deleuze no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*). A partir de 1953 através da influência do trabalho de Lévi-Strauss, Lacan toma conhecimento do CLG, a leitura de Lacan sobre Saussure lhe renderá em 1957 o importante texto: *L’instance de la lettre dan’s l’inconscient* (A instância da letra no inconsciente), texto marcado por um vocabulário próprio do curso de Saussure. Nesse texto Lacan declara toda sua adesão ao estruturalismo via linguística estrutural, citando tanto Saussure como Jakobson como podemos confirmar com a seguinte passagem “*É toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente*”. Cf: LACAN, Jaques. A Instância da letra no Inconsciente. In: **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**. Organizado por Eduardo Prado Coelho. São Paulo. Martins Fontes, 1967. p. 257-288. Cf: DOSSE, François. Um Rebelde chamado Jaques Lacan e O chamado de Roma (1953): O Retorno a Freud. In: **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 139-163.

analogia teóricas-metodológicas tornou possível a formação de um “espírito do tempo estrutural”.⁴⁴

Assim, Deleuze atribuiu à disciplina da linguística o campo teórico fundador do estruturalismo, no entanto, a “origem” científica do estruturalismo posto pela disciplina da linguística não se deu por um único caminho nem por uma única tradição, isto é, o curso de Saussure e o consequente “corte saussuriano,”⁴⁵ comumente considerado a principal referência e “pedra angular” para o surgimento de uma linguística científica e estruturalista, foi acompanhado pelos estudos originários no leste Europeu chamados de *estudos formalistas*⁴⁶. Dessa maneira, para Deleuze, tão importante quanto a influência teórica do curso póstumo do linguista suíço, as contribuições das escolas de Moscou e de Praga devem ser consideradas igualmente importantes para o surgimento do discurso-gênese do Estruturalismo.

O pensamento e o método estruturalista após sua emergência no campo científico a partir de sua origem com os estudos linguísticos, estendeu-se para outros domínios científicos, contudo essa extensão não ocorreu simplesmente pela superioridade e pelo desenvolvimento epistemológico mais avançado do modelo teórico desenvolvido

⁴⁴DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973. p. 294.

⁴⁵O termo é quase que senso comum para o estudo do estruturalismo tendo em vista que maioria daqueles que se declararam estruturalistas optaram por essa via. O “corte saussuriano” resumidamente significa que as análises estruturais nas ciências humanas em solo francês, têm seu fundamento no método de análise formal e sincrônico da língua ensinado pelo linguista suíço Ferdinand Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*. Maria do Rosário Gregolin comentou sobre a contribuição de Saussure: “No contexto francês é interessante notar que a incorporação dos conceitos saussurianos acontecerá primeiro em disciplinas como a antropologia e a sociologia e só depois alcançará a linguística propriamente dita. (...). Por isso, o movimento estruturalista empreende um constante retorno a Saussure. O *Curso de Linguística Geral* foi interpretado como o momento de um corte entre uma linguística pré-científica e uma linguística fundada em hipóteses e métodos rigorosos, como momento de instauração da “ciência do signo”: a abordagem descritiva, a prevalência dos sistemas, a preocupação em definir as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos; a ideia fundamental da arbitrariedade do signo; a visão da língua como sistemas de signos a partir do princípio semiológico (teoria do valor); a noção de sistema, que propõe uma postura abstrata conceitual, pois cada elemento é relacional, tira seu valor da relação; a oposição sincronia/diacronia. (...)”. In. GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso. Diálogos e Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 20-23. Dosse também demarca essa influência da linguística para as ciências humanas no quadro geral do estruturalismo, e dedica o capítulo sete a esse tema. Cf: DOSSE, François. “O Corte Saussuriano” In: **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru: EDUSC, 2007.

⁴⁶FOUCAULT, Michel. FOUCAULT. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3ª Edição, 2013.

pela linguística com relação as suas vizinhas ciências humanas⁴⁷. Deleuze contesta a perspectiva sobre o desenvolvimento histórico-epistemológico do estruturalismo como simples apropriação metodológica, isto é, a transposição de um método eficaz em determinado domínio científico para outro. Para o filósofo o estruturalismo possui sua eficácia como “método revolucionário”, *não é uma repetição do mesmo*, mas a criação e a invenção de diferentes perspectivas, nesse sentido como escreveu Deleuze, o estruturalismo não se trata:

[...] De analogia: não é simplesmente para instaurar métodos “equivalentes” aos que antes tiveram êxito na análise da linguagem. Na verdade, só há estrutura daquilo que é linguagem, nem que seja uma linguagem esotérica ou mesmo não-verbal.⁴⁸

Desse modo, só pode existir algum tipo de estrutura como por exemplo, uma *estrutura do inconsciente*, na medida em que o próprio inconsciente *fala sua própria linguagem*, trata-se então de decifrar como essa linguagem pode ser estruturada em séries diferentes, (séries como sonho ou o desejo). Assim como só pode existir estrutura dos corpos na medida em que se estabelece um juízo pelo qual os corpos falem por seus sintomas, ou com relação a própria linguagem dos signos que faz com que as *coisas* possuam uma forma estrutural, na medida em que a linguagem das *coisas* se coloca como discurso silencioso só pode adquirir som com a análise de sua estrutura dada alguma linguagem.

Portanto, a partir dessa perspectiva sobre a origem e o desenvolvimento do método estruturalista através de uma análise sobre a *linguagem*, iremos caracterizar o

⁴⁷Podemos tomar essa posição de Deleuze como uma crítica, ou pelo menos uma contraposição a Lévi-Strauss em seu texto “*A Análise Estrutural em Linguística e Antropologia*”, publicado no livro *Antropologia Estrutural* de 1958. Lévi-Strauss sustenta a tese de que a análise da linguagem realizada por Saussure e seus sucessores das escolas de Moscou e Praga foram análises do tipo linguístico-estrutural, e que serviu de modelo a ser transposto para as ciências humanas. Os linguistas teriam fornecido aos etnólogos um modelo de explicação teórica para as relações de parentesco e matrimônio entre “povos primitivos” análogo metodologicamente as análises sobre os fonemas. A linguística assumiria assim a condição de “ciência-piloto” nesse programa de análise estrutural, sendo a disciplina com maior desenvolvimento científico, inclusive aproximando-se das ciências exatas na interpretação de Lévi-Strauss, assim a linguística ocupou um *lugar excepcional* no rol das ciências no início do século XX, justificado pela realização de seus *progressos* no campo científico serem de longe maiores do que os de suas vizinhas ciências humanas. Cf: STRAUSS, Claude Lévi. *A Análise Estrutural em Linguística, e, Linguística e Antropologia*. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify. 2008, p. 57-86.

⁴⁸DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 272.

conceito de estrutura e estruturalismo a partir de três critérios fundamentais para a compreensão do programa estruturalista.

2. O Estruturalismo como pensamento sobre o Simbólico. A Estrutura Triádica.

O primeiro critério apontado por Deleuze para o reconhecimento prático do método estruturalista e de um objeto estrutural, foi a descrição de uma terceira ordem, de um terceiro reino: *o simbólico*. Mas para tratarmos desse critério objetivamente é necessário que antes sejam feitas algumas caracterizações sobre como funciona nosso pensamento a partir da relação entre real e imaginário. É prática comum entre os pensadores (filósofos) a distinção e a correlação entre real e imaginário, independente da escola e tradição filosófica pela qual o filósofo exerça sua reflexão, afinal “todo nosso pensamento mantém um jogo dialético entre essas duas noções”.⁴⁹

Dessa forma para o discurso filosófico clássico (cânones da filosofia como Platão Descartes, Kant e Hegel), o tema da “razão pura” e do entendimento puro, corresponde a uma faculdade definida pela capacidade e aptidão da consciência para a apreensão do “real” em sua profundidade, em sua “real verdade”. Isto é, o “real” como ele é de fato, essa perspectiva sobre a realidade verdadeira deve manter certa oposição como também uma relação com as ideias produzidas na consciência.

Essa relação de oposição entre real (matéria) e imaginário (ideias) não foi posta somente no âmbito do discurso filosófico clássico, movimentos artísticos e até científicos também corroboram essa clivagem. Segundo Deleuze, os movimentos artísticos como surrealismo e simbolismo, e o movimento literário chamado de romantismo, possuem “*o ponto transcendente em que real e imaginário se penetram e se unem, ora sua fronteira aguda, como o gume de sua diferença.*”⁵⁰ Mas em todas essas

⁴⁹DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 272.

⁵⁰Ibid. p. 273.

maneiras de compreender o homem, o real e o pensamento, a oposição entre real e imaginário ainda permanece.

Deleuze atribui até para as análises psicanalíticas de Freud a perspectiva teórica de apresentarem uma dialética entre real e imaginário, isto é, a posição científica do método psicanalítico de Freud para a decodificação dos dois princípios que alimentam nossa consciência: o de *realidade* com sua força de decepção e desencantamento sobre o mundo, em oposição ao princípio de *prazer*, com poder de satisfação alucinatório e experimentado pelo imaginário.⁵¹

Reconhecer a prática do método estruturalista pelo critério simbólico corresponde a encontrar uma *linguagem*, visto que só pode se constituir como *símbolo* um determinado *objeto* que represente e signifique um *outro objeto*, como por exemplo, o signo linguístico-comunicativo, a coisa representada por ele. Assim, o simbólico constitui-se já em sua origem conceitual como um *objeto relacional e estrutural*, mas isso não significa que seja possível falar em uma *linguagem simbólica* como puro reflexo, ou como espelho entre mundo e signo. Mas ao contrário, isto é, a linguagem simbólica na perspectiva estrutural delimitada por Deleuze estabelece justamente como o ponto de partida uma relação de *diferença* entre signo, significante e coisa significada.⁵²

Não se trata de um símbolo que estabeleça a unidade e a identidade entre realidade-sensível e imagem-consciência, essa *diferença* se dá na interação linguística de produção de sentido e significados a partir da complexa relação entre: coisa-mundo-real e imagem-significado-conceito. Dessa forma, para que seja possível separar da tradicional relação dual (consciência e objeto) uma terceira ordem chamada de uma *estrutura*⁵³*simbólica*, cuja existência está atrelada a um *espaço* ordenado por *posições linguísticas*, foi necessário antes o desenvolvimento de um estilo de reflexão sobre a linguagem e mais especificamente sobre a produção e o sentido das palavras dentro de uma determinada língua.

⁵¹Ainda sobre métodos científicos postos pela oposição real-imaginário o autor cita Jung e Bachelard, e suas complexas relações quanto ao imaginário e o real por comportarem-se como uma unidade transcendente pautada num tenso limiar entre a fusão e o corte. Cf: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973. p. 272.

⁵²Ibid.

⁵³Cf: WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**: Petrópolis. Vozes, 2013. p. 87. Williams ao comentar a noção de estrutura no texto de Deleuze nos indica que o filósofo francês postula como lugar de existência da estrutura o campo da linguagem, assim só pode existir estrutura “(...) onde há linguagem, e não onde haja coisas ou mentes”.

Assim, foi diante dessa problemática linguística que se pôde evidenciar o *caráter triádico* da estrutura, 1,2,3, *real-imagem-posição da linguagem*. Williams ao comentar esse primeiro critério apresentado no texto de Deleuze, apontou para o papel da linguagem no processo de independência e constituição da estrutura para além do real e do imaginário.

O ponto de Deleuze é que a estrutura é importante porque é algo mais do que compreendemos ser a coisa objetiva ou o que imaginamos serem as coisas. Ao invés disso, a estrutura deve ser independente daquelas coisas, ainda que parte do que as torna completas para o pensamento. A linguagem é o que permite esta independência, mas também esse papel constitutivo.⁵⁴

Então para além do real e do imaginário, Deleuze nos apresenta o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo como a descoberta de uma terceira ordem através das análises dos “linguistas estruturalistas”. As análises originárias com linguistas estruturalistas do leste europeu pôs fim a confusão entre o conteúdo da linguagem simbólica com os conteúdos dos elementos constituídos no real e do imaginário. O simbólico passou a ser compreendido como expressão que dá forma para uma estrutura linguística, isto é, não é coisa nem imagem, mas sim uma *posição*⁵⁵.

Trata-se de uma *posição para a linguagem em uma ordem simbólica*, identificada na *língua (langue)* como um sistema possível de produção de significados a partir da mudança de elementos quando produz-se a fala (*parole*), isto é, pela articulação e permuta dos fonemas na produção de palavras⁵⁶. Assim, coube ao linguista estruturalista

⁵⁴Ibid. p. 87.

⁵⁵Deleuze afirma que o critério definido por ele como simbólico constitui a “*posição de uma ordem*”, mais profunda que o real e o imaginário, e que portanto trata-se de um local e ou de uma posição, esse será o segundo critério para o reconhecimento do estruturalismo, e será discutido mais a frente, contudo é de difícil definição conceitual esse lugar ou espaço, assim ele não define formalmente em que consiste o elemento simbólico, mas afirma aquilo que este elemento não pode ser, como uma estrutura, que corresponda a algum elemento simbólico com forma sensível, nem com alguma figura da imaginação, nem como alguma essência passível de inteligibilidade. Cf. DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

⁵⁶Aqui a referência de Deleuze ao linguista estruturalista que estudou o fonema pode ser interpretada no seguinte sentido: O método estruturalista em linguística tem sua origem atrelada ao *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Ferdinand Saussure, a difusão das ideias contidas nesse curso chegaram a França por intermédio de Lévi-Strauss, via antropologia, (é curioso notar que as ideias de Saussure chegaram na França primeiro nas ciências humanas e só depois nas ciências linguísticas), contudo Lévi-Strauss só teve contato com essas ideias após seu encontro com o linguista russo Roman Jakobson em Nova York em 1942. Jakobson por sua vez, foi o fundador

descobrir um objeto novo, com natureza completamente diferente daquilo que a ciência e a filosofia já puderam objetivar, o linguista estruturalista descobre o *objeto estrutural*.

(...) Para além das palavras em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o linguista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, o objeto estrutural.⁵⁷

Então o que ganha epistemologicamente com as análises estruturais sobre o elemento simbólico? Segundo Deleuze, com a “revelação” da ordem simbólica surge um terceiro elemento para a construção do entendimento da realidade, assim, evita-se o *jogo dialético* de articulação entre real e imaginário, pois, o simbólico constitui uma espécie de terceira ordem, com uma função relacional *muito específica*⁵⁸ e precisa. A análise da linguagem simbólica não se refere a associação ou fusão entre realidade + imagem (1+2) como resultado ou correlação, para a análise estrutural o elemento simbólico existe como uma *posição* que “costura”, como uma “transa”, isto é, um conjunto de elementos dispostos que compõe um quadro estruturado entre o real e a imagem em um espaço estrutural composto por posições simbólicas.

do círculo linguístico de Moscou em 1915, com a tarefa de promover a linguística e poética na Rússia, no caso de Jakobson o grande impulso para os estudos linguísticos foram dados pelo formalismo e pelo futurismo. Foi então somente em 1920, em Praga que Jakobson teve contato com o curso de Saussure, mas a grande e decisiva influência para o desenvolvimento da análise estrutural dos fonemas de Jakobson foi dada pelo príncipe Russo Nicolai Trubetzkoy. Estudioso dos *fonemas* pôde participar de maneira decisiva da renovação dos estudos da linguística como disciplina científica em grande medida graças a seus estudos sobre fonologia. CF: DOSSE, François. O Homem-Orquestra. Roman Jakobson. In: **História do Estruturalismo: O Campo do Signo**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 53-54,93-100.

⁵⁷DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973, p.273.

⁵⁸Segundo Williams, Deleuze não procura afirmar que o estruturalismo seja um método que se ocupe com a questão das relações entre o imaginário e o real. Não se trata de relacionar aquilo que passa em nossa imaginação com coisas reais que percebemos. Também não se ocupa o estruturalismo, na versão expressa por Deleuze, em explicar como nossas mentes e objetos vem a divergir e ou como podem se coincidir, e por que as vezes se separaram e as vezes trabalham juntas. Mas ao invés disso, Deleuze está preocupado em apresentar uma região simbólica em que de fato nada tem a ver com símbolos enquanto algo que está conectando o que imaginamos com o que percebemos, mas sim de espaço que possibilita a circulação de séries e seus elementos diferencias que as constituem. CF: WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis. Vozes, 2013. p. 87-88.

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze refere-se a uma noção triádica para caracterizar a estrutura simbólica, isto é, a estrutura deve ser similar a uma *ordem espacial dita simbólica*, uma vez que a estrutura existe com a *função de elo ao tecer as séries real e imaginário*. Dessa forma, o real tende a ser *um* e fazer-se *um* em sua totalidade que está sempre aberta, já o imaginário deve ser *duplo*, pois está sempre se *desdobrando* desse real e seguindo caminhos com múltiplas variações. Assim, a ordem simbólica é terceira, isto é, *triádica*, pois essa ordem corresponde a um “*entre*” com a função própria de fazer o “*movimento desse jogo*”⁵⁹, dessa maneira, o elemento simbólico faz as séries circularem pelo espaço estrutural, tornando possível a atualização da estrutura justamente partir do movimento interno das séries de elementos⁶⁰.

Segundo Deleuze, foi Jaques Lacan quem formulou um conceito-imagem sobre um *terceiro pai* que ganha materialidade na linguagem sob a forma de *Nome do pai*, mas que vai muito além do pai real, (o pai na carne e na experiência vivida) esse terceiro pai se manifesta por símbolos “*fantasmagóricos*” sobre diversos pais ideais. O que Lacan fez, foi revelar um terceiro pai mais fundamental que o pai-realidade e que os pais-imagens já conhecidos pela psicanálise, a descoberta desse terceiro pai, ou *Nome do Pai* como elemento linguístico-simbólico representa que o signo-pai, ao menos para nossa consciência não seja composto somente pelo pai real e pelas imagens de pai, mas, pelas tensas perturbações dessa relação ao ser pensada como limite de um processo no qual seja possível a constituição a partir do simbólico.

⁵⁹Podemos perceber que Deleuze propõe uma interpretação do estruturalismo que remete ao *jogo*, no sentido das ordens de posições que definem os lances dos jogos como num jogo de cartas. Deleuze estudou o texto: *A carta Roubada*, de Lacan, como referência a jogos de tabuleiro e suas posições fazendo referência a Lévi-Strauss.

⁶⁰Mas o que torna as estruturas atuais? Ou melhor, o que existe de atual numa estrutura? Deleuze aponta para um tempo recortado, repartido e de modificação por diferentes durações na relação entre passado-presente, *o que é atual é aquilo que a estrutura se encarna ou antes aquilo que ela constitui encarnando-se*. Elas são atuais porque é a partir da estrutura que se destacam os acontecimentos singulares que as modificam naquilo que já foram, assim “*a estrutura é um espaço para a existência de singularidades temporais que à atualizam no tempo*”. Dessa maneira, a estrutura modifica-se no tempo e pelo tempo, são as modificações das relações diferenciais de uma estrutura que constituem as próprias modificações entre a ordem dos espaços e das posições que vem a ser preenchidas por seres reais, são essas alternâncias de preenchimentos dessas posições no *espaço relacional* que modificam e diferenciam a estrutura, tornando-a sempre atual e móvel, com um tipo de mobilidade em várias dimensões e direções para com as relações estruturáveis, tanto vertical quanto horizontalmente, diagonal ou transversalmente. Através dessa caracterização temporal da estrutura, obtém-se o caráter “*acontecimental*” e *temporal* para a estrutura no estruturalismo reconhecido por Deleuze. Da estrutura, pode-se dizer, ser: *real sem ser atual, ideal sem ser abstrata*. DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p.276.

Já possuímos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. Em todos nossos dramas passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jaques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai.⁶¹

Assim, o simbólico é profundo, está para além da palavra e do som, além do conceito e da imagem, isto é, tanto os conceitos como as imagens e os sons e as palavras, constituem uma “superfície de contato” para que a consciência do sujeito crie seus significados. Dessa maneira, a posição colocada pelo estruturalismo para o conhecimento foi além do alcance teórico da clássica dualidade entre a sujeito e objeto. Para Deleuze, o que se convencionou reconhecer sob a égide do estruturalismo foi de maneira esquemática a possibilidade de pensar e investigar diversos campos de vida social, política e cultural, dada as várias perspectivas que reconheçam em suas análises o elemento *simbólico*.

Nesse sentido, a primeira conclusão sobre o pensamento e o método estruturalista como atividade de conhecimento na interpretação deleuzeana, apontou para a oposição sobre qualquer análise que ofereça privilégio para algum *sujeito do saber*, isto é, com relação a existência de alguma consciência que conheça de fato a realidade sensível e experimentável. A perspectiva de Deleuze sobre o estruturalismo também é contrária ao privilégio da imaginação e da ideia como uma espécie de “poder” superior da razão, o qual mantém com relação ao real a finitude de seus limites.

Logo, o *estruturalismo* ao contrário da fenomenologia não deve tratar do que pode ser mostrado e daquilo que apareça no real, ou sobre aquilo que possa ser imaginado após ter sido percebido, mas antes, o estruturalismo na posição de Deleuze, já como um método para o conhecimento preocupa-se com as condições estruturais pelo qual o real e a imaginação possam existir, fazendo com que o *pensamento* possa se libertar das referências tanto de uma realidade ilusória como também da limitada imaginação humana.⁶²

⁶¹Ibid. p.273.

⁶²WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**: Petrópolis. Vozes, 2013. Williams também assinalou em sua leitura de Deleuze, que o primeiro passo para libertar o pensamento estruturalista das recorrências fixas do significado entre real e imaginação, ou seja, (1 + 2), seja a dedução de um terceiro termo: a Estrutura (3). *A estrutura como um espaço*, um “entre”, um *local*, uma *posição de ordem simbólica* não tem nada a ver com a unidade da coisa “real” e “percebida” (1 + 2), mas

Lacan⁶³ em seus *Ecrits*, de forma original foi quem mais longe levou as análises de distinção entre real, imaginário e simbólico. Inclusive esta distinção segundo o filósofo francês marcou as pesquisas de todos aqueles que se reconheceram como estruturalistas, o que deixa claro a importância da noção de ordem simbólica como artefato da linguagem, da produção de mitologias e ou da libido. Deleuze atribuiu a Lacan, assim como a outros estruturalistas que o simbólico como característica reconhecível em determinada estrutura está no “(...) *princípio de uma gênese* (...)”⁶⁴. O que ele quer dizer com isso?

De fato, a estrutura instala-se no quadro conceitual de Deleuze não como um conceito posto por um “materialismo puro”, pelo qual a estrutura deriva da realidade concreta, ou de imagens, como subprodutos dessa realidade. Mas ao contrário dessa perspectiva, a estrutura ganha vida ao se *encarnar* nas realidades vividas e nas imagens pensadas, a estrutura constitui na verdade tanto um espaço para posições da realidade quanto para as imagens, sendo a um só tempo “(...) *subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação*.”⁶⁵ Assim temos na estrutura o *espaço para*

ao contrário, o símbolo quando empregado por Deleuze não é uma representação do imaginário bem definida, pois não possui a divisão interna da coisa imaginada (no caso a distinção da consciência representativa entre a imagem e a coisa imaginada), pois se a estrutura se reduzisse a essa condição, não haveria valor de superioridade em profundidade por parte da estrutura em relação a realidade e a imagem. A estrutura seria antes, uma forma meramente de referência para compreensão representativa entre aquilo que é imaginado e aquilo que a imagem deveria projetar e referir, ou seja, a coisa real, o próprio empírico. É nesse sentido que o estruturalismo libera um terceiro elemento, a própria *estrutura como espaço*. Cf: WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**: Petrópolis. Vozes. 2013, p. 88-89.

⁶³O exemplo de Lacan sobre o terceiro-pai é retomado por Deleuze na perspectiva de distinção entre real, imaginário e simbólico, essa retomada visa estabelecer a partir de um exemplo encontrado numa análise de Lacan o significado desses elementos. Porém essa distinção deve ser cuidadosa, uma vez que o real em si mesmo não é totalmente separável do ideal. O real possui a tendência de fazer o um, e deve ser uno em sua verdade como coisa. Já o imaginário vai-se desdobrar desse uno compondo um duplo, como imagem-pai clivada e projetada em outras pessoas como assinalou Carvalho, assim o imaginário exerce sua ação no real, e não fora dele num mundo ideal, por isso real e imagem não são totalmente separáveis. Já o imaginário, por sua vez, é dois, segundo Deleuze: “*o imaginário define-se por dois jogos de espelho, de desdobramento, de identificação e de projeção invertidas, sempre sob o modo do duplo*”, entretanto, o simbólico enquanto terceira ordem não está somente para além do real e do imaginário, como o três está para além do dois e do um. Este terceiro é ao mesmo tempo irreal e não-imaginável, “*existe sempre a procurar no próprio simbólico a estrutura, que assim torna-se triádica, e sem o qual ela não poderia “circular”*”. DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973, p. 274.

⁶⁴Ibid. p. 275.

⁶⁵Ibid.

posições ocupadas por elementos simbólicos diferenciados do real e do imaginário, sendo antes, *o espaço estruturado mais profundo que realidade e imagem*.

Portanto, podemos delimitar como o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo consiste na caracterização da estrutura *como uma posição em uma ordem simbólica*, que não é de maneira nenhuma redutível tanto a ordem primeira do real, nem a ordem segunda do imaginário, assim o conceito de estrutura para Deleuze foi caracterizado enquanto uma *posição de ordem simbólica* da seguinte maneira.

Podemos dizer, pelo menos, que a estrutura correspondente não tem nenhuma relação com uma forma sensível, nem com uma figura da imaginação, nem como uma essência inteligível. Nada a ver com uma forma: porque a estrutura de forma alguma se define por uma autonomia do todo, por uma pregnância do todo sobre as partes, por uma *Gestalt* que se exerceria no real e na percepção; estrutura se define, ao contrário, pela natureza de certos elementos atômicos que pretendem dar conta ao mesmo tempo da formação dos todos e da variação de suas partes. Nada a ver também, com figuras da imaginação, embora o estruturalismo seja inteiramente penetrado de reflexões sobre a retórica, metáfora e a metonímia; porque essas próprias figuras implicam deslocamentos estruturais que deve dar conta ao mesmo tempo do próprio e do figurado.⁶⁶

Portanto, o estruturalismo não tem nada a ver com um estilo de pensamento e prática teórica-metodológica que remeta à descoberta da essência de algum determinado objeto. O estruturalismo não procura por essências porque a estrutura se compõe por uma combinatória temporal que se atualiza pelos elementos formais que a compõem. Louis Althusser demonstrou essa perspectiva, segundo Deleuze o filósofo marxista “*assinalou o estatuto da estrutura como idêntico a própria “Teoria” – e o simbólico deve ser entendido como a produção do objeto teórico original e específico.*”⁶⁷

Toda essa caracterização do estruturalismo até aqui revelou dois grandes traços da análise estrutural, por um lado tem-se o traço mais agressivo dessa atividade metodológica, pois, ao apresentar a categoria do simbólico como objeto de análise, os estruturalistas *denunciaram* um profundo desconhecimento das ciências humanas sobre o pensamento e a realidade humana para além do real e do imaginário. Outro traço revelado sobre as análises estruturais foi menos agressivo e mais interpretativo, isto é,

⁶⁶Ibid. p. 276.

⁶⁷Ibid. p. 275.

representou o processo de releitura e renovação da interpretação de importantes teorias, pois “*pretende-se descobrir um ponto original onde se faz a linguagem estrutural, elaboram-se as obras, unem-se as ideias e as ações.*”⁶⁸

Assim, obras e unidades do pensamento como freudismo e o marxismo, a partir da grande influência exercida sobre o campo das ciências humanas puderam ser relidas à luz de uma abordagem estrutural. De acordo com Deleuze são as próprias obras míticas, filosóficas, científicas e poéticas que estão sujeitas a uma grande reinterpretação por uma linguagem estrutural. Para Deleuze o movimento estruturalista através dessa postura (re)-interpretativa possui real valor na medida em *que anima obras novas*, isto é, o que importa ao estruturalismo enquanto forma de pensar e metodologia científica é que *ele possibilite enquanto pensamento a criação de algo novo*⁶⁹.

⁶⁸Ibid.

⁶⁹Ibid. p. 276.

3.Do Sentido de Posição e suas Relações.

Deleuze reconhece como o segundo critério para a caracterização do pensamento estruturalista o critério *de posição*⁷⁰, o qual, remete a noção de *conexão*. Isto é, o elemento simbólico da estrutura consiste num “*sentido de posição*” que *conecta* as relações entre os demais elementos da estrutura. Dessa forma, o reconhecimento do estruturalismo pelo critério posicional, dever ser compreendido pela *posição-espço*, sendo esse espaço e essa posição a forma pelo qual o simbólico atua como linguagem estrutural, assim, a “*estrutura concerne ao simbólico, sendo o simbólico uma posição ou localidade*”⁷¹.

Para apresentar o reconhecimento do *sentido de posição*, Deleuze apontou para as concepções estruturalistas apresentadas nos trabalhos de Lévi-Strauss sobre as relações de posição em jogos de tabuleiro. Jaques Lacan também realizou um estilo de análise estrutural a partir do sentido de posição, a noção de *jogos de carta* a partir da interpretação de um conto de Edgar Allan Poe remete à noção, em psicanálise, de fragmentação e descentramento do sujeito. Tanto o etnólogo quanto o psicanalista podem ter seus trabalhos relacionados por algumas ressonâncias teóricas, é claro que trata-se epistemologicamente de trabalhos desenvolvidos em domínios distintos e com propostas diferentes, contudo na perspectiva posta por Deleuze o critério posicional fez parte das perspectivas estruturalistas de ambos.

Com Lévi-Strauss, a análise comparativa dos jogos de tabuleiro com o pensamento e o método estruturalista foi feita sobre a *imagem dos diferentes movimentos das peças num jogo de xadrez*, isto é, os movimentos das peças no tabuleiro foram comparados aos *diferentes movimentos dos regimes temporais e de historicidade das diferentes sociedades*. De acordo com Lévi-Strauss, a análise do sentido não deve ser feita com relação à significação cognitiva, mas somente sobre o *sentido de posição*, isto é, anterior a qualquer designação do *sentido-significativo*, o sentido de fato é *sentido-topológico* entre os elementos de uma estrutura.

Dessa maneira, o sentido de posição que Deleuze reconhece nas análises de Strauss e Lacan, confere ao elemento simbólico sua significação por uma “*posição de vizinhança*”, *não se trata de um local numa extensão real, nem de lugares em extensões*

⁷⁰Ibid. 276.

⁷¹WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis. Vozes, 2013. p. 89.

*imaginárias, mas de locais e de lugares num espaço propriamente estrutural, isto é, topológico.*⁷²

Assim, o elemento simbólico ao circular pela estrutura preenche determinada posição significativa, essa condição de definição do espaço simbólico por outros elementos que fazem parte de sua vizinhança, confere um valor singular para determinado signo quando este é “encarnado” no elemento simbólico. Mas, o valor significativo produzido na estrutura não é resultado de uma identidade entre os elementos que a compõem, e sim pela diferença entre os elementos simbólicos que estabelecem vizinhança ao preencher suas posições. Isso é o que ocorre com os fonemas dentro de uma frase ao se encaixarem em determinada língua para criar signos com significados⁷³, isto é, a língua corresponde a um espaço *topológico*, pois aquilo que é estrutural é justamente as posições constituidoras desse espaço:

(...) mas um espaço inextenso, preextensivo, puro *spatium*, constituído cada vez mais como ordem de vizinhança, onde a noção de vizinhança tem precisamente, antes, um sentido ordinal e não uma significação em extensão.”⁷⁴

Esse espaço deve possibilitar nas palavras de Deleuze a existência de *relações entre elementos diferenciais*, isto é, os elementos simbólicos que vem preencher esses *espaços* se encarnam nesses espaços tornando-os reais no momento em que os preenchem.

⁷²DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 276.

⁷³ Em um texto de 1967, mas só publicado em 1984, intitulado “*Outros Espaços*”, Foucault escreveu: “*É do espaço de fora que gostaria de falar agora. O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterógeno. Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos.*” Cf: FOUCAULT, Michel. *Outros Espaços*. In: *Ditos e Escritos*, Volume III. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. p. 417. E também na análise literária de Foucault em *Raymond Roussel* de 1963, quando ele descreve o texto do escritor Raymond Roussel como uma reflexão sobre a posição do fonema *p* e *b*, formando as palavras *pilhard* e *bilhard*, que possuem sentidos muito diferentes dependendo da posição gráfica do fonema inicial da palavra, mesmo que o restante da palavra seja idêntico, (*ilhard*) a mudança de um elemento acarreta uma mudança de significado geral.

⁷⁴DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 276

Contudo, esse preenchimento espacial é transitório e histórico, pois os elementos circulam na estrutura e trocam de posições estabelecendo novas vizinhanças. Mas afinal, como ocorrem essas relações? Em que medida funcionam com relações estruturantes? E o que está sendo posto nessas relações? Williams nos oferece um caminho para resolução desse problema, vejamos como o comentador do filósofo as compreende:

(...) essas relações não se dão entre coisas e ideais, mas entre diferentes séries de outras relações. Isso explica a afirmativa sobre o espaço, já que as relações podem ser pensadas como construindo um novo espaço próprio e independente de ideias ou referentes correlatos.⁷⁵

A composição de um espaço simbólico como a “forma” para representar uma estrutura implica no rearranjo de relações novas, isto é, as relações entre os elementos no espaço simbólico-estrutural possibilitam a transição de elementos entre estruturas, isto é, a forma estrutural é modificável e não fixa, uma estrutura age transformando a outra produzindo diferenciações entre elas. Portanto, o método estruturalista enquanto análise sobre relações de elementos diferenciais, não se preocupa então com o *conteúdo dos elementos envolvidos*, mas sim com a *mudança das relações*. Assim o pensamento estrutural nessa abordagem deleuzeana analisa as condições relacionais para o aparecimento de objetos que podemos nos referir pela linguagem como também, para os objetos e imagens que podemos sentir e perceber.

⁷⁵WILLIAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 90.

4.As relações diferenciais e a temporalidade da Estrutura.

Para apresentar o terceiro critério sobre o reconhecimento do estruturalismo, Deleuze retomou a problemática sobre o “sistema linguístico”. Trata-se de retomar a linguística para pensar os fonemas a partir da constituição de *relações de posição como possibilidades lógicas*, isto é, os fonemas devem encarnar signos dentro de um campo de possibilidades significativas para nomear a realidade sob a forma de letras, sílabas e sons. Assim, o fonema em si mesmo só possui seu sentido dentro de alguma relação *fonemática*⁷⁶ que o une a outros fonemas, ou seja, é da própria natureza do fonema existir na forma de relação, pois é estabelecendo relações com outros fonemas que eles podem *determinar reciprocamente os significados*.⁷⁷

Deleuze mostrou ser possível distinguir pelo menos três tipos de relações que poderiam ser encontradas e desenvolvidas pelas diversas linguagens e análises estruturalistas entre os domínios pelo qual foi possível reconhecer essas linguagens. Um primeiro estilo dessas relações pôde ser reconhecido entre elementos que possuem independência e autonomia uns com relação aos outros, como por exemplo, com os algarismos. Nesse sentido, dada uma relação simples entre 2 e 3, segundo o filósofo as relações possíveis como $2 + 3$, ou $2/3$ (dois sobre três), são relações reais e seus elementos também são reais, ao menos no sentido de que estão definidos como unidades numéricas.

Já num segundo tipo de relação ainda com linguagem e no domínio da matemática é o da equação: $x^2 + y^2 - R^2 = 0$, segundo o filósofo essa relação se estabelece entre termos cujo valor não é conhecido e nem especificado, porém, mesmo assim devem existir muitas, talvez, infinitas relações possíveis de serem constituídas em séries estruturáveis e determinadas por valores especificados que ocupem e definam os termos dessa relação equacional. Por exemplo ao substituirmos x^2 por 3^2 , y^2 por 4^2 e R^2 por 5, temos $3^2 = 9$, $4^2 = 16$ e $5^2 = 25$, que nessa relação tornam-se idênticos a 0, mesmo quando algarismos diferentes veem a compor as posições, vejamos a seguinte demonstração:

$$9 + 16 - 25 = 0.$$

A troca dos algarismos nessa relação, desde que dobrando seus valores proporcionais mantém o “padrão” da relação, assim $6^2 (36) + 8^2 (64) - 10^2 (100) = 0$, essa

⁷⁶O termo é do próprio Deleuze, usualmente em língua portuguesa se diz fonética.

⁷⁷DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 279.

progressão pode ser desenvolvida ao infinito pela linguagem matemática. Um terceiro tipo de relação pode ser delimitada entre termos que não possuem nenhum tipo de especificação nem determinação, mas, assim mesmo os elementos constituintes da relação se determinam reciprocamente. Assim relações como: $ydy + xdx = 0$ ou $dy/dx = -x/-y$ onde os elementos não são determináveis para serem demonstrados, ainda essa relação pode ser determinada chegando a algum tipo de igualdade significativa dentro de uma expressão matemática.

Logo, essas relações ao assumirem uma perspectiva estrutural tornam-se simbólicas a partir de uma ordem de posição, a qual confere o significado e o valor do elemento que preenche esse espaço a partir de sua diferenciação recíproca com outros elementos vizinhos. Isso faz com que as relações simbólicas sejam determinadas por sua diferença, sendo justamente essas diferenças entre os elementos simbólicos responsáveis por sua singularidade, *as determinações das relações diferenciais correspondem a singularidades*.⁷⁸

*Dy é completamente indeterminado com relação a y, dx é completamente indeterminado com relação a x: nenhum tem existência, nem valor, nem significação. No entanto, a relação dy/dx é completamente determinada os dois elementos se determinam reciprocamente na relação. É este processo de uma determinação recíproca no interior da relação que nos permite definir a natureza simbólica.*⁷⁹

Dessa forma a determinação das *relações fonemáticas* próprias de uma determinada língua podem fornecer as singularidades para as relações dentro de um quadro (série) das vizinhanças possíveis entre os fonemas para a construção do sentido e delimitação de seu significado pelas grafias e pelas sonoridades possíveis em uma língua. Essa forma de determinação recíproca entre os elementos simbólicos como são os fonemas, prolonga-se dessa forma na determinação daquilo que Deleuze chamou de *pontos singulares que ocupam o espaço correspondente a esses elementos*.

⁷⁸DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 280.

⁷⁹Ibid. p. 279-280.

4.1 O Acontecimento Estrutural: Atualização e Singularidade.

Os acontecimentos correspondem à expressão histórica das singularidades de um conjunto estrutural, são pontos singulares que aparecem e atuam na estrutura como *pontos significantes* (acontecimentos reais), são as relações originárias com o movimento entre os elementos da estrutura que singularizam esses acontecimentos e lhe oferecem significação. Essa relação de produção de acontecimentos numa estrutura que os nomeia de forma singular deixa em aberto *um circuito de possíveis formas de significação*, os quais são sempre singulares na articulação dos elementos da estrutura conforme sua atualização temporal.

O estruturalismo na perspectiva de Deleuze implica na concepção de diferentes temporalidades internas à estrutura com múltiplas durações. Trata-se de uma noção de temporalidade histórica, isto é, um tempo em movimento que atua sobre a estrutura causando um efeito de mudança como condição para a atualização da estrutura e para as relações entre elementos constituírem novas singularidades e novos significados. Dessa forma, obtém-se uma definição teórica sobre o estruturalismo como método para o conhecimento da mudança e da transformação.

Dessa maneira, Deleuze apresenta um conceito sobre estrutura muito diferente do que habitualmente se pensa sobre a relação *estrutura-história*, pois a estrutura na problematização deleuzeana não existe numa perspectiva anti-histórica, isto é, aquela posta pelos “estruturalistas sincrônicos”⁸⁰, onde o tempo não deve ser considerado uma variante para a modificação da realidade e para o conhecimento do homem e de sua vida social. Mas ao contrário dessa perspectiva, a estrutura na concepção do filósofo existe e efetua seu funcionamento pela própria temporalidade histórica,⁸¹ assim, *existe um tempo estrutural*.

Deleuze descreve um tempo recortado, repartido e em processo de modificação pela alternância da duração passado-presente, *o que é atual é aquilo que a estrutura se encarna ou antes aquilo que ela constitui encarnando-se*⁸². Dessa forma, as estruturas são temporais porque é a partir delas que temos a possibilidade de construção

⁸⁰Trata-se da percepção temporal da estrutura posta pelo curso de Ferdinand Saussure.

⁸¹Sobre o tema da temporalidade em Deleuze, e da atualização da estrutura por sua diferença em relação a ela mesma em outro espaço de tempo, recomenda-se a leitura do livro de Peter Pál Perbart, *O tempo Reconciliado*, sobretudo a parte II, *O tempo do Acontecimento*. PELBART, Peter Pál. In: **O tempo Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 63 – 122.

⁸²Idem.

dos acontecimentos singulares no presente. A estrutura é modificada com a existência desses acontecimentos, fazendo com que a estrutura exista como espaço de produção de singularidades temporais.

As singularidades atualizam a estrutura no tempo, assim, pois as modificações das relações diferenciais de uma estrutura são as próprias modificações entre a ordem dos espaços e das posições que vem a ser preenchidas por seres reais, são essas alternâncias de preenchimentos dessas posições no *espaço relacional* que diferenciam a estrutura, tornando-a atual e móvel. Dessa maneira, o estruturalismo na abordagem deleuzeana faz referência ao caráter “*acontecimental*” e *temporal* para conferir a estrutura sua historicidade em diferentes velocidades temporais, assim, sobre a estrutura, pode-se dizer, ser: *real sem ser atual, ideal sem ser abstrata*.⁸³

Portanto, para Deleuze, as estruturas podem ser encarnadas em formas passadas ou presentes, sendo essa coexistência das temporalidades passado/presente⁸⁴ sempre variável e diferenciável, podendo ocorrer nas seguintes situações: Do passado consigo mesmo em níveis de contração diverso, e do presente com ele mesmo no momento em que o presente vai deixando de ser passado para torna-se presente,⁸⁵ isto é, sua atualização nunca pode ser composta por um presente único e completo, sempre há um passado-presente. O presente deve ser concebido como o nível mais tensionado e contraído do passado do qual ele surge, assim, para além da diferença de natureza entre presente e passado existe uma unidade ontológica mais do que psicológica comum que os integra, mantendo as temporalidades internas da estrutura.

⁸³DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

⁸⁴Pelbart ao refletir sobre a concepção de tempo deleuzeana, adverte que o filósofo francês procurou situá-la na esteira da concepção temporal de Bergson em *Matéria e Memória*. As reflexões de Deleuze sobre a noção de tempo posta por Bergson podem ser encontradas na monografia *Bergsonismo* de 1966. Pelbart apontou para uma diferença estabelecida por Bergson e da qual Deleuze se utiliza para mostrar sua ideia sobre o tempo, essa diferença seria de natureza entre matéria e memória presente, presente e passado. Pode ocorrer uma confusão quanto a esses termos quando não são tomados em suas reais diferenças, e isso possibilita a instauração de falsas continuidades, gradações e degradações nas palavras de Pelbart. Por exemplo, quando o passado é concebido como degradação do presente, isso faz com que nossa consciência acredite que o passado não é mais, e atribui-se o Ser unicamente, ao *ser-presente*. Embora seja útil e ativo, o presente não é o que não é mais, puro devir, sempre fora a si mesmo, em contrapartida, o passado que cessou de agir e de ser útil conserva-se enquanto passado, somente o passado por ser único em uma análise rigorosa, o presente sempre é acompanhado de um duplo-ser ainda sendo passado, para poder ser presente. Cf: PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 38.

⁸⁵MACHADO, Roberto. **Deleuze a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 277.

5. Conclusão: Estrutura e Estruturalismo como Diferença.

Nesse capítulo mostramos que a proposta deleuzena para a reflexão e reconhecimento da *Estrutura* e do *Estruturalismo* foi feita a partir de *diferenças* teórico-metodológicas, isto é, para Deleuze o estruturalismo pôde ser desenvolvido como programa de pesquisa em domínios com ocorrência de uma linguagem estrutural. Essa perspectiva permitiu que diferentes pesquisadores desenvolvessem em seus trabalhos um estilo específico de estruturalismo através de específicos conceitos de estrutura.

Nesse sentido, o pensamento e o método que se chamou de *Estruturalismo* não foi constituído como método fechado e reconhecido em análises comuns, as análises estruturalistas mostraram-se diferentes tanto pelas problemáticas em que são introduzidas, como pelas soluções que oferecem. Dessa forma, quando Deleuze se refere ao *Estruturalismo*, ele se refere a uma forma de *pensamento* que tem por sua condição justamente existir pela *diferença*, uma vez que o estruturalismo surge *como linguagem* de diferentes domínios, nas palavras de Deleuze só pode existir algum tipo de estrutura daquilo que em si *já é linguagem*, e “*que se mede com criações e descobertas singulares.*”⁸⁶

Assim o *pensamento reconhecido* por ele como *estruturalista* no decorrer do texto, foi marcado na verdade por suas *diferentes* abordagens e distinções teóricas oriundas dos diversos domínios no qual pode ser encontrada uma linguagem estrutural. Essa posição do filósofo, não atribui ao que se reconhece como estruturalismo uma identidade constituída numa representação que se encarna em determinada prática metodológica-teórica comum a um conjunto de domínios e autores, ou seja, um reconhecimento de características que oferecem semelhança e coesão ao pensamento chamado de estruturalismo. Mas antes, a proposta de Deleuze é possibilitar uma interpretação do pensamento estruturalista como um *pensamento pluralista e sem imagem*⁸⁷.

Dessa maneira, o pensamento estruturalista na posição de Deleuze não representou o aparecimento e o desenvolvimento de um modelo teórico-metodológico homogêneo de análises estruturais sobre a sociedade, sobre o inconsciente, sobre o valor,

⁸⁶DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX.** São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 272.

⁸⁷MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

sobre literatura. Mas antes disso, podemos supor que o pensamento estruturalista no artigo de Deleuze, é marcado pela apresentação de diferentes práticas teóricas e metodológicas para se analisar, descrever e conhecer o funcionamento de objetos a partir de uma complexa noção de estrutura que vai sendo construída durante o texto.

A característica de indefinição em torno do que foi o pensamento e a atividade estruturalista deixa claro a *heterogeneidade* do estruturalismo. Dessa forma, o movimento ou o pensamento estruturalista foi delimitado por Deleuze não por uma teoria geral que possa sistematizar a prática científica estruturalista num programa único, isto é, dentro de normas que limitam as ações científicas com o intuito de institucionalizar um procedimento metodológico rígido. Assim, a perspectiva deleuzeana sobre o estruturalismo representou uma abordagem epistemológica que inventou um “tipo” de estruturalismo a partir das obras dos autores que compõem um quadro de pesquisas que por mais diferentes que tenham sido, puderam encontrar *na linguagem estrutural* uma forma de análise que remete a uma noção de estrutura que como foi mostrado possui uma caracterização radical a partir dos critérios reconhecidos.

Mas, e quanto a Michel Foucault? Como é possível a partir do quadro de referências delimitado por Deleuze sobre o Estruturalismo encontrarmos um Foucault Estruturalista a partir de sua arqueologia? Foi realmente Michel Foucault um Estruturalista? Qual seu método e sua concepção de Estrutura? Serão essas as questões que iremos desenvolver como problemática e fio condutor de nossa argumentação sobre um Michel Foucault “estruturalista” nos dois próximos capítulos

Capítulo II. A filosofia francesa na primeira metade do século XX

1. Entre a Fenomenologia existencial e a Epistemologia conceitual.

O objetivo central nessa tese será mostrar como durante a realização de sua pesquisa arqueológica, *Michel Foucault pôde fazer do Estruturalismo uma importante interface teórica-metodológica* em seus escritos. Dessa forma, vamos delimitar um “Foucault-Estruturalista”, seja na qualidade de comentador-crítico do estruturalismo, e também como um praticante do estruturalismo *pela introdução e prática do método estrutural e de uma linguagem estrutural em domínios como o da história e da filosofia*⁸⁸. Contudo, a delimitação cronológica sobre a interface teórica-metodológica estruturalista nos escritos de Foucault, foi reconhecida somente durante o desenvolvimento de seus trabalhos nos anos sessenta. Mas fato é, que Michel Foucault antes de se associar ao Estruturalismo, viveu imerso em um ambiente dominado pela Fenomenologia.

Em algumas entrevistas concedidas em fins dos anos sessenta⁸⁹, Michel Foucault foi questionado acerca do “lugar epistemológico” em que ele desenvolveu suas pesquisas e seu pensamento no cenário intelectual francês entre a segunda metade da década de cinquenta e durante a década seguinte. Na intenção de responder a essas questões a partir da delimitação da “crise” no pensamento francês originária com a ruptura entre a Fenomenologia e o Estruturalismo, ele situou suas pesquisas no interior desse contexto por onde ele pôde realizar um trajeto de pesquisa marcado por um deslocamento teórico-metodológico. Assim, Michel Foucault abandona a Fenomenologia e adere a uma prática de pesquisa que se situa entre uma problemática Epistemológica e uma prática metodológica Estruturalista.

⁸⁸FOUCAULT, Michel. A filosofia estruturalista permite diagnosticar que é a Atualidade. *In*: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 61.

⁸⁹FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault. *In*: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição. 2014. pp 29-49. FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. *In*: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 1ª Edição, 2011. pp. 145-151. FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In*: Ditos e Escritos, volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro, 1ª Edição 2010. p. 289-347. FOUCAULT, Michel. A filosofia estruturalista permite diagnosticar que é a Atualidade. *In*: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2014.

Dessa forma, neste segundo capítulo *cumpramos mostrarmos como se deu o trajeto de seu pensamento filosófico partindo de sua formação universitária imersa no debate da Fenomenologia* em fins dos anos quarenta e início dos anos cinquenta, chegando até o desenvolvimento maduro de sua pesquisa arqueológica junto aos praticantes das análises estruturalistas nos anos sessenta. O fio condutor que irá nortear esse capítulo refere-se à apresentação do cenário filosófico do qual Michel Foucault pôde receber sua formação filosófica delimitada pela *Fenomenologia Existencial*, e em específico, como foi momentânea e conturbada a relação de Michel Foucault com esse campo teórico.

Dessa maneira, a problemática central desenvolvida nesse capítulo partiu das seguintes questões: Como se deu a introdução do pensamento fenomenológico na França?⁹⁰ Como se deu a consequente composição de uma tradição filosófica bifurcada em duas direções: *O Existencialismo* associado à *fenomenologia do sujeito*, e a *Epistemologia* associada à *uma filosofia do conceito*? Como Michel Foucault se posicionou diante dessas duas tradições ao ter recebido essas influências filosóficas em sua formação e em seus primeiros escritos? *Como* Michel Foucault após receber sua formação universitária junto à Fenomenologia Existencial associada a Sartre e Ponty, pôde migrar em direção a Epistemologia e ao Estruturalismo? E *como* essa migração de saída e afastamento da Fenomenologia ocorreu através de um específico trajeto de pesquisa desenvolvido de maneira singular por Foucault em meio aos estudos epistemológicos e estruturalistas?

Para respondermos a essas questões estivemos fundamentalmente ocupados em apresentar o cenário filosófico francês na primeira metade do século XX, através da introdução e da constituição da tradição fenomenológica na França a partir dos ensinamentos do pensamento filosófico de Edmund Husserl, passando pela apropriação de seu pensamento por filósofos franceses como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau Ponty, George Canguilhem e Michel Foucault. A justificativa para essa breve retomada do programa fenomenológico surgiu com o nosso interesse em compreendermos melhor

⁹⁰Entendemos que a tradição do pensamento fenomenológico desenvolvida pelo filósofo alemão foi apropriada pelo pensamento francês em duas linhas do pensamento filosófico opostas, assim a fenomenologia na França dividiu-se em dois grupos distintos e nomeados como *fenomenologia existencial* (problematização ligada ao sujeito) e *epistemologia* (problematização sobre a construção conceitual). Cf: FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013.

o “cenário” e o “conteúdo” filosófico desse lugar teórico-metodológico, no qual Foucault afirmou *estar* no início de sua carreira.

Assim, após apresentarmos o processo de ruptura de Michel Foucault com a Fenomenologia foi possível delimitarmos a influência obtida através da problemática teórica da *Epistemologia Francesa*, a verdadeira ressonância filosófica presente no método arqueológico foucaultiano desenvolvido em conformidade com o trabalho do historiador das ciências Georges Canguilhem⁹¹. Por fim, concluímos esse capítulo apresentado como foi possível através da influência filosófica obtida com a Epistemologia de Canguilhem, o filósofo desenvolver e praticar durante sua pesquisa arqueológica nos anos sessenta *um método híbrido* em um “lugar teórico-metodológico” possível através de uma relação entre a Epistemologia e o Estruturalismo.

2. A Fenomenologia e o cenário filosófico francês na primeira metade do século XX.

Michel Foucault ao ser questionado acerca do “lugar epistemológico” pelo qual pôde receber sua formação universitária, declarou: *Pertenço a uma geração de pessoas cujo horizonte da reflexão era definido por Husserl, de um modo geral, mais precisamente por Sartre e, de modo ainda mais precioso, por Merleau-Ponty.*⁹² O filósofo apontou que até a metade dos anos cinquenta o que se encontrava na universidade francesa em termos de conteúdo filosófico, esteve delimitado por um predomínio entre a filosofia fenomenológica com ressonâncias do marxismo e do hegelianismo. Esses foram os fundamentos filosóficos responsáveis pela formação dos estudantes da geração do Pós-Guerra, assim, Foucault pôde declarar, *“Na universidade, em compensação, fui conduzido, formado, levado a aprendizagem dessas grandes maquinarias filosóficas chamadas de hegelianismo, fenomenologia...”*.⁹³

⁹¹FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição. 2013.

⁹²FOUCAULT, Michel. Foucault Responde a Sartre. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. p. 174.

⁹³FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2010. p. 291. Pode-se perceber com a leitura dessa entrevista, que a

Michel Foucault não se dedicou a escrever um texto delimitando exclusivamente o alcance conceitual associado ao termo *Fenomenologia*, mas ao lermos seus textos-entrevistas, encontramos um balanço do filósofo sobre sua carreira e sobre o cenário intelectual francês por onde ele obteve sua formação universitária e desenvolveu seus primeiros escritos. Ademais, podemos encontrar algumas sínteses sobre a história do pensamento intelectual na França contemporânea acompanhada de definições genéricas tanto sobre o significado, como também, sobre a carga teórica e a prática metodológica da Fenomenologia. Dessa maneira, podemos destacar o alcance dado por Michel Foucault a essa experiência filosófica em uma entrevista de 1980 sobre esse tema:

A experiência do fenomenólogo é, no fundo, uma certa maneira de colocar um olhar reflexivo sobre um objeto qualquer do vivido, sobre o cotidiano em sua forma transitória, para daí tirar significações. (...) O trabalho do fenomenólogo, consiste em desdobrar todo o campo de possibilidades ligadas a experiência cotidiana. (...) A fenomenologia procura recobrar a significação da experiência cotidiana para reencontrar em que o sujeito que sou é efetivamente fundador, em suas funções transcendentais, dessas experiências e dessa significação.⁹⁴

Nesta passagem, Foucault apontou os objetivos gerais da reflexão fenomenológica a partir de um interesse sobre *como é possível conhecermos e darmos sentido e significados para as coisas?* Ou seja, temos com o advento da Fenomenologia moderna um prolongamento e ao mesmo tempo uma renovação de um antigo e fundamental debate no campo filosófico, a respeito da relação entre *sujeito* e *objeto* no processo de conhecimento através da significação realizada pela consciência sobre os fenômenos.

Assim, a fenomenologia na delimitação dada pelo próprio filósofo⁹⁵ apontou num primeiro momento para a composição de uma tradição de filosofia na França originária com o pensamento fenomenológico de Husserl. Dessa maneira, torna-se

fenomenologia foi o grande campo discursivo para fundamentação teórica e metodológica para as ciências humanas na primeira metade do século XX na França.

⁹⁴FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2010. p. 291.

⁹⁵FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2010. E, FOUCAULT, Michel. O que é o senhor, Professor Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2014. Forense Universitária.

justificado e conveniente passarmos mesmo que rapidamente pela proposta fenomenológica matriz de Edmund Husserl.

2.1 A fenomenologia e a contribuição husserliana.

O retorno às próprias coisas, foi o lema inicial da empreitada filosófica de Husserl, assim, sua proposta para a reflexão filosófica fenomenológica constitui um apelo ao conhecimento e a significação, como também, àquilo que é imediato ao contato com a consciência, como por exemplo, quando nos deparamos com um copo ou uma garrafa.

Nesse sentido, o método fenomenológico na versão proposta por Husserl foi desenvolvido para descrever como o objeto de sua análise, *a existência das “coisas” enquanto um fenômeno externo à consciência*, isto é, trata-se de descrever as coisas exatamente como elas se manifestam ou se mostram como fenômenos. Logo, são as coisas que constituem aquilo que é rigorosamente dado para a análise fenomenológica a partir da apreensão da coisa pela consciência.

Para a fenomenologia de Husserl, o fenômeno⁹⁶ deve ser apreendido a partir de um fluxo temporal de vivências. Nesse sentido, a reflexão fenomenológica se faz necessária a fim de tornar possível a observação das coisas tal como elas aparecem e se manifestam aos nossos sentidos e são mediadas por nossa percepção. De acordo com Lima, para realizar tal programa Husserl propôs a suspensão de qualquer julgamento sobre a existência das propriedades reais e objetivas daquilo que aparece, mas isso não significa a negação da existência do fenômeno, mas sim deixar de lado os pressupostos, discursos e conceitos em relação ao fenômeno que se apresenta sem antes submetê-lo à experimentação fenomenológica. Essa experimentação Husserl chamou de *suspensão fenomenológica* ou *epoché*⁹⁷.

⁹⁶Husserl chamou de fenômeno aquilo que se refira a minha observação intelectual, ou seja, à observação pura, mas, para se chegar a essa observação é necessário deixar de lado as ideias pré-concebidas e todos os preconceitos relacionados. Assim, a fenomenologia husserliana enquanto método filosófico exige que se inicie a reflexão filosófica a partir daquilo que se vê diretamente quando não se deixa desviar do fenômeno. Dessa forma, é com esse sentido que o lema retornar às próprias coisas, de interrogá-las à maneira como aparecem. Cf: LIMA, Antônio Balbino. **Ensaios sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS, 2014. p. 12.

⁹⁷LIMA, Antônio Balbino. **Ensaios sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS, 2014. p. 13.

A fenomenologia (*Phenomenon* + *logos*) é então o discurso sobre aquilo que se mostra como é, caracterizando esta ciência como estando em contato direto com o sentido das coisas, dirigindo o conhecimento para o que há de essencial nelas. É a filosofia do inacabamento, do devir, do movimento constante, onde o vivido aparece e é sempre ponto de partida para se chegar a algo.⁹⁸

Dessa forma, se é verdade que os fenômenos são percebidos e conhecidos por nós por intermédio dos sentidos, eles ocorrem sempre como dotados de um sentido ou de uma “essência”. Foi através dessa preocupação sobre o sentido e o significado dos fenômenos pela delimitação de sua essência que Husserl pôde recorrer a uma noção fundamental para a reflexão fenomenológica chamada de *intencionalidade*. Este princípio define que a consciência deve ser sempre *consciência de algo*, que ela só pode ser consciência ao estar movimentando-se em direção a alguma coisa e a algum objeto (sentido de intenção). Ela só é consciência na medida em que se dirige ao exterior, em direção ao objeto.

Reciprocamente, o objeto só pode ser definido com relação à consciência, fazendo com que os objetos sejam sempre compreendidos como “objetos para um sujeito”. Isso não quer dizer que o objeto exista e esteja preso em nossa consciência como um objeto em uma caixa, mas que o objeto somente pode existir (não como coisa física, mas como coisa significada) e encontrar seu sentido enquanto objeto para uma consciência. Assim sua essência é marcada por um “olhar”, por uma visada de significação, sem a qual, não se poderia falar de objeto e nem de essência desse objeto.

De acordo com Husserl, o acesso a essa dimensão primordial só é possível se a consciência efetuar uma conversão, ou seja, se ela suspender a crença da realidade do mundo exterior para a consciência e colocar-se *ela mesma como consciência transcendental*, ou seja, a consciência é a própria condição para a aparição do mundo e para “doação” de seu sentido.

Como não é nosso interesse de pesquisa desenvolver com maior precisão e profundidade o pensamento e a filosofia fenomenológica de Husserl, mas estabelecer um quadro de referências sobre a fenomenologia husserliana para melhor compreendermos a formação e o pensamento de Michel Foucault não iremos nos alongar nessa exposição sobre Husserl, assim, trataremos no próximo item como foi a recepção e desenvolvimento

⁹⁸LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS, 2014. p. 13.

do pensamento fenomenológico de Husserl em território francês e da consequente composição de suas linhas de pensamento fenomenológico.

2.2. A recepção da Fenomenologia de Husserl na França.

Como indicamos no início dessa seção, Michel Foucault apontou para a existência de duas posições filosóficas⁹⁹ opostas na inteligência francesa no início do século XX através de um debate em torno do pensamento de Husserl. Dessa forma, configurou-se a *Fenomenologia Existencial* a partir da posição de Sartre delimitada em seu artigo de 1935 intitulado “Transcendance de l’ego”¹⁰⁰, o qual pôde fundamentar uma reflexão de caráter fenomenológico sobre a filosofia do sujeito, pela qual, Sartre procurava *radicalizar Husserl numa direção, em que não devia tardar a reencontrar as questões, Sein und Zeit de Heidegger*.¹⁰¹

Contrariamente, e também remontando a alguns problemas fundadores do pensamento de Husserl, constitui-se uma proposta filosófica oposta à dos fenomenólogos existenciais. Nomes como os de Cavailles, Bachelard, Koyré e Canguilhem, desenvolveram suas pesquisas a partir de um interesse pelo *conceito* e não pelo sujeito numa linha de pensamento chamada de *Epistemologia Francesa ou História das Ciências*. Essa linha esteve mais preocupada com a “descrição das condições” de possibilidade para o conhecimento, e em que condições pode ocorrer de maneira legítima a produção do conhecimento, sendo essa “produção do conhecimento” o próprio objeto da investigação epistemológica.

⁹⁹Roudinesco, assim como Foucault, também delimita essa bifurcação no cenário intelectual francês, contudo, para a autora houve uma apropriação da obra de Husserl desenvolvida à “luz” da leitura de Nietzsche, e outra pela leitura de Heidegger. Os autores associados a primeira linha seriam, Canguilhem, Cavailles e Bachelard, já a segunda linha, pôde ser desenvolvida com os trabalhos de Sartre e Merleau-Ponty. Cf: ROUDINESCO, Elizabeth. **Os filósofos da tormenta, Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. p. 23.

¹⁰⁰DESCAMPS, Christian. Os Existencialismos. In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 204.

¹⁰¹FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3ª Edição, 2013. p. 370.

Assim, essa clivagem delimitada por Michel Foucault no pensamento filosófico e científico alcançou e constitui no século XX uma espécie de “jogo” pelo dizer verdadeiro e do qual se desenrolou uma oposição entre dois campos teóricos-metodológicos confrontados entre a Fenomenologia francesa e Epistemologia francesa¹⁰².

Feita essa partilha, Foucault localizou seu trabalho e seu programa de pesquisa científico-filosófico durante os anos sessenta no interior à segunda linhagem através da influência teórica-metodológica disciplinar da Epistemologia. Nesse sentido, o processo de constituição de sua prática de pesquisa chamada de *arqueologia dos saberes* o colocou durante sua pesquisa nos anos sessenta em oposição frontal para com a Fenomenologia francesa em sua linha vinculada ao *sujeito*, e principalmente como veremos, com seus procedimentos de análise sobre o *sentido*, e por sua reflexão filosófica interessada na *significação*.

¹⁰²Vladimir Safatle, no artigo intitulado: *Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber*, aponta para uma certa contra-intuição de Michel Foucault ao opor epistemologia e fenomenologia, tendo em vista, que os membros dessas linhas de pensamento não se viam como opositores. Para justificar sua ideia, Safatle escreve: “Basta lembrar aqui as proximidades evidentes entre as perspectivas holísticas de, “O normal e o Patológico”, de Canguilhem, e de “A estrutura do comportamento”, e Merleau-Ponty, o que não poderia ser diferente já que os dois eram leitores atentos e influenciados por Kurt Goldstein. Isso sem falar no fato do jovem Foucault de Doença mental e psicologia ter sido influenciado, de maneira decisiva, por um autor que certamente ficaria ao lado da filosofia do sujeito: Georges Politzer de Crítica dos fundamentos da psicologia.” Cf: SAFATLE, Vladimir: Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. In: **O Mesmo e o Outro. 50 anos de História da Loucura**. Organização: Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 300.

2.3 A Fenomenologia Existencial Francesa: Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

A apresentação a seguir cumpre o objetivo de deixar claro o conteúdo filosófico delimitado pela Fenomenologia através de conceitos como: *consciência, sentido e significação*, aos quais Michel Foucault¹⁰³ pôde reagir criticamente e distanciar-se durante o percurso filosófico realizado durante sua pesquisa arqueológica.

Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, ao se inspirarem na fenomenologia husserliana reivindicaram para si uma retomada das reflexões do filósofo alemão no intuito de dar certa continuidade a seu pensamento. Contudo, é importante deixar claro que ambos os filósofos direcionaram a herança e a apropriação do pensamento de Husserl para desenvolverem “novas perspectivas” filosóficas. Assim, a fenomenologia de Husserl foi desenvolvida na França de maneira se não semelhante, ao menos coexistente e singular nas diferentes abordagens estabelecidas por Sartre e Ponty¹⁰⁴.

¹⁰³É importante lembrarmos que Foucault se aproxima dos estruturalistas justamente por estar convencido de encontrar no “lugar epistemológico” pelo qual os estruturalistas realizam seus *modus operandi* para a análises e reflexões que escapem a teoria do sujeito, e não necessariamente por ter um interesse em praticar análises estruturais, mas sim pelo interesse em distanciar-se da teoria do sujeito.

¹⁰⁴Sartre e Ponty não podem ser considerados filósofos de uma mesma tradição fenomenológica, como também não foram leitores fieis ou mesmo discípulos de toda a carga teórica que sugerem os textos de Husserl de uma maneira ortodoxa. Assim, os filósofos franceses fizeram parte de uma linhagem de autores que se inspiraram e se influenciaram pela fenomenologia alemã, mas que a reelaboraram a seu modo e de acordo com suas distintas interpretações e problemáticas no momento mesmo em que realizavam suas investigações chamadas de fenomenológicas entre os anos da década de trinta e sessenta do século XX. Os filósofos estabeleceram além de uma grande amizade uma longa parceria intelectual, a ponto “*de um ser substituível pelo outro sem se notarem grandes diferenças*”. Porém a partir de 1952 com saída Ponty da revista *Le Temps Modernes*, e em 1955 com a publicação das *Aventuras da Dialética*, texto em que Ponty denuncia o ultrabolchevismo voluntarista de Sartre, e pelo qual é ocorreu o distanciamento e fim da relação entre os dois filósofos. Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo, O Campo do Signo**. Bauru/SP: EDUSC, 2007. p. 32.

2,3.1 Jean-Paul-Sartre e a Fenomenologia Existencialista.

O interesse e o envolvimento de Sartre¹⁰⁵ com a Fenomenologia remonta ao início dos anos 30 do século XX, sobretudo após a publicação por parte do filósofo de dois textos compreendidos pela crítica sobre seu pensamento como textos que marcaram o momento de formação e consolidação de sua filosofia fenomenológica. Assim, o texto “*Transcendence de l’ego*” (*A Transcendência do Ego*) de 1935, e também, “*Uma Ideia fundamental da Fenomenologia de Husserl: A Intencionalidade*”, de 1939, podem ser delimitados como marcos fundadores para a introdução e apresentação da Fenomenologia no pensamento de Sartre.

Nesses textos Sartre estabeleceu a independência da consciência com relação ao ego, sem deixar de delimitar todo o peso da realidade existencial (ôntica) a partir do reclame de uma filosofia concreta.¹⁰⁶

Sartre constrói, desde *A Transcendência do Ego*, uma filosofia da consciência. Ele pretendeu aí demonstrar que o Ego não está na consciência, que ele está fora, no mundo, que aí encontra seu lugar de existência. O Eu aí aparece em “perigo”, no mundo, e embora Sartre pretenda ultrapassar a dualidade sujeito – objeto, o Mundo e o Eu permanecem objetos para a consciência absoluta, fonte última de existência.¹⁰⁷

¹⁰⁵Sartre dedicou-se a uma produção textual de literatura filosófica, isto é, ele se utilizou do texto sob a forma literária para expressar sua filosofia, exemplos de sua literatura pela qual podemos encontrar manifestações de seu pensamento fenomenológico podem ser encontrados nos livros: *A Náusea* e na trilogia, *Os caminhos para a Liberdade*. A grande obra do pensamento filosófico sartreano foi o livro de 1943, *O Ser e o Nada*, trata-se do livro considerado pela crítica como o mais importante do filósofo francês, e pelo qual ele pôde demonstrar a sua versão da filosofia fenomenológica realizada junto a um debate sobre a psicologia. Outra importante obra do pensamento de Sartre é *Crítica a Razão Dialética*, obra pela qual Sartre estabelece sua adesão ao pensamento marxista.

¹⁰⁶DESCAMPS, Christian. Os Existencialismos: In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973. p. 203.

¹⁰⁷Ibid. p. 204. Para Descamps, Sartre pretendeu construir a partir desse trabalho uma filosofia da consciência através das influências de Husserl e Heidegger.

Em *Transcendence de l'ego*¹⁰⁸, Sartre *transforma* o conceito de intencionalidade herdado por Husserl, para mostrar como a consciência intencional realiza um movimento de significação que não é interior a consciência, isto é, ao Ser - Ego, mas ao contrário, o movimento da consciência se realiza de forma transcendente em direção ao mundo dos objetos e para *fora de si*.

Foi com esse princípio que se tornou possível a apreensão do Ser nos fenômenos, fazendo com que o visado coincida com o apreendido. Com essa adequação sartreana o conceito de intencionalidade passa por uma apropriação na qual a consciência é construída pelo Ser num “para-fora”, “*Nós queremos mostrar aqui que o Ego não está nem formalmente e nem materialmente na consciência: Ele está fora, no mundo; é um ser do mundo, como o Ego de outrem*”.¹⁰⁹

Sartre recusa o Eu¹¹⁰ como habitante preso e residente da consciência, visto que a consciência representa um vazio absoluto delimitado por um movimento de saída para fora de si mesmo e em direção ao mundo, trata-se “*de uma expulsão para fora de toda a realidade, inclusive a do sujeito, que não pode se definir por nenhuma realidade, por nenhuma essência, nem por substância alguma; ela é existência pura*.”¹¹¹ Isso equivale a dizer que não encontramos na consciência nenhum sujeito, a consciência para Sartre, ao contrário do que afirma a tradição filosófica francesa não postula a unidade e a individualidade do sujeito, ou seja, trata-se de uma consciência sem sujeito através da supressão da interioridade do sujeito.

Essa interpretação sartreana correspondeu a um deslocamento teórico importante, pois o mecanismo intencional da consciência deve excluir toda forma de interioridade psíquica, isto é, uma consciência sem o *Eu transcendental*.¹¹²

¹⁰⁸SARTRE. Jean-Paul. **A Transcendência do Ego: Esboço de uma Descrição Fenomenológica**. Cadernos Espinosanos estudos sobre o século XVII, revista de filosofia do departamento de filosofia da USP, número 22. Jan-jun. 2010. pp. 183-228. Tradução de: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco.

¹⁰⁹SARTRE. Jean-Paul. **A Transcendência do Ego: Esboço de uma Descrição Fenomenológica**. Cadernos Espinosanos estudos sobre o século XVII, revista de filosofia do departamento de filosofia da USP, número 22. Jan-jun. 2010. p. 183-228. Tradução de: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco.

¹¹⁰Essa recusa foi desenvolvida em dois textos, *La Transcendence de l'Ego*, e *La Intentionalite*. Sartre esteve convencido de que a fenomenologia husserliana definiu a consciência como intencionalidade, fornecendo dessa maneira o instrumental conceitual adequado para que fosse possível nos livrarmos das aporias do Eu transcendental e das representações da consciência.

¹¹¹DARTIGUES. André. **O que é a Fenomenologia**. São Paulo: Centauro, 2011. p. 86.

¹¹²“Sartre está convencido de que a fenomenologia de Husserl, definindo a consciência como intencionalidade nos fornece o instrumental conceitual adequado para que possamos nos livrar das aporias do Eu transcendental: se a consciência se define pela intencionalidade, então

2.3.2 A fenomenologia existencial de Merleau-Ponty.

Maurice Merleau-Ponty¹¹³ apresentou o conceito de Fenomenologia no início de “*Fenomenologia da Percepção*”, sua definição foi posta com a intenção de assegurar na esteira de Husserl, o que o próprio filósofo alemão já havia proposto cinquenta anos antes, isto é, *a filosofia fenomenológica deveria possuir como sua tarefa realizar um estudo sobre o sentido dado à relação homem – natureza, na perspectiva de conhecer essa relação como a essência pela qual homem e natureza existem.*

Sendo assim, a fenomenologia¹¹⁴ teve como ambição constituir de certa forma um discurso próximo ao de uma filosofia que seja capaz de fundamentar uma ciência exata, mas que também seja uma filosofia capaz de desenvolver uma prática filosófica associada a um relato descritivo do espaço do tempo e do vivido. Nesse sentido, podemos dizer de forma genérica que os problemas que marcaram a obra de Merleau-Ponty foram delimitados como problemas relativos a uma relação entre *à estrutura interna da consciência e da natureza externa.*

Dentro dessa problemática, o filósofo indagou-se a respeito da possibilidade de se pensar uma nova forma de relação entre a dualidade consciência - corpo (questão central para o pensamento filosófico moderno). Ponty pensou essa relação a partir de uma noção de consciência como uma estrutura perceptiva e que se expressa enquanto

devemos considerar que ela se unifica na medida em que escapa a si mesma – “se toda consciência é consciência de algo”, então a consciência é um movimento centrífugo de projeção para o exterior: ela apreende-se escapando continuamente de si mesma”. Cf: YEZBAK, André Constantino. **Itinerários Cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault.** Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. p. 32.

¹¹³Mesmo existindo uma clara singularidade na proposta filosófica fenomenológica na obra e no pensamento de Merleau-Ponty, não podemos negligenciar a grande influência que o pensamento e os escritos de Husserl possibilitaram a Ponty na elaboração de sua própria filosofia, de acordo com Cristiano Perius, a herança husserliana de Ponty, e até mesmo certa interlocução seja de críticas ou de distanciamento ou aproximação com relação aos trabalhos do filósofo alemão estão presentes em obras como “*A Estrutura do Comportamento*” e “*Fenomenologia da Percepção*”, passando por trabalhos intermediários como “*O filósofo e sua sombra*”, e até o fim de sua vida com “*Notas de curso sobre a origem da geometria de Husserl*”. Cf: PERIUS, Cristiano. **A Definição de Fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl.** In: Revista. TRANS/Form/Ação, V. 35, Nº 1, p. 137-146, Jan/Abril, 2012.

¹¹⁴A extensão que a fenomenologia ganha no pensamento de Ponty pode ser pensada como uma crítica ao cientificismo, pois para o filósofo existe uma experiência primeira no mundo que antecede a ciência. Antes de conhecer é necessário descrever, assim atitude fenomenológica nos ensina que o homem não é um objeto da biologia ou da sociologia.

subjetividade encarnada. Assim, na filosofia de Ponty a percepção¹¹⁵ corresponde ao momento originário e determinante frente a outras formas de manifestação da vida consciente.

Suas reflexões sobre a experiência perceptiva o conduziram ao estudo do corpo como campo para análise filosófica, assim, para Ponty o corpo deve ser compreendido como o ponto de vista originário sobre as coisas, deixando de ser o “*invólucro*” *transparente do Espírito*¹¹⁶, deixando de ser compreendido como mais um dentre os demais objetos postos diante da consciência, visto que objeto deve ser aquilo que está diante da consciência, e com o corpo isso não ocorre, já que ele é o próprio “lugar de consciência”.

Assim, no pensamento de Merleau-Ponty o corpo foi delimitado conceitualmente como um “veículo” pelo qual o *ser está, e existe no mundo*, dessa maneira, o “ser-no-mundo” pode manifestar sua existência pelo corpo, o lugar limite para a existência e aparecimento do sujeito temporal e espacial. Mundo e corpo compõe realidades inseparáveis formando um sistema em que um não pode ser separável ou exterior com relação ao outro, por esse motivo a consciência não sendo mais a primeira nem a única realidade, passou nessa nova conceituação de Ponty a constituir o mundo e habitá-lo. Nessa direção o conceito de corpo deixa de ser aquele que remete a um observador imparcial, transformando-se em sua fenomenologia em *vida corporal* ou vida perceptiva consciente.

A percepção do mundo pelo corpo – consciência possibilitou a Ponty construir um pensamento original sobre a noção de verdade, isto é, para o filósofo francês não deveria haver um ponto de origem para a relação do homem enquanto sujeito corporal com o mundo enquanto fenômeno, e a razão para isso se explica pelo fato de que é a própria significação perceptiva que funda e inaugura o ato do conhecimento. Ponty, na esteira do pensamento de Husserl propõe um retorno ao fenômeno e ao seu sentido, na busca da originária relação entre homem e mundo, uma realidade inseparável e indestrutível, “*pois para perceber as coisas é preciso antes habitá-las*”¹¹⁷.

¹¹⁵Contato do sujeito com o mundo gerador de sentido e significação.

¹¹⁶MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Fenomenologia da Percepção**. São Paulo. Martins Fontes, 1999. p. 221.

¹¹⁷LUIZ, Jose de França Filho. Acerca da fenomenologia Existencial de Merleau-Ponty. In: LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS, 2014. p. 80-81.

Nesse sentido o sujeito é corporal, e o *ser-corpo* significa ser e estar atado a vivenciar determinado mundo, isto é, trata-se de evidenciar o pertencimento da vida humana ao próprio mundo, pois o homem encontra-se lançado na realidade em que vive enquanto realidade natural e humana. Assim o filósofo propõe a colocação dos dois conceitos polares numa relação sedimentada em bases existenciais¹¹⁸.

Na fenomenologia de Ponty o conceito de natureza pode ser compreendido como um horizonte de co-presença, isto é, um espaço relacional onde ocorrem todas as experiências-perceptivas possíveis entre o ser e o mundo. Muñoz,¹¹⁹ aponta para o fato que se trata de esclarecer em que consiste essa relação mútua de *presenças* interna e externa, para evitar qualquer forma de imposição ou de um mero pensamento sobre relações. Assim a fenomenologia ao ser uma ciência que busca descrever e não explicar a realidade, mantém-se à distância do ser sem fazer da existência um objeto para a consciência.

Portanto, a filosofia de Ponty permitiu se influenciar assim como ocorreu com Sartre por um influxo da filosofia transcendental de Husserl. Todavia, os dois filósofos franceses não levaram a termo uma simples adoção do pensamento fenomenológico husserliano e o praticaram de acordo com suas problemáticas, mas antes disso, tanto Ponty como Sartre ao se apropriarem dessa tradição como inspiração e método para a reflexão filosófica puderam desenvolver de maneira singular e autônoma seja com aproximações ou afastamentos suas próprias concepções e conceituações filosóficas¹²⁰, fazendo trilhar o pensamento filosófico francês por um caminho renovado pós anos 30 e 40 do século XX e influenciando toda uma geração que futuramente nos anos sessenta iria negar e recusar a fenomenologia em proveito das análises estruturais.

¹¹⁸LUIZ, Jose de França Filho. Acerca da fenomenologia Existencial de Merleau – Ponty. In: LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS, 2014. p. 84-85.

¹¹⁹MUÑOZ, José. A. Arias. **La antropología fenomenológica de Merleau-Ponty**. Madrid: Ed. Fragua, 1975. p. 12.

¹²⁰Sobre as diferenças entre o pensamento de Ponty e Sartre, podemos recomendar o estudo realizado pela professora Marilena Chauí na década de 60, a professora e filósofa escreveu sua dissertação de mestrado sobre a crítica ao humanismo em Merleau-Ponty. Nesse trabalho, há um capítulo sobre Sartre em que ela aponta diferenças entre os dois filósofos notadamente quanto à concepção de consciência. Em 1994 no Jornal Folha de São Paulo e posteriormente na Revista Dissenso (Revista dos Estudantes de Filosofia da USP), Marilena Chauí volta a discorrer sobre os dois filósofos. Dessa vez o tema é o da ruptura entre Sartre e Merleau-Ponty a partir das cartas trocadas entre ambos. Nesse texto, Marilena Chauí expõe sua tese fundamental sobre as duas filosofias. Cf: BELO, Renato Santos. **Liberdade e Engajamento: Em Torno das Noções de Subjetividade e Expressão (Literária) em Sartre e Merleau-Ponty**. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de filosofia da USP. 2011. p. 29.

2.3.3 Michel Foucault e a Fenomenologia: A Proto-Arqueologia.

Em meio a esse cenário intelectual dominado pela fenomenologia, Michel Foucault pôde afirmar numa entrevista¹²¹ em 1980 como ele esteve inicialmente preocupado diante do exemplo e ensinamentos de seus professores e “mestres”, com os problemas filosóficos originários com a Fenomenologia e delimitados por conceitos como *sentido, significação e sujeito*. Os intelectuais franceses, ou, a maioria deles no período do Pós-Guerra obtiveram uma formação intelectual e uma bagagem filosófica ofertada pela tradição *Fenomenológica Existencial*, principalmente através da linha de pensamento atribuída a Sartre e Merleau-Ponty, pensadores de maior prestígio, reconhecimento e sucesso no período dos anos quarenta e início dos anos cinquenta¹²².

Isso significa que de fato houve um período ainda no início dos anos cinquenta¹²³ em que Michel Foucault pôde desenvolver em suas análises reflexões e procedimentos filosóficos através de um campo de influência ofertado pela Fenomenologia Existencialista¹²⁴. Ademais, Michel Foucault nos anos cinquenta após receber sua formação como filósofo e psicólogo, trabalhou em hospitais psiquiátricos e motivado por essa experiência desenvolveu um conjunto de reflexões ao escrever seus

¹²¹FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. 1ª Edição, 2010. 289-347.

¹²² Como disse Foucault: “*Pertenço a uma geração de pessoas cujo horizonte da reflexão era definido por Husserl, de um modo geral, mais precisamente por Sartre e, de modo ainda mais precioso, por Merleau Ponty*”. In: FOUCAULT, Michel. Foucault Responde a Sartre. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. Pág. 174.

¹²³ Na coleção *Ditos e Escritos*, são muitas as referências de Foucault para com a fenomenologia durante sua formação, como também, durante seus primeiros anos de pesquisa. Os textos, *Introdução (in) Binswanger* (1954), a primeira versão de, *Psicologia e Doença mental* (1954) (este trabalho também teve uma orientação teórica vinculada ao marxismo, a partir do trabalho em psicologia de Pavlov), *A psicologia 1850 – 1950* (1957), e, *A pesquisa científica e a psicologia* (1957). In: **Ditos e Escritos volume I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2014.

¹²⁴ Vale destacar também, quanto a esse tema delimitado pela relação entre a fenomenologia e o pensamento de Foucault nos anos cinquenta, os trabalhos de: NALLI, Marcos. **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo: Loyola. 2006. Nalli, aponta para a formação intelectual de Foucault ser marcada pelos três “H” da filosofia alemã, Hegel, Husserl e Heidegger. E também, RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: Verdade e Loucura no Nascimento da Arqueologia**. Curitiba. Editora da Universidade Federal do Paraná. 2014. E também o artigo do professor, Luiz Damom Santos Moutinho, “*Humanismo e anti – humanismo, Michel Foucault e as desventuras da dialética*.”. Revista Natureza Humana, Volume 6, número 2. São Paulo, dezembro de 2014.

primeiros textos sobre os fundamentos da psicologia a partir da influência da fenomenologia de Husserl no campo científico.¹²⁵

2.3.4 A Proto-Arqueologia: O Pensamento fenomenológico de Michel Foucault entre 1952-1957.

O início da carreira de Foucault foi marcado por um interesse filosófico e por uma reflexão teórico-metodológica delimitado pela Fenomenologia. Seus primeiros escritos mostram um interesse de pesquisa realizado através de “*análises das significações imanentes ao vivido, das significações implícitas da percepção e da história*”¹²⁶. Alguns comentadores de seu trabalho delimitam esse momento de sua obra como uma curta pesquisa chamada de “*proto-arqueológica*”,¹²⁷ isto é, um conjunto de análises e de textos escritos no início dos anos cinquenta, influenciados teoricamente por conceitos da fenomenologia husserliana como sentido e significação, exemplos dessa pesquisa foram: *Introdução à Binswanger* e *A Psicologia Científica entre 1850 e 1950*.¹²⁸

Essa composição teórica-metodológica dos primeiros anos da carreira de Foucault, fundamentou um interesse e uma prática de pesquisa muito diferente daquilo que o filósofo faria futuramente em sua pesquisa arqueológica nos anos sessenta.¹²⁹ Assim, em seus textos chamados proto-arqueológicos o objetivo central de suas análises

¹²⁵ ERIBON, Didier. **Foucault, 1926-1984**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

¹²⁶FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? *In: Ditos e Escritos*, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2014. p. 30-31.

¹²⁷De acordo com o dicionário de Edgardo Castro, são numerosas a referencias que demonstram a presença e a influência da fenomenologia nos primeiros textos de Foucault, confirmando a ideia de sua formação universitária ser impregnada pelos princípios filosóficos dessa corrente teórica. Além disso, Foucault trabalhou em seu início de carreira em hospitais psiquiátrico, e foram os textos de *fenomenologia existencial* que constituíram suas leituras fundamentais. O filósofo também se dedicou a escrever textos que podem ser compreendidos como resultados de sua formação universitária marcados por essa corrente filosófica, a exemplo da *Introdução* ao livro de psicanalista suíço Binswanger *Sonho e Existência* de 1954. E também, em: *A Psicologia Científica de 1850 a 1950*, de 1957. *In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos volume I. Problemática do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2014.

¹²⁸NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2006.

¹²⁹Mostraremos que o *sentido-significativo* dos discursos descritos nas análises arqueológicas foi posto em suspenso, isto é, o filósofo deixou de se interessar pelo sentido para descrever o funcionamento dos discursos. Contudo na proto-arqueologia, Foucault procura a partir da influência de Binswanger, encontrar um método capaz de conciliar Husserl e Freud na intenção de conhecer o sentido – significativo na linguagem dos sonhos.

foi “revelar” o “*sentido-significativo entre as relações do sentido e da história, ou também, entre um método fenomenológico e o método marxista*”.¹³⁰

No caso específico das reflexões fenomenológicas realizadas por Michel Foucault delimitadas no texto de *Introdução* ao livro de Binswanger *Sonho e Existência*¹³¹, destaca-se um estilo de *fenomenologia existencial*, desenvolvida através de um debate entre o pensamento de Husserl e Freud. As reflexões desenvolvidas nesse debate mostram o interesse e a real possibilidade de se criar um método preciso para a decifração da linguagem e da significação dos sonhos, compreendendo a linguagem dos sonhos como uma linguagem que mesmo não sendo racional possibilita a constituição do sujeito.

O conjunto de reflexões realizados por Foucault na *Introdução* de *Sonho e Existência*, foi desenvolvido em duas direções, isto é, tanto de um ponto de vista teórico-metodológico como também, por um ponto de vista temático. Ambos relativos aos problemas sobre o limite e o alcance dos conteúdos da filosofia fenomenológica de Husserl ao ser apropriada em estudos de psicanálise.

Com a relação ao interesse teórico-metodológico de Foucault, podemos apontar a intenção do filósofo em encontrar um método alternativo ao ofertado pela psicologia de matriz freudiana para a compreensão dos sonhos enquanto fenômenos psíquicos. Já pôr um ponto de vista temático, a *Introdução* à *A Sonho e Existência* pode ser considerada dentro do conjunto de textos produzidos por Foucault no início dos anos cinquenta como uma retomada “*da ideia do sonho ou do imaginário como espaço original constitutivo do homem...*”.¹³² Dessa maneira, acompanhando a própria posição de Foucault sobre seu interesse de pesquisa até a metade do século XX:

¹³⁰FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 1ª Edição, 2014.. Pág. 30-31.

¹³¹Trata-se do texto, *Introdução*, para o texto, *Sonho e Existência*. Essa introdução pode ser encontrada na versão traduzida para o português, encontra-se no primeiro volume da coleção Ditos e Escritos. Cf: FOUCAULT, Michel. *Introdução* (In: Binswanger). In: Ditos e Escritos, volume I. **Problemática do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 2014. 71-132. Binswanger dentre outras classificações, foi considerado um psicanalista fenomenólogo, tendo estudado com Husserl, e dessa forma compartilhando de uma formação próxima a do filósofo, e também, por “amigo” de Heidegger, com quem desenvolveu intensos debates.

¹³²FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos volume 6. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2013. p. 306. E também. Cf: NALLI, Marcos. **Foucault e a fenomenologia**. São Paulo: Loyola. 2006. p. 29.

A leitura do que chamamos de “análise existencial” ou “psiquiatria fenomenológica” foi importante para mim na época em que eu trabalhava nos hospitais psiquiátricos e procurava alguma coisa de diferente das grades tradicionais do olhar psiquiátrico, um contrapeso. Seguramente, essas soberbas descrições da loucura como experiência fundamentais únicas, incomparáveis foram importantes.¹³³

Ademais, foi em meio a essa tradição teórica - metodológica que o filósofo precisou se “debater” para conquistar futuramente seu espaço na academia francesa a partir da influência de um eixo teórico *híbrido* entre a *Epistemologia* e um estilo bem específico de *Estruturalismo* como mostraremos a seguir.

3. A Epistemologia Francesa: A História das Ciências de George Canguilhem

Michel Foucault¹³⁴ ao apresentar o cenário filosófico-científico francês no século XX, além de situar o período de sua formação universitária delimitada pela influência da fenomenologia, também apresentou o lugar teórico-metodológico por onde ele afirmou ter recebido sua principal influência no desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica definido pela *Epistemologia Francesa*. De acordo com o filósofo a *Epistemologia* constitui-se como uma disciplina delimitada tanto por uma prática de pesquisa como por um estilo de pensamento e reflexão filosófica *oposta à Fenomenologia* de tradição husserliana. Isso significa que em determinado momento de sua obra e da trajetória de seu pensamento, Michel Foucault realizou uma migração teórico-metodológica um tanto quanto abrupta, pois a conversão de seu pensamento e de seu trabalho moveu-se em direção diversa daquela ofertada em sua formação universitária.

¹³³FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos volume 6. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2013. p. 307.

¹³⁴FOUCAULT, Michel. A Vida: A Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3ª Edição, 2013.

Para Michel Foucault, a *Epistemologia* encontrou um lugar privilegiado no pensamento científico e filosófico francês a partir de suas preocupações com as condições históricas de produção dos discursos sobre os saberes, com as formas de racionalidade e com a legitimação da positividade dos discursos em suas diferentes modalidades possíveis. Isto é, a Epistemologia colocou em relevo a dimensão histórica da racionalidade a partir das transformações e rupturas ocorridas nos discursos científicos e filosóficos¹³⁵.

Foi através dessa perspectiva que Michel Foucault¹³⁶ associou seu trabalho durante os anos sessenta aos estudos epistemológicos, colocando o interesse e os fundamentos teóricos-metodológicos de sua pesquisa arqueológica ao lado do trabalho desenvolvido por George Canguilhem.¹³⁷ A característica comum entre o trabalho dos epistemólogos franceses foi reconhecida pela prática de um estilo de reflexão filosófica desenvolvido com uma preocupação sobre a construção e desconstrução das teorias, métodos e conceitos.

Assim, os epistemólogos ao invés de depositarem a crença na *consciência reflexiva do sujeito* como critério para o encontro com a verdade através do uso da razão, optam pela noção de *regimes históricos de racionalidade*, estratégia de análise que permite o conhecimento das condições históricas na produção dos conhecimentos científicos. Dessa maneira é possível determinar os limites históricos-científicos possíveis para o conhecimento entre diferentes períodos históricos através de uma história da produção dos discursos com pretensão a verdade.

¹³⁵MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 7.

¹³⁶FOUCAULT, Michel. A Vida: A Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013.

¹³⁷MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Jahar Editor. 2006. p. 33.

3.1 Epistemologia Francesa e a História das Ciências: A Análise Histórica dos Regimes de Racionalidade a partir das práticas científicas.

*A fenomenologia podia introduzir, no campo de análise, o corpo, a sexualidade, a morte, o mundo percebido; o Cogito aí permaneceria central; nem a racionalidade da ciência nem a especificidade das ciências da vida podiam comprometer seu papel fundador. A essa filosofia do sentido, do sujeito e do vivido G. Canguilhem opôs uma filosofia do erro, do conceito do vivente, como uma outra maneira de abordar a noção de vida.*¹³⁸

Michel Foucault indicou que a tarefa e os objetivos científicos atribuídos à Epistemologia enquanto análise histórica dos saberes, seria o de mostrar “*em que medida esta história (das ciências) podia contestar ou manifestar seu fundamento absoluto em racionalidade*”¹³⁹. E através dessa tarefa ser possível “*determinar as condições estruturais de produção dos discursos em determinado regime de racionalidade existente*”¹⁴⁰. Dessa maneira, a abordagem epistemológica sobre os saberes de uma época apresenta um ponto de vista *histórico-estrutural* relativo à formação e o funcionamento de *filiações discursivas* muito específicas. Essas filiações resultam da ordem posicional entre os discursos sobre os saberes ao estabelecerem suas relações e seus sentidos de significação.¹⁴¹

Foi através dessa perspectiva sobre a *história das ciências* delimitada no pensamento e nos escritos de Canguilhem, que *filosofia* pôde manter com a *história das ciências* uma relação mais direta do que com a *história* ou com as *ciências* propriamente ditas. Isso foi possível sobretudo pela “nova problemática” filosófica desenvolvida com

¹³⁸FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição. 2013. p. 384.

¹³⁹FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos volume 6. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2013. p. 305.

¹⁴⁰MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 7.

¹⁴¹DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

a contribuição dos trabalhos sobre as teorias da física de Gaston Bachelard, e das ciências biológicas com George Canguilhem.¹⁴²

3.1.1 A Prática Científica.

A reflexão histórico-filosófica desenvolvida pela disciplina da Epistemologia francesa posta pelos escritos e pelo pensamento de Bachelard e Canguilhem, conferiu a noção de *prática científica* o próprio objeto e o critério para a verificação dos discursos sobre a verdade. Isto é, a Epistemologia ao definir sua problemática sobre o conhecimento através da noção de *prática científica*, estabelece que todas as técnicas empregadas na “produção” e “verificação” de provas experimentais sobre o “dizer verdadeiros das ciências” deva ser encarado como o principal interesse do trabalho realizado pelos epistemólogos franceses.

De acordo com os epistemólogos, as práticas científicas são historicamente modificadas ao serem regidas por um conjunto de regras provisórias (temporárias), e nem sempre bem explicadas. Dessa maneira, o interesse epistemológico em delimitar o conjunto de *práticas* que tornam possível o aparecimento de *um dizer verdadeiro* para as ciências, representou uma inversão teórico-metodológica com relação a postura e a tarefa científico-filosófica da Fenomenologia. A qual, como mostramos procurou reorganizar a validade do conhecimento a partir da noção de *experiência significativa do sujeito*.

Para a Epistemologia, a prática científica não *reproduz* a verdade, mas de fato ela a *produz*, sendo essa produção da verdade desenvolvida de acordo com as diversas regiões possíveis para a constituição de uma realidade científica no interior de um dado regime histórico de racionalidade. Assim, não é possível estabelecer critérios universais ou exteriores em que seja possível avaliar o discurso com pretensão a verdade de determinada ciência somente a nível conceitual.

Logo, a problemática que delimita a preocupação científica da epistemologia é a de fazer notar e descrever não somente como se constituíram os discursos *ditos verdadeiros*, mas principalmente em descrever como se constituem *as práticas científicas* que introduzem as formas de *racionalidade dominante*. A descrição e delimitação das práticas científicas que sustentam a racionalidade dominante, não deve excluir as demais

¹⁴²YASBEK, André Constantino. **Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. p. 63.

práticas científicas e formas de racionalidade consideradas como “erradas”, as quais, mesmo não sendo associadas ao discurso verdadeiro definido pela razão, devem ser compreendidas como uma dentre as muitas possibilidades discursivas existentes nos “*regimes de racionalidade*”.

Assim, de acordo com a problemática sobre a descrição das práticas científicas delimitada pelos epistemólogos, tanto o *sujeito* como a noção de experiência com *sentido-significativo* para o conhecimento deixam de ser o *ponto de partida e o fundamento* para o ato do conhecimento, tornando-se mais um objeto a ser conhecido internamente em determinado regime de racionalidade. Portanto, diante da perspectiva epistemológica todo o processo histórico e prático de produção e legitimação do conhecimento, seja pelo sujeito, ou por disciplinas científicas, converte-se no próprio *objeto da prática científica-epistemológica*.

.

3.2 Epistemologia e Descontinuidade Histórica: Ruptura e Corte Epistemológico

A perspectiva aberta pelos epistemólogos em delimitar os saberes e os discursos por seu *dizer verdadeiro* através das *práticas científicas*, possibilitou um estilo de descrição sobre o aparecimento dos discursos através da introdução de uma análise histórica amparada na noção de *descontinuidade histórica*. Essa perspectiva histórica-descontínua para descrição do aparecimento dos saberes foi retomada no século XX pela epistemologia de Gaston Bachelard. Para o epistemólogo o conhecimento possibilitado pelas práticas científicas, seja na sua condição de disciplina científica ou mesmo como um conceito, não deveria ser pensando por algum “começo silencioso” através de uma linhagem, ou de seus precursores.

Dessa maneira, tanto um conceito, como uma disciplina científica tornam-se “dizeres verdadeiros” a partir de um conjunto de práticas científicas que implicam em “*efeitos múltiplos de padrões de racionalidade histórico de uma época*”¹⁴³. Nessa linha de pensamento, Canguilhem pôde retomar as principais categorias metodológicas da epistemologia de Bachelard a partir de sua introdução sobre uma reflexão sobre o gradiente de racionalidade nas “ciências duras” (física moderna), e aplicá-las como categorias de análise para as chamadas “ciências da vida”: Biologia, Anatomia e Fisiologia.

Durante o desenvolvimento de seu trabalho enquanto um historiador das ciências, George Canguilhem fez bem mais do que assegurar a revalorização de um domínio relativamente negligenciado, *ele remanejou a própria disciplina em pontos essenciais como a descontinuidade histórica no desenvolvimento dos saberes*¹⁴⁴.

Se há uma especificidade da história epistemológica de Canguilhem, é o fato de ter situado a análise da descontinuidade no nível do conceito, segundo ele o mais fundamental entre os elementos dos discursos científicos.¹⁴⁵

Dessa forma, George Canguilhem deu continuidade as propostas de reconhecimento de uma historicidade radical para o pensamento filosófico e para as práticas científicas. De modo a sustentar que não existe uma lógica geral de cientificidade, mas, apenas uma produção regional de discursos sobre a verdade de maneira sempre provisória.

Roberto Machado, apontou que a ideia de Canguilhem sobre uma perspectiva temporal-descontínua para a história epistemológica, compreende que um conceito é produzido contextualmente em determinado momento da história, e sua formulação ao ser datada com o nome de quem o produziu não corresponde a uma associação legítima entre autor e obra. Assim, um conceito não pode formar-se de uma vez por todas e através

¹⁴³FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

¹⁴⁴FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

¹⁴⁵MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 33.

de uma razão unitária, nesse sentido, a história das ciências deve ser a “*história da formação, deformação e da ratificação de conceitos científicos*”.¹⁴⁶

A cada movimento de progresso ou desenvolvimento de uma disciplina científica, as fronteiras entre o científico e não-científico são renegociadas, redefinidas e ganham novas problemáticas, na perspectiva de Canguilhem: “*a ciência moderna faz da descontinuidade uma obrigação da cultura*”.¹⁴⁷ Assim, a evolução do conhecimento científico possui um itinerário “*atravessado por acidentes, retardado ou desviado por obstáculos, interrompido por crises, quer dizer, por momentos de julgamento e de verdade*”.¹⁴⁸

Retomando esse mesmo tema, elaborado por Koyré e por Bachelard, Georges Canguilhem insiste no fato de que a identificação das descontinuidades não é, para ele, nem um postulado nem um resultado: é, antes, uma “maneira de fazer”, um procedimento que se integrou à história das ciências, por que ele é requisitado pelo próprio objeto do qual ela deve tratar. A história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania; ela não poderia pretender relatar a descoberta progressiva de uma verdade inscrita desse sempre nas coisas e no intelecto, salvo se se pensasse que o saber atual a possui finalmente de maneira tão completa e definitiva que ele pode usá-la como um padrão para mensurar o passado. E no entanto, a história das ciências não é uma pura e simples história das ideias e das condições e, que elas surgiram e se apagaram.¹⁴⁹

Assim, a Epistemologia francesa na versão posta por Canguilhem pretende avaliar a ciência de um ponto de vista de sua cientificidade, e para realizar tal tarefa elege como instrumento privilegiado a análise histórica descontínua. Essa perspectiva se justifica tendo em vista a própria condição do objeto ciência, o qual requer uma análise histórica colocada nesses termos.

¹⁴⁶CANGUILHEM, George. “Le rôle de l’épistémologie dans l’historiographie scientifique contemporaine”. In: **Ideologie et rationalité dans l’histoire des sciences de la vie**, p. 20. Apud: MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 33.

¹⁴⁷CANGUILHEM, George. Gaston Bachelard et les Philosophes. In: **Études d’histoire et de Philosophie des Sciences**. p. 194. Apud: YASBEK. André Constantino. **Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. p. 60.

¹⁴⁸CANGUILHEM, George. “L’objet de l’histoire des sciences”. In: **Études d’histoire et de philosophie des sciences**. Paris: Vrin, 1994, p. 17-18. APUD: YASBEK. André Constantino. **10 Lições sobre Foucault**: Forense Universitária. Rio de Janeiro. p. 34.

¹⁴⁹FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013. p. 376.

Dessa maneira, ao tematizar as ciências do ponto de vista de sua cientificidade, os estudos epistemológicos romperam com a tradicional noção sobre os acontecimentos históricos pensados através de uma historicidade cumulativa e continuísta. Essa posição é fundamental de ser destacada, pois permite o estabelecimento de uma reflexão sobre as rupturas e transformações do campo científico como evidencia da *descontinuidade na história*, isto é, através da ocorrência de acontecimentos históricos “*limites*” no campo científico, os quais foram compreendidos como *rupturas ou cortes epistemológicos*.

Nesta medida, a história das ciências praticada pela epistemologia francesa não é uma história compreendida como a crônica descritiva dos acontecimentos, isto é, uma história do tipo factual e explicada através da sucessão de causas e consequências. Nesse sentido, a história das ciências deve ser uma história das *filiações discursivas-conceituais* na medida em que uma filiação desse tipo “ao possuir o estatuto da descontinuidade”, não deve ser compreendida como um quadro de doutrinas e como progressão dos discursos relativos à verdade.¹⁵⁰

[...] A história das descontinuidades não é adquirida de uma vez por todas; ela é “impermanente” por si mesma, ela é descontínua; deve ser ininterruptamente retomada através de novos esforços. Seria preciso concluirmos daí que a ciência faz e refaz a cada instante, de maneira espontânea, sua própria história [...].¹⁵¹

Através dessa metodologia para a história das ciências surge uma importante noção para sustentar a perspectiva histórica descontínua sobre a aparição dos discursos científicos, trata-se da noção de *ruptura* ou “*corte epistemológico*” (*coupure epistemologique*). Noção fundamental à epistemologia em geral, introduzida pela reflexão bachelardiana e desenvolvida nos trabalhos de história da ciência de George Canguilhem¹⁵².

¹⁵⁰YASBEK, André Constantino. **Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. p. 62. De acordo com Machado, tratando-se especificamente da obra de Canguilhem, o que caracterizou a epistemologia francesa foi justamente o privilégio atribuído à descontinuidade como critério de reconhecimento sobre a formação de conceitos no âmbito dos desenvolvimentos de uma ciência. Cf: MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 33-34.

¹⁵¹FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição. 2013. p. 377.

¹⁵²MACHADO, Roberto. **Foucault: A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 33.

3.2.1 O Corte Epistemológico.

O *corte epistemológico*, corresponde a uma delimitação temporal que marca uma *ruptura* entre diferentes regimes de racionalidade, isto é, *uma transformação radical* a nível *histórico-linguístico* entre os discursos científicos que marcam diferenças históricas. Dessa maneira, a noção de *descontinuidade histórica* permite o reconhecimento de *rupturas epistemológicas* a partir da delimitação de “*acontecimentos-limites*”, assim, o corte epistemológico é um marcador de diferenças entre os códigos linguísticos entre uma época e outra.

A noção de corte epistemológico oferta para a reflexão da história das ciências uma perspectiva contrária a qualquer forma de linearidade e continuidade histórica. Assim, através da delimitação de um acontecimento de *ruptura linguística* a nível dos saberes, torna-se possível reconhecer as transformações e fissuras entre um regime de racionalidade e outro. Contudo, reconhecer essas transformações não implica em pensar na historicidade dos conhecimentos a partir de um progresso cumulativo e continuísta.

Essas rupturas que marcam descontinuidades históricas podem ser evidenciadas no momento em que a linguagem utilizada no interior de uma ciência torna-se incompreensível na resolução de problemas em sua atualidade, isto é, as práticas científicas dominantes tornam-se ineficazes tendo por referência as bem-sucedidas tentativas anteriores de utilizá-la na resolução de problemas científicos fundamentais. Assim, cabe a Epistemologia a partir de sua apropriação descontínua da história, tornar inteligível este momento de identificação precária e intrincada do pensamento científico ao reconhecer o limite para a produção de uma nova linguagem através da história das ciências.¹⁵³

Portanto, as duas consequências mais impactantes sobre o pensamento histórico-filosófico ofertada pela Epistemologia francesa nas primeiras décadas do século XX, podem ser delimitadas pela *recusa* em considerar a existência de um caráter unitário, progressivo e contínuo sobre o discurso racional e científico ao propor a noção de regime de racionalidade. Sendo o fundamento para a delimitação dos limites e transformações

¹⁵³YASBEK, André Constantino. **Itinerários cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. p. 60-61.

entre esses regimes de racionalidade, a introdução de uma nova abordagem sobre a temporalidade histórica numa perspectiva *descontínua* para os acontecimentos.

Assim, as duas perspectivas abertas e desenvolvidas pelo trabalho de Canguilhem, tanto sobre a descrição das condições históricas para o aparecimento das filiações discursivas nos *regimes de racionalidade*, como também, sobre a *descontinuidade histórica* para o aparecimento dessas filiações, foram aquelas que fundamentaram a problemática da pesquisa arqueológica de Michel Foucault, além de fornecer a carga teórico-metodológica necessária para a delimitação da posição filosófica assumida pelo filósofo em oposição a fenomenologia existencial durante sua pesquisa nos anos sessenta.

3.3. Da Epistemologia do Conceito de Canguilhem para a Arqueologia do saber de Michel Foucault.

Ainda que a arqueologia foucaultiana guarde influências da Epistemologia francesa, é necessário deixarmos claro uma importante diferença para com o “método” de Michel Foucault. De fato, a arqueologia não pode ser uma Epistemologia ao menos em um ponto: As descrições realizadas pela arqueologia de Michel Foucault diferentemente da Epistemologia francesa não conferem nenhum privilégio a diferença entre discurso científico e discurso pré-científico, dessa forma, para a arqueologia o saber como objeto de investimento analítico pode ser delimitado nas suas mais diversas manifestações¹⁵⁴.

Reconhecida essa diferença, torna-se legítimo apontarmos dois traços fundamentais quem marcaram a influência da *Epistemologia francesa* definida pela linha de Canguilhem sobre a *Arqueologia do saber*. 1) Através da problemática sobre os regimes de racionalidade. 2) A partir da perspectiva histórica da descontinuidade. Dessa maneira, através desses dois pontos de contato entre essas linhas teórico-metodológica, *de que maneira a problemática delimitada pela Epistemologia francesa interveio na arqueologia de Michel Foucault?*

¹⁵⁴Como por exemplo, com os saberes relativos à loucura e expressados pela própria linguagem do louco que foram excluídos do campo da razão.

A arqueologia de Foucault enquanto método histórico-filosófico foi desenvolvida para descrever historicamente as relações entre os saberes em diferentes épocas. Essa tarefa foi realizada a partir de um interesse *pelas condições históricas e formais para o aparecimento e desaparecimento do sentido*. Dessa maneira, diante de uma perspectiva teórica-metodológica definida ao lado dos estudos da Epistemologia de Canguilhem, a pesquisa arqueológica de Michel Foucault pôde tomar distância da Fenomenologia e desenvolver-se enquanto metodologia com o interesse de colocar em “parênteses” todo o sentido-significativo com pretensão a verdade de uma determinada enunciação discursiva.

A ruptura com a Fenomenologia, e consequente migração de Michel Foucault rumo ao campo teórico ofertado pelos estudos epistemológicos, pôde ser justificada pela insuficiência teórico-metodológica da abordagem husserliana e suas ramificações com as filosofias de Sartre e Ponty desenvolvidas através da análise intencional do *sentido* e da *significação*. Ou seja, Michel Foucault “no limite entre a insuficiência da abordagem fenomenológica husserliana, e ao mesmo tempo reanimado pelas pesquisas inovadoras a partir das análises estruturais”, rompeu definitivamente com a ideia husserliana sobre a *intencionalidade da consciência* na construção do sentido, isto é, Foucault rompe com a perspectiva filosófica que atribui à experiência do sujeito o processo de significação realizado a partir da intuição da consciência sobre o mundo.

(...) em outros termos, reexaminamos a ideia husserliana segundo a qual existe por toda parte um sentido, um sentido que já nos envolve e nos investe antes mesmo de abrímos os olhos e tomarmos a palavra.¹⁵⁵

¹⁵⁵O interesse pelo sentido no que se refere a sua significação pela consciência, passou a ser compreendido de outra maneira totalmente oposta ao que pensam os fenomenólogos, isto é, o sentido deixa de ser o fundamento para a significação da consciência, e passa a corresponder a *um efeito de superfície*, sendo o importante e necessário conhecer as condições históricas de produção do sentido e não seu significado. “*Acredito que, como para todos de minha geração, aconteceu comigo, entre os anos de 1950 e 1955, uma espécie de conversão que parecia desprezível no início, mas que, em realidade, na sequência nos diferenciou profundamente: a pequena descoberta, ou, se você preferir, a pequena inquietação que esteve em sua origem, foi a inquietude em face as condições formais que podem fazer com que a significação apareça (...) Para os da minha geração, o sentido não aparece sozinho, ele não está “já aí”, ou melhor, “ele já está aí”, sim, mas sob certo número de condições que são condições formais. E, desde 1955, nós nos consagramos principalmente à análise das condições formais do aparecimento do sentido*”. Cf: FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault. In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2014. p. 30.

Isto é, a descrição arqueológica foi desenvolvida como uma prática de pesquisa pela qual, Michel Foucault, contrariamente ao que faz um fenomenólogo, estabeleceu um distanciamento com relação ao conhecimento do sentido-significativo dos atos de fala de determinada enunciação que se diga verdadeira, como por exemplo, o próprio discurso científico das ciências humanas sobre o homem¹⁵⁶.

Dessa maneira, a arqueologia de Michel Foucault delimita o discurso sobre a verdade não por sua racionalidade, mas sim, pelas práticas historicamente determinadas que a produzem, assim, os discursos não são analisados e descritos por sua possibilidade de dizer a verdade através de seu sentido-significativo. Dessa forma, o objetivo do método arqueológico foi descrever a nível das práticas discursivas quais foram as condições históricas de formação dos saberes através de diferentes filiações discursivas.

Nesse sentido, é necessário dizer que para Michel Foucault a “história das ciências” converteu-se pelo uso do método arqueológico numa *história estrutural dos regimes de racionalidade ao nível dos saberes*. Assim, o uso do método arqueológico permitiu a Michel Foucault constituir uma crítica a ideia de uma racionalidade global e unitária, o que significou consequentemente uma crítica a própria noção de sujeito racional.

Essa migração teórico-metodológica acarretou em uma nova postura do filósofo ao realizar suas descrições arqueológicas numa perspectiva metodológica *híbrida*. Dessa maneira, ao aproximar-se da problemática delimitada pela Epistemologia de Canguilhem sobre o aparecimento e desaparecimento dos discursos sobre saber, Michel Foucault, através de um caminho de pesquisa individual pôde integrá-los com a introdução de procedimentos analíticos e metodológico originários com os estruturalistas.¹⁵⁷

¹⁵⁶DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 17. De acordo com os antropólogos foi justamente esse aspecto de abordagem do discurso analisado e descrito pelo filósofo aqueles que representam o momento de sua virada teórico – metodológica na metade dos anos cinquenta em direção aos estudos em torno da epistemologia e do estruturalismo, os quais foram o substrato de sua pesquisa arqueológica.

¹⁵⁷DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 66.

3.4 A Arqueologia do Saber: Um Híbrido Epistemológico-Estrutural.

Michel Foucault reteve da Epistemologia francesa para o desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica o interesse em mostrar como *não era suficiente fazer uma história da racionalidade a nível dos conceitos*, mas, *uma história sobre as condições de aparecimento, modificação e ruptura das relações discursivas a partir de suas práticas*. Isto é, ao invés de se perguntar a determinada ciência, em que medida sua história conceitual à aproxima da verdade? Seria necessário antes dizer, que o *discurso sobre a verdade* consiste ele mesmo numa certa *relação histórica permanentemente produzida* entre os discursos de uma época. Assim, a pergunta mais adequada a ser feita pelo arqueólogo do saber seria: *Como essas relações discursivas instituídas pelas práticas científicas, têm, elas mesmas, sua própria história delimitada por suas transformações?*¹⁵⁸

A pesquisa arqueológica foi desenvolvida com o interesse de pesquisa ofertado por uma problemática originária com a Epistemologia e sua noção descontínua sobre a história. Essa problemática foi trabalhada por uma metodologia com um estilo de linguagem próximo ao que faziam os “estruturalistas”, isto é, Michel Foucault, mesmo declarando em várias oportunidades não ser um estruturalista, pôde desenvolver seus estudos arqueológicos através de um *hibridismo teórico-metodológico* que o colocou ao lado daqueles que estavam sendo chamados por estruturalistas, constituindo dessa maneira uma interface teórica entre seu método arqueológico e o Estruturalismo.¹⁵⁹

Assim, a “novidade” na proposta teórico - metodológica apresentada por Michel Foucault, foi desenvolver na esteira dos trabalhos dos epistemólogos como Canguilhem uma descrição *epistemológica-estrutural*, através de uma perspectiva histórica descontínua sobre o aparecimento dos saberes no campo das ciências humanas a partir de suas relações entre diferentes formações discursivas.¹⁶⁰

¹⁵⁸FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos volume VI. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2013. p.303.

¹⁵⁹VALLEJO, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. In: Vallejo, M. & Rodríguez, F. **El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur**. (pp. 137-185). Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2011. E também: VEYNE. Paul. **Foucault, seu Pensamento, sua Pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 173.

¹⁶⁰MACHADO, Roberto. **Foucault a Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 7-26.

Com essa composição teórico-metodológica, Foucault pôde realizar sua pesquisa arqueológica para conhecer as condições históricas de *aparecimento e ruptura* do sentido dos discursos sobre os saberes em determinado *regime de racionalidade*¹⁶¹. Esse foi o eixo de pesquisa reconhecido por Deleuze em *As Palavras e as Coisas*, classificado pelo filósofo como uma pesquisa “estruturalista” empenhada em mostrar através de uma análise histórica-estrutural a formação dos saberes num *solo epistemológico mais profundo*.¹⁶²

Assim, a organização dos saberes em determinada época pôde ser descrita conceitualmente como um conjunto de discursos que se articulam através de “regras”, constituindo dessa maneira uma “estrutura-histórica” (*simbólica-epistêmica*) temporária, isto é, um *regime de racionalidade estrutural* historicamente situado¹⁶³. Dessa maneira, Michel Foucault, a partir de uma descrição sobre diferentes campos discursivos, pôde reconhecer as articulações e relações entre esses discursos através da formação de uma “rede” *histórico-estrutural para o aparecimento dos saberes*.

Esse é também um aspecto positivo para a descrição arqueológica. Uma vez que julgamos a linguagem e a prática de uma disciplina de outra época meros objetos sem sentido, podemos ter acesso a um nível de descrição que nos mostra que aquilo que permanece incompreensível ainda assim apresenta uma ordem sistemática própria. Médicos como Pomme, que faziam suas estranhas descrições, eram orientados, sem saber, por uma *estrutura precisa de códigos do saber*.¹⁶⁴

¹⁶¹Na conceituação de Michel Foucault os regimes de racionalidade serão chamados de Episteme, ou seja, um complexo campo de conexões discursivas estruturado com uma *ordem própria para o aparecimento e o desaparecimento dos discursos referentes aos saberes em diferentes períodos históricos*.

¹⁶²DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

¹⁶³De acordo com Rabinow e Dreyfus, o alcance da noção foucaultiana de “código” era totalmente influenciado pelos estruturalistas, e pode ser visto no próprio prefácio de *As Palavras e as Coisas*. Cf: DREYFUS, Hubert, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. “Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar”. Cf: FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. XVII.

¹⁶⁴DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 17.

Percebe-se que a pesquisa arqueológica de Michel Foucault, de fato esteve preocupado em estabelecer uma descrição discursiva a nível *epistemológico – estrutural*, pois, a noção conceitual de *estrutura de códigos do saber*, ou, o que ele chamou por *Episteme*, delimitou numa perspectiva geral o *objeto*¹⁶⁵ descrito pelo filósofo em sua pesquisa arqueológica a partir de um estilo de *linguagem estrutural*, posto com a tarefa de descrever os saberes em diferentes épocas.

Assim, foi através da composição de um *híbrido* entre a tradição de pensamento associada aos epistemólogos, e junto a perspectiva metodológica ofertada pelo estruturalismo, Michel Foucault pôde inserir momentaneamente sua pesquisa arqueológica nesse “lugar teórico” com um duplo objetivo: 1) Distanciar das fenomenologias que marcaram sua formação universitária e seus primeiros escritos “proto-arqueológicos”, como também: 2) Encontrar um “lugar”, isto é, um campo de pesquisa teórico-metodológico pelo qual ele pudesse introduzir um *método* para descrição dos discursos, através de uma perspectiva *estruturalista-histórico-epistemológica* delimitada pela problemática relativa a formação dos saberes sobre o homem e instituições sociais.¹⁶⁶

Portanto, se é aceitável que a pesquisa arqueológica de Michel Foucault sobre as ciências humanas foi constituída por um método híbrido, posto entre o *Estruturalismo* e uma *Epistemologia* com uma perspectiva sobre a descontinuidade temporal para história, cabe desenvolvermos a seguinte problemática como conclusão: *Como pode ser colocada a questão da descontinuidade para uma arqueologia dos saberes que se defina como história estrutural das ciências através das Epistemes?*

¹⁶⁵Para Dosse o conceito e a abordagem do conceito de Episteme em 1966 no livro *As Palavras e as Coisas* representou o momento mais estruturalista da pesquisa de Foucault, tendo em vista que o objeto Episteme é construído numa perspectiva estruturalista dupla, pois corresponde tanto a uma estrutura para organização dos discursos que constituem o saberes a partir de suas relações e transformações históricas, ao mesmo que indica um estilo de problematização teórica-metodológica desenvolvido por Foucault dada a introdução de uma linguagem estrutural utilizada por ele para delimitar esse objeto. Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru: EDUSC, 2007. p. 433.

¹⁶⁶Os trabalhos desenvolvidos durante sua pesquisa arqueológica: *História da Loucura, O Nascimento da Clínica e As Palavras e as Coisas*, foram trabalhos que objetivaram justamente a composição das formações discursivas, pela qual se pôde delimitar a existência de objetos como a loucura, o hospital e as ciências humanas. A preferência teórico-metodológica de Michel Foucault, em fins dos anos cinquenta e início da década de sessenta, irá assentar-se no que se refere a uma grade teórica metodológica estruturalista. O objetivo dessas análises nesse momento de sua pesquisa, não esteve demonstra preocupação com o significado do sentido, mas sim, *com as condições de produção, aparecimento e irrupção do sentido*.

Michel Foucault, partilhou em sua pesquisa arqueológica da noção de tempo histórico descontínuo, apropriando-se da perspectiva da história das ciências de Canguilhem. De fato, aquilo que interessou a Foucault nessa concepção de história foi a distinção entre a noção de tempo da história das ciências, com relação a noção de tempo ofertada pela história tradicional através de uma perspectiva contínua e linear. Essa concepção tradicional sobre a história foi sustentada tanto por uma noção *idealizada* sobre o tempo histórico, totalmente desligado das condições materiais de desenvolvimento da ciência, como também, por uma noção de tempo *realista*, na qual o tempo é reduzido a uma acumulação infinita e contínua de acontecimentos em seus diferentes momentos.¹⁶⁷

A concepção sobre o tempo histórico e contínuo, impede a plena identificação de rupturas e fissuras na história para uma análise epistemológica que se quer enquanto uma história das ciências. Assim, uma análise histórica que procure encontrar transformações e modificações históricas representada pelos cortes e rupturas epistemológicas, deve orientar-se pela Epistemologia de Canguilhem, isto é, através de sua perspectiva descontínua sobre a história.

Michel Foucault apropriou-se do método da descontinuidade histórica e o introduziu em sua pesquisa arqueológica, sua justificativa para essa apropriação metodológica foi dada em razão do próprio objeto de suas análises, ou seja, para realizar uma descrição discursiva sobre as condições históricas que possibilitam o aparecimento e desaparecimento dos saberes, justifica-se a necessidade de uma análise histórica descontínua. Dessa maneira, a descontinuidade histórica cumpriu com uma tarefa fundamental na pesquisa de Foucault ao permitir a ampliação da possibilidade de periodizações interna para os acontecimentos.

Com essa estratégia de análise histórico-epistemológica foi possível ao filósofo descrever acontecimentos imperceptíveis para uma abordagem histórica linear e contínua, como são os acontecimentos representados pelas fissuras e rupturas a nível dos saberes.¹⁶⁸

Foi então a partir da perspectiva descontínua sobre a temporalidade histórica ofertada pela Epistemologia de Canguilhem, que Michel Foucault pôde realizar uma *arqueologia dos saberes* similar a uma *história das ciências*. Essa perspectiva histórica

¹⁶⁷REVEL, Judith. **Foucault um pensamento de lo discontinuo**. Buenos Aires: Amorrotu, 2010. p. 44-45.

¹⁶⁸FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3º Edição. 2013.

descontinua ao ser utilizada por Foucault, mostrou como se constituíram os *limites epistemológicos entre as épocas históricas* (Renascimento, Classicismo e Modernidade). Foi na transição entre esses conjuntos discursivos que o filósofo pôde conhecer *as rupturas e transformações na ordem dos saberes*, e descrever as relações discursivas que constituem temporariamente os saberes numa estrutura histórica-epistemológica chamada de *Episteme*.

Nesse sentido, em *As Palavras e Coisas*, a arqueologia de Foucault foi feita com uma perspectiva metodológica de análise sobre os saberes com um caráter estruturalista, uma vez que o estruturalismo lhe serviu como um método para explicar as mudanças e transformações descontínuas na história, para Foucault: “*uma análise é estrutural quando ela estuda um sistema transformável e as condições históricas nas quais suas transformações se realizam*”¹⁶⁹. Portanto, na arqueologia dos saberes de Michel Foucault, o estruturalismo através de sua introdução nos estudos epistemológicos, torna-se um método propriamente histórico e com a finalidade de ofertar uma análise rigorosa sobre as transformações históricas a partir da descontinuidade.

Ademais, foi através da perspectiva descontínua sobre a história que Michel Foucault pôde fazer do conceito de *Episteme*¹⁷⁰ não somente seu objeto de estudo, mas também, a “chave teórico-metodológica” que lhe permitiu a introdução de uma *metodologia e de uma linguagem estruturalista no domínio da história das ciências, possibilitando a associação de seu trabalho nos anos sessenta junto ao Estruturalismo*¹⁷¹.

¹⁶⁹FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013. p. 304.

¹⁷⁰DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

¹⁷¹FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista permite diagnosticar o que É a “Atualidade? In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013.

Conclusão:

De acordo com aquilo que mostramos, Michel Foucault de maneira um tanto quanto inesperada e descontínua direcionou seu interesse e a fundamentação teórico-metodológica de sua pesquisa para uma reflexão filosófica delimitada pelas condições históricas de produção, aparecimento e transformação do sentido sobre os discursos dos saberes, a princípio essa conversão foi feita em torno da psicologia (*História da Loucura*) e depois foi estendida as demais ciências humanas (*As Palavras e as Coisas*).

Dessa maneira, Michel Foucault se desinteressou e rompeu com as análises em torno da *Fenomenologia Existencial* para migrar e aproximar-se da corrente filosófica delimitada pela *Epistemologia Francesa* de Canguilhem. Foi esse o campo teórico-metodológico que lhe forneceu o tema e a problemática para sua pesquisa arqueológica, além de algumas noções conceituais que foram introduzidas durante a realização de seu *método arqueológico*.

Essa migração teórica-metodológica de Michel Foucault remonta a metade do século XX, de fato, se aceitarmos que *História da Loucura*, considerada o marcador literário inicial de sua pesquisa arqueológica foi escrita em fins dos anos cinquenta e apresentada em 1960, é possível delimitarmos esse momento da obra de Michel Foucault como aquele que representou sua ruptura teórico-metodológica em direção a uma reflexão de caráter histórico-estrutural-epistemológico.¹⁷² Canguilhem criou uma “atmosfera” favorável para a introdução de pesquisas que prestasse referência ao que foi chamado por *estruturalismo* em domínios como o da história das ciências, e fez isso ao expor o que seria uma *história descontínua e estrutural das ciências*.¹⁷³

Assim, pode-se dizer que um dos caminhos abertos pelos estudos epistemológicos sobre os regimes de racionalidade, foi possibilitar uma via alternativa para o desenvolvimento de pesquisas nas ciências humanas e na filosofia diversa da Fenomenologia. Aquilo que foi chamado por estudos *estruturalistas* na França

¹⁷²De acordo com Roberto Machado a epistemologia foi a principal referência teórico – metodológica do projeto arqueológico de Michel Foucault, e *História da Loucura* pode ser considerado o marcador inicial sobre as reflexões de Foucault sobre as condições históricas de produção dos discursos filosóficos, científicos, éticos, políticos, literários e jurídicos. NALLI, Marcos. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo. Edições Loyola, 2006.

¹⁷³ERIBON, Didier. **Michel Foucault, 1926-1984**. São Paulo. Cia das Letras, 1989. p. 114.

correspondeu a mais fecunda e bem-sucedida alternativa de construção para um programa de pesquisa diverso da Fenomenologia entre os anos sessenta.

Portanto, foi imerso a esse debate entre duas interfaces teóricas que Michel Foucault desenvolveu sua pesquisa arqueológica, através de um interesse temático delimitado pela problemática sobre a produção dos saberes, e por um ponto de vista teórico-metodológico delimitado pela aproximação com os pesquisadores estruturalistas ao introduzir um estilo de análise estrutural no domínio definido pela história da ciência para conhecer um objeto nomeado por Episteme¹⁷⁴.

¹⁷⁴A descrição do método arqueológico como uma variação do estruturalismo será feita nos próximos capítulos, e pôde ser diagnosticada principalmente no livro de 1966, *As Palavras e as Coisas*, no próximo capítulo mostraremos que além da epistemologia o desinteresse pela análise do sentido e da significação também foi motivado de forma decisiva nos trabalhos e no pensamento de Foucault nos anos sessenta a partir da influência dos estruturalistas e dos estudos literários.

Capítulo III. O Híbrido Arqueológico: Entre o Estruturalismo e a Epistemologia.

1. A Arqueologia dos Saberes e Estruturalismo: Tema, Método e Objeto.

De acordo com o que mostramos no capítulo anterior, Michel Foucault recebeu uma formação universitária e escreveu seus primeiros trabalhos no início dos anos cinquenta sob a influência da *Fenomenologia Existencial*. Contudo, o filósofo rompeu e abandonou essa linha de pensamento na metade da década de cinquenta, para, durante a realização de suas *histórias arqueológicas* já nos anos sessenta, seguir um caminho oposto ao da tradição fenomenológica, e aproximar seu interesse de pesquisa momentaneamente junto aos estudos delimitados pela *Epistemologia das Ciências* e pelo *Estruturalismo*, compondo dessa forma um *método híbrido* para suas descrições arqueológicas.

Nesse terceiro capítulo, a problemática que delimitou o fio condutor para nossa apresentação pode ser dada pela seguinte questão: *Como Michel Foucault realizou durante sua pesquisa arqueológica, uma História Estrutural dos saberes com a introdução do conceito de Episteme em Palavras e as Coisas? Para desenvolvermos essa problemática, vamos mostrar de que maneira o Estruturalismo através do conceito de Episteme, além de uma interface teórica para às descrições arqueológicas realizadas pelo filósofo, tornou-se seu próprio objeto de pesquisa a partir de uma história estrutural dos discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos.*¹⁷⁵

Assim, vamos mostrar um Michel Foucault *comentador* do estruturalismo a partir de sua posição conceitual sobre esse campo teórico-metodológico. E como através dessa posição conceitual, ele pôde praticar um estilo próprio de análise estrutural ao realizar uma arqueologia dos discursos sobre os saberes ocidentais a partir de uma história descontínua das sucessões epistêmicas. Por fim, também vamos mostrar a partir dos escritos arqueológicos um Michel Foucault *praticante do estruturalismo*, interessado em introduzir um método “histórico-estrutural” para descrever as mudanças e rupturas nas Epistemes.

¹⁷⁵Foi pelo uso do conceito de Episteme que Michel Foucault pôde desenvolver uma arqueologia dos saberes similar a uma história das *ciências*, desde a aparição das clássicas ciências empíricas, até o desenvolvimento das modernas *ciências e contra - ciências humanas*. Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O Campo do Signo**. Bauru/SP: EDUSC, 2007. p. 433.

A noção de Episteme ocupou uma posição central enquanto objeto para nossa análise e delimitação de um Michel Foucault estruturalista, entende-se que a noção de Episteme permitiu uma correspondência teórica e metodológica com o estruturalismo em dois aspectos gerais; tanto em termos de um *conceito explicativo* dotado de um *signo estrutural*, como também, por um *objeto de pesquisa* com uma perspectiva estrutural para ordem dos discursos. Contudo, a noção de Episteme não representou de acordo com o próprio Foucault a introdução teórica-metodológica do conceito de *Estrutura*¹⁷⁶ em suas descrições arqueológicas. Dessa maneira, cumpre mostrarmos como o significado conceitual referente a noção de Episteme não possui como referência teórica para sua formulação a noção de *Estrutura Linguística*, comum aos estudos estruturalistas desenvolvidos nas ciências humanas como a etnologia e a psicanálise.

De maneira sumária, pode-se dizer que o conceito saussuriano de *Estrutura* foi originário com a linguística estrutural no primeiro quarto do século XX. A língua compreendida por uma perspectiva de “estados da língua” passou a ser representada conceitualmente por um *sistema linguístico*, delimitado pela instauração da “*ciência do signo*”. A ideia fundamental para a prática de uma análise estrutural-linguística, se refere a compreensão da linguagem a partir da *arbitrariedade do sentido significativo do signo*, posta pela dualidade entre língua e fala. A língua corresponde ao sistema geral de signos, e cada elemento é relacional ao obter seu “valor” significativo internamente a relação estabelecida com outro signo.¹⁷⁷

A *Episteme* longe ser uma *Estrutura*, correspondeu a uma noção conceitual pela qual Foucault designou um conjunto de relações discursivas ordenadas por regras que enlaçam diferentes tipos de “*formações discursivas*” correlativas a uma mesma época histórica, isto é, todas as relações e filiações discursivas entre as ciências e entre os diferentes discursos não científicos constituem um determinada Episteme.

¹⁷⁶Como mostramos no primeiro capítulo, Deleuze reconheceu diversos estilos de Estruturalismos e de Estruturas em pesquisas científicas realizadas durante os anos sessenta, algumas dessas pesquisas como por exemplo, as de Michel Foucault, foram desenvolvidas por um Estruturalismo bem pouco Estruturalista, e teorizado por uma noção de Estrutura que não faz referência a noção teórica de sistema linguístico como Estrutura definido pelo curso de Saussure. Cf: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

¹⁷⁷MATTOSO, João Camâra Junior. O Estruturalismo Linguístico. In: **Estruturalismo: Grandes nomes nacionais ou estrangeiros**. Revista: Tempo Brasileiro, Edição especial dedicada ao tema do estruturalismo de 1973. E também com: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pecheaux: Diálogos e Duelos**. São Carlos. ClaraLuz. 2006. Cf: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

Nesse sentido, a *Episteme* não correspondeu a uma apropriação conceitual da noção saussuriana de *Estrutura* em *As Palavras e as Coisas*, a partir desse reconhecimento, temos como ponto de partida uma importante diferença conceitual entre o termo utilizado por Michel Foucault e a noção de *Estrutura* do tipo *Linguística*. Dessa maneira, no interior da obra de Michel Foucault, a noção conceitual pela qual o conceito de *Episteme* melhor pôde ser reconhecido e compreendido chamou-se *A Priori Histórico*.¹⁷⁸

O conceito foucaultiano referente ao *A Priori Histórico* pôde ser delimitado como um *conjunto transformável* de *regras estruturais* que ordenam espacialmente e temporalmente os “estratos, ou camadas do discurso”. Assim, o *A Priori Histórico* antes de ser uma *Estrutura*, determina como uma época histórica *não preexiste* aos enunciados que a exprimem, nem as visibilidades que as preenchem, o “*A Priori Histórico* é essa determinação temporal dos fenômenos visíveis e enunciáveis que tornam possível um o discurso em determinado período histórico”¹⁷⁹. Assim, a noção de *Episteme* assemelhou-se mais com a noção conceitual de *A priori Histórico*¹⁸⁰, em função do caráter modificável das condições de possibilidade das “regras de organização” das relações discursivas entre os saberes, do que propriamente com uma *Estrutura* que determine a existência de seus elementos internos.¹⁸¹

Dessa maneira, a descrição discursiva realizada com o método arqueológico permitiu o filósofo compreender as *Epistemes* como “*Estruturas Históricas*”, e não *Ideais* ou *Transcendentais*. Com essa perspectiva foi possível mostrar como ocorreu a *organização* e a *positividade* (condições históricas de aparecimento e a legitimidade epistemológica) dos discursos sobre os saberes em diferentes épocas chamadas de *Renascimento*, *Classicismo* e *Modernidade*. “(...) a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori* histórico. (...) Entendo designar aqui um *a priori* que seria não a condição de validade para juízos, mas a condição de realidade para os

¹⁷⁸FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2007. p. 147. E também em: REVEL, Judith. **Foucault um pensamento de lo descontínuo**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2014. p. 31.

¹⁷⁹DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 59.

¹⁸⁰O conceito de *A Priori* representa uma apropriação conceitual no sentido dado ao termo por Kant, contudo, como mostraremos não se trata de um *A Priori Transcendental*, e sim, *Histórico*.

¹⁸¹GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pecheaux: na Análise do Discurso: Diálogos e Duelos**. São Carlos. Clara Luz, 2006. p. 95.

enunciados”.¹⁸² De acordo com Foucault, esse *a priori* não se refere a objetos pré-existentes e anteriores aos discursos, nem a verdades que poderiam ser ditas, mas, trata-se dos limites históricos para o aparecimento de discursos e objetos definidos como *conjunto de regras* que caracterizam as práticas discursivas de uma época.¹⁸³

O roteiro a ser seguido para a mostrarmos como Michel Foucault desenvolveu análises de um estilo estruturalista em sua arqueologia sobre os saberes no livro *As Palavras e as Coisas* segue a seguinte ordem: 1-) Delimitar as definições ofertadas por Foucault sobre o Estruturalismo e delimitar em qual dessas ele pôde inserir sua pesquisa. 2-) O significado conceitual de Episteme como uma *Estrutura histórica*, isto é, um conjunto de regras para a organização dos discursos, o qual, pôde ser associado a noção de *A Priori Histórico*. 3-) Como *objeto temático e método para mostrar as rupturas históricas*, através de uma arqueologia dos saberes que procurou mostrar as sucessões descontínuas entre as Epistemes. 4-) Conclusão: Michel Foucault *esteve* no Estruturalismo para falar sua linguagem, mas *não foi um Estruturalista*.

Portanto, vamos mostrar como a partir da arqueologia dos saberes realizada no livro de 1966, Michel Foucault pôde apropriar-se e utilizar um estilo específico de análise *Estrutural* desenvolvida por um interesse *Epistemológico* sobre os saberes ocidentais através de uma perspectiva histórica descontínua através da introdução do conceito de Episteme.

¹⁸²FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 144.

¹⁸³Idem. p. 145.

2. Michel Foucault entre o comentário e a prática do Estruturalismo.

Antes de tratarmos da temática que delimita a introdução e o uso do método estruturalista na pesquisa arqueológica de Michel Foucault, convém mostrarmos como o filósofo conceituou e se apropriou do estruturalismo como um *método para o estudo de relações históricas entre os saberes*. A posição de Michel Foucault sobre o uso do estruturalismo partiu de um interesse de pesquisa delimitado pela problemática sobre as sucessões e rupturas históricas entre as Epistemes. Contudo, o filósofo não se dedicou a escrever um texto específico quanto ao seu uso sobre o Estruturalismo, bem como sobre as diferentes apropriações e abordagens do estruturalismo como fez Deleuze¹⁸⁴. Na verdade, ao contrário disso, pode-se encontrar na *Conclusão* de *A Arqueologia do Saber*, um posicionamento epistemológico posto por um esforço teórico para dissociar seu método arqueológico do Estruturalismo.

Mas, mesmo com essa tomada de posição contrária a compreensão de sua pesquisa como uma prática de pesquisa estruturalista, suas ideias e escritos sobre o estruturalismo seja enquanto programa de pesquisa teórico-metodológico, etapa da história do pensamento científico ocidental e produto da cultura intelectual contemporânea, estão dispersos em um conjunto de textos publicados principalmente nos anos seguintes ao lançamento de *As Palavras e as Coisas*.

Após um levantamento¹⁸⁵ sobre a aparição do termo *Estruturalismo* em textos escritos pelo filósofo, foi possível demarcarmos uma cartografia conceitual do emprego do termo, nota-se que o Estruturalismo apareceu como o tema central em textos publicados principalmente entre 1966 e 1970, constituindo um conjunto que foi possível reconhecermos em três perspectivas distintas mas que se articulam e se completam:

(A) Ao responder questões de caráter epistemológico quanto a produção de sua pesquisa arqueológica nos anos sessenta, *tendo o estruturalismo como personagem conceitual e metodológico*, colocado em um debate mais amplo com outros intelectuais do período, ao tematizarem a origem e do desenvolvimento do Estruturalismo.

¹⁸⁴DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

¹⁸⁵Esse levantamento foi feito na coleção ditos e escrito na versão francesa de 2001, e no vocabulário Foucault de Edgardo Castro.

(B) Como referências a *linguagem e a literatura contemporânea*, como “lugar literário” para pensarmos um saber e um sujeito anônimo através de um inconsciente do saber, como também o desenvolvimento de uma linguagem estruturalista no campo científico com a consequente apropriação das análises estruturais oriundas com linguística e transpostas pela psicanálise, etnologia, filosofia.

(C) Através de críticas e reflexões sobre as formas de filosofia “antropologizantes” e humanistas, como: fenomenologia, os existencialistas e o marxismo dogmático.

Dessa maneira, ao lermos alguns de seus textos, entrevistas e conferências encontramos suas descrições sobre o Estruturalismo a partir de caracterizações teóricas e metodológicas no campo científico.¹⁸⁶ Assim, temos um *Foucault comentador* desse pensamento e desse método ao construir *duas* importantes e distintas definições conceituais sobre o estruturalismo.

Poderíamos dizer que há duas formas de estruturalismo: a primeira é um método que permitiu seja a fundação de certas ciências como a linguística, seja a renovação de algumas outras como a histórias das religiões, seja o desenvolvimento de certas disciplinas como a etnologia e a sociologia. Esse estruturalismo consiste em uma análise não tanto das coisas, das condutas; ele estuda muito mais os conjuntos em seu equilíbrio atual do que os processos em sua história. Esse estruturalismo mostrou seu valor ao menos nisto: ele permitiu o surgimento de novos objetos científicos desconhecidos até então.¹⁸⁷

Esse primeiro estilo de estruturalismo correspondeu ao método para o estudo de conjuntos sistêmicos (estruturados) originário com os estudos da linguística de Saussure, e que de maneira geral foi introduzido nas ciências humanas francesa por Lévi-Strauss¹⁸⁸. Foucault se refere a esse estilo de estruturalismo como um programa que se generalizou nas ciências humanas a partir de sua origem atrelada as análises estruturais

¹⁸⁶FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

¹⁸⁷FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p.59.

¹⁸⁸FOUCAULT, Michel. Linguística e Ciências Sociais. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

de outros domínios científicos, como a linguística e a matemática, mas, que em função dos progressos de suas análises não ficaram restritas a um único domínio científico.

Foi a esse estilo de estruturalismo que filósofo não associou às suas pesquisas como instrumento teórico metodológico auxiliar, mas, como destacado pelo filósofo, esse estilo de análise estrutural cumpriu com uma função muito importante para pensamento intelectual ocidental. Isto é, seu valor epistemológico no campo científico foi posto pela possibilidade de apresentar novos objetos científicos que não eram conhecidos até então, como por exemplo, *a linguagem como sistema autônomo e anterior a consciência* regido por *regras inconscientes*.

Esse estilo de estruturalismo descrito por Michel Foucault, correspondeu a um estilo de análise chamado de *atomista*, para esse estilo de análise estrutural os elementos que compõe as relações da estrutura podem ser completamente especificados, e isso de maneira separada ao papel que desempenham em algum conjunto mais abrangente.¹⁸⁹ De modo geral, cabe dizer que na perspectiva de Michel Foucault, foram estruturalistas os cientistas que buscaram encontrar através dessa metodologia uma “linguagem” lógica-estrutural internamente aos objetos que pesquisavam, tornando possível produzir ou encontrar relações lógicas entre elementos constituinte de um conjunto estruturado.¹⁹⁰

Um segundo estilo de estruturalismo também foi apresentado por Michel Foucault, e foi junto a essa segunda qualificação que o filósofo “aproximou” metodologicamente suas descrições históricos estruturais desenvolvidas por sua pesquisa arqueológica.

O segundo estruturalismo seria uma atividade por meio da qual os teóricos, não especialistas, se esforçam para definir as relações (históricas) e atuais que podem existir entre tal e tal elemento de nossa cultura, tal ou tal ciência, tal domínio prático e tal domínio teórico. (...) Um estruturalismo que concerniria a nós, nossa cultura, nosso mundo atual, o conjunto das relações práticas ou teóricas que definem nossa modernidade.¹⁹¹

¹⁸⁹DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. XVIII.

¹⁹⁰FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2011. p. 160.

¹⁹¹FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de**

Foi esse estilo de análise estrutural que Michel Foucault praticou em sua arqueologia, sendo desenvolvido com uma perspectiva *histórica descontínua*¹⁹² sobre os saberes. Com esse estilo de análise estruturalista, ele pôde desenvolver em *As Palavras e as Coisas* uma análise histórico-estrutural sobre a formação e o aparecimento de um conjunto de saberes que modificam e “atualizam” “estruturas de saber”, chamadas pelo filósofo de Epistemes¹⁹³.

As descrições arqueológicas desenvolvidas em *As Palavras e as Coisas*, representaram a “tendência mais próxima do estruturalismo”, essa aproximação ao estruturalismo correspondeu a tentativa de encontrar exclusivamente a nível de uma descrição discursiva “as regras estruturais que regem apenas os discursos”, a qual determinaria, não um sistema ou modelo para a existência dos saberes, mas sim, *as práticas discursivas* que possibilitam o aparecimento dos saberes em *diferentes épocas históricas*. Para desenvolver essa problemática, Foucault se esforçou para reter os aspectos formais das relações discursivas, “(...), isto é, deixou de lado seu interesse pelas instituições sociais e se concentrou quase exclusivamente, no discurso, sua autonomia e suas transformações descontínuas”.¹⁹⁴

Assim, realizando uma prática de pesquisa semelhante a um estruturalista, Michel Foucault tentou separar, e isolar o máximo possível as relações discursivas entre os saberes que lhe interessaram de sua fundamentação social e institucional, para com isso descobrir as regras estruturais de auto-regulamentação dos discursos. Como afirmou Foucault:

Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis os conhecimentos ou teorias, segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se

Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p.59.

¹⁹²DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX.** São Paulo. Zahar Editora, 1973.

¹⁹³Idem.

¹⁹⁴DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 20-21.

racionalidades, para talvez se desarticularem e logo desvanecerem (...) ao trazer a luz outra Episteme.¹⁹⁵

Assim, surge também a noção de Episteme, a qual aparece localizada pontualmente na obra de Foucault como o objeto central de sua pesquisa, compreendida como um objeto estrutural, e, ao mesmo tempo, a representação teórica do conjunto de relações entre diferentes formações discursivas, as quais estruturam os discursos sobre os saberes. Portanto, a pesquisa arqueológica através de sua interface teórica estruturalista pôde realizar a partir da delimitação do conceito e do objeto Episteme, um conjunto de descrições discursivas a nível linguístico e metodológico posto por uma prática de análise *descritiva, sobre o subsolo mais profundo para os saberes*¹⁹⁶.

3. Episteme: Uma Estrutura-Histórica para um Estruturalismo sem Estruturas.

Nosso objetivo nesse item, é estudar como Michel Foucault a partir de sua posição diante do estruturalismo como um *teórico não especialista*, interessado em conhecer rupturas e diferenças histórico-epistemológicas através de descrições discursivas a nível estrutural. Assim, vamos mostrar como o filósofo pôde introduzir e utilizar-se de componentes *teórico-metodológicos reconhecidos como “estruturalistas”* para o estudo das relações discursivas entre os saberes de uma época a partir da introdução do conceito de *Episteme*?¹⁹⁷

O conceito de *Episteme*, pelo qual Michel Foucault foi associado ao *Estruturalismo*, foi apresentado em 1966 de forma literal em sua produção bibliográfica,

¹⁹⁵FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. XVIII.

¹⁹⁶DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

¹⁹⁷Como mostramos na introdução, nos referimos a uma Estrutura do tipo Linguístico como aquela delimitada por Saussure

contudo as referências a noção de Episteme já haviam sido anunciadas teoricamente nas pesquisas arqueológicas anteriores sobre a *loucura* e a *prática médico-científica*. Essa noção conceitual, como mostramos anteriormente foi erroneamente reconhecida e recebida por certos críticos da inteligência francesa como uma variante para o termo Estrutura¹⁹⁸, razão pela qual posteriormente o termo acabou sendo suprimido de seu vocabulário, justamente para dissociar sua pesquisa do Estruturalismo *stricto sensu*, isto é, do tipo linguístico. Logo, o filósofo utilizou-se do conceito de Episteme sem apropriar-se de forma sinônima a noção conceitual de *Estrutura*.

Antes de mostrarmos como o conceito de Episteme, no centro da problemática da arqueologia dos saberes fez referência a uma análise do tipo histórico-estrutural¹⁹⁹, vamos mostrar em que medida esse conceito não pode ser qualificado como um conceito Estruturalista a partir de uma noção de estrutura em *stricto sensu*, e como para a pesquisa arqueológica a noção de Episteme correspondeu a uma perspectiva *histórica* sobre o Estruturalismo, isto é, como última etapa e ponto de chegada da consciência história da razão ocidental.

3.1. Episteme: Estrutura histórica e descrição arqueológica.

A definição conceitual sobre estruturas que possam ser compreendidas através da introdução de modelos ideais, universais e sistêmicos em diversos aspectos da realidade empírica, correspondeu a uma prática científica bem-sucedida em diversas disciplinas científicas nos anos cinquenta e sessenta a partir dos estudos originários com a linguística. Mas em *As Palavras e as Coisas*, apesar de aparente proximidade conceitual, o objeto chamado de Episteme não deve ser associado a tradicional noção de *Estrutura* presente no *Estruturalismo da linha de Saussure*²⁰⁰.

¹⁹⁸Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru. EDUSC, 2007. E também com: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

¹⁹⁹ MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). **Foucault: leituras acontecimentos**. [recurso eletrônico] / Norman R. Madarasz, Gabriela M. Jaquet, Daniela N. Fávero, Natasha Centenaro (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Fi, 2016.

²⁰⁰ No primeiro capítulo, mostramos através do texto de Deleuze, *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* Como se constituíram várias linhas de pensamento e apropriação dos métodos estruturais, os quais permitiram certa polissemia do termo Estruturalismo, indo muito além da proposta do Estruturalismo linguístico de Saussure.

A noção conceitual chamada por *Episteme* foi introduzida e utilizada por Michel Foucault de maneira *oposta* quanto ao seu significado como a também por sua função explicativa com relação ao conceito de estrutura oriundo com a linguística estrutural. A noção conceitual de *estrutura* utilizada pelos estruturalistas herdeiros do pensamento de Saussure, refere-se a um objeto propriamente estrutural e que existe enquanto uma forma, ou, um *modelo sistêmico*²⁰¹ referente a um conjunto interdependente e articulado por elementos, isto é, a própria estrutura.

Assim, a noção conceitual de estrutura delimitada pela linguística estrutural, possui, do ponto de vista de sua metodologia científica, uma função muito precisa, pois sua *função explicativa* sobre a realidade faz referência a uma perspectiva conceitual universal e sistêmica, dessa maneira, independente da realidade empírica a ser analisada, o conceito teórico de Estrutura remete a compreensão de determinado objeto como um *conjunto* ou *modelo*, o qual não é alterado historicamente, assim, independente dos elementos que possam ser articulados e relacionados no conjunto, o modelo permanece, seja como uma estrutura linguística, social, familiar ou psíquica.

Contudo, a delimitação conceitual de estruturas universais que descrevem e explicam a realidade tal qual ela é a partir de modelos sistêmicos, pressupõe a caracterização dessas estruturas como um conceito teórico posto por uma perspectiva sincrônica sobre a dimensão temporal. Nesse sentido, a noção de Estrutura foi comumente utilizada sem uma preocupação com mudança temporal e os acontecimentos de transformações e rupturas históricas, dessa maneira, o conceito tornou-se tributário de uma perspectiva temporal reconhecida como *a-histórica*, onde os acontecimentos históricos não são relevantes como critérios explicativos para serem conhecidos cientificamente, visto, que a mudança histórica ocupa um nível superficial de explicação nessa realidade estruturada.²⁰²

É justamente essa perspectiva Estruturalista sobre o conceito de Estrutura que não pode ser associada a noção de *Episteme*, ao menos na maneira que Foucault à introduziu no livro de 1966. Ao contrário da tradicional noção de Estrutura derivada do curso de Saussure, o conceito de *Episteme não foi empregado* com o interesse em mostrar os discursos sobre os saberes como elementos internos de *Estruturas universais*,

²⁰¹ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

²⁰² DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru/SP. EDUSC, 2007.

sistêmicas e anti-históricas. O filósofo não descreveu estruturas atemporais, mas, preocupou-se em descrever as condições históricas de possibilidade para o aparecimento das regras estruturais que regem apenas o discurso.²⁰³

Michel Foucault se utilizou do conceito de Episteme com a intenção de mostrar as *transformações históricas* a partir das *rupturas* que provocam não a unidade discursiva num sistema fechado como o dos discursos sobre os saberes, mas, seu interesse foi mostrar a *dispersão de sentidos* dessas relações discursivas sobre os saberes, assim; “*dispersão mais do que Estruturas, que se impõe a nós sem que possamos compreendê-lo ou percebê-lo*”²⁰⁴.

Nesse sentido, a típica noção de Estrutura Linguística desenvolvida pelos Saussurianos, que, como dissemos, delimitou um estilo de *estruturalismo atomista* não corresponde a mesma noção conceitual posta por Michel Foucault com a noção de Episteme ao realizar sua arqueologia dos saberes. Foucault não procurou conhecer e mostrar a existência de uma Estrutura para acomodação dos discursos sobre os saberes, mas sim, *as regras para a organização dos discursos*, visto que estes são modificados historicamente, assim, o objeto estrutural de Foucault como mostrou Deleuze, é *móvel espacialmente*²⁰⁵ e *modificável historicamente*.

Dessa maneira, temos uma importante *diferença* entre o Estruturalismo em sua versão mais tradicional associada ao Estruturalismo linguístico de Saussure e o método da *Arqueologia dos Saberes*. Posto que essa diferença se mede pelos próprios objetos e objetivos de cada programa, isto é, o sentido da noção de *Estrutura Linguística* posta pelos adeptos do pensamento de Saussure em cada uma das disciplinas pelo qual esse método foi aceito, fez funcionar um conceito de Estrutura com princípios teóricos e um objetivo de explicação muito diferente daquele contido na noção foucaultiana de Episteme.

A noção de Episteme delimitou um “espaço simbólico e profundo”²⁰⁶, lugar onde os discursos postos pelos saberes estabelecem relações históricas modificáveis

²⁰³DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 20 -21.

²⁰⁴VEYNE, Paul. **Foucault, seu Pensamento, sua Pessoa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2011. p.173

²⁰⁵DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? *In*: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

²⁰⁶Ibid.

descontinuamente no tempo.²⁰⁷ Isto é, a Episteme “reúne” as relações discursivas em determinado período histórico justamente para mostrar como ocorre o processo de *dispersão dos discursos* produzidos nessas relações, contrariamente a uma Estrutura do tipo linguístico, a Episteme não deve ser reconhecida e associada a um conjunto ou modelo, delimitado pela somatória de elementos que compõe uma “unidade” para o *sentido-significativo*²⁰⁸ dos discursos. Mas, pela possibilidade de ordenação do campo discursivo sobre os saberes a partir da constituição histórica de relações.

Assim, na Episteme, os sentidos produzidos entre as relações discursivas com o aparecimento dos saberes (ciências, objetos, sujeitos, teorias, métodos), ao invés de serem determinados e contidos em “formas” de significações representativas (por exemplo, signos como conceitos ou palavras) a partir da aleatoriedade das relações discursivas, ao contrário disso, existem justamente através da dispersão temporal (histórica) de sentidos-significativos. Revel aponta para uma importante crítica quanto à interpretação da Episteme como um sistema unitário, coerente e fechado, pois essa perspectiva implica afirmar que existe uma certa coação ou uma “sobre determinação” rígida para a existência dos discursos.

²⁰⁷Na conferência *Outros Espaços*, Foucault fala sobre o interesse do Estruturalismo ser um interesse por estudos sobre relações de posição que fazem do espaço uma dimensão da realidade tão fundamental quanto o tempo para o conhecimento científico. Em *Outros Espaços* (1967), Foucault, define a contemporaneidade como um momento em que o mundo experimenta a temporalidade de maneira diferente, isto é, o tempo não possui uma via única, mas o tempo se desenvolve como uma “*rede que religa pontos e que entrecruza sua trama*”. Não obstante, o estruturalismo é delimitado por essa perspectiva alimentada *mais* por seu potencial de reflexão sobre o tempo, e *menos*, por uma conceituação como método científico. Ademais a abordagem foucaultiana aponta para uma sensibilidade filosófica dada pelo estruturalismo sobre o espaço heterogêneo marcado pela existência de múltiplas temporalidades em detrimento do tempo único, característico do pensamento sobre a história no século XIX. Assim, para Foucault: “*O estruturalismo, ou pelo menos o que se reúne sob esse nome geral, é o esforço para estabelecer, entre elementos que podem ter sido dispersos através do tempo, por um conjunto de relações que o faz aparecer como justapostos, opostos, comprometidos um com o outro, em suma, que os faz aparecer como uma espécie de configuração; na verdade, não se trata com isso de negar o tempo; é uma certa maneira de tratar o que se chama de tempo e o que se chama de história*” Cf: FOUCAULT, Michel. *Outros Espaços*. In: Ditos e Escritos, volume III. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição. 2013. p. 414.

²⁰⁸Como o filósofo já vinha afirmando desde a metade dos anos cinquenta, sua preocupação em descrever uma formação discursiva não se deve ao fato de mostrar o sentido – significativo dos discursos, mas mostrar suas condições de possibilidade. Cf: FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011.

Ao contrário dessa perspectiva, a autora afirma que para Foucault a Episteme de uma época não representa a soma dos discursos e formas de conhecimento dessa época, isto é, o estilo geral de práticas científicas ou não científicas que fundamentam os discursos sobre os saberes em determinado período histórico. Nesse sentido, o interesse conceitual do filósofo ao introduzir em seu vocabulário o termo Episteme foi mostrar as variações, oposições e diferenças entre as múltiplas relações discursivas possíveis de serem postas num determinado período histórico.²⁰⁹

Contudo, foi somente após as críticas recebidas e posteriormente respondidas com a publicação em 1969 de *A Arqueologia do saber*²¹⁰, quando Foucault pôde dedicar-se a explicar como *não existem princípios de unidade* para os discursos quando investigados pelas descrições arqueológicas. Dessa maneira, a prática da análise arqueológica “anula” a unidade das relações entre os discursos, como por exemplo, em uma ciência ou na literatura. Assim, para o método arqueológico a dispersão de sentidos significativos pôde ser evidenciada por exemplo, com o objeto loucura, pois tanto a instituição médica, ou os saberes psicológico e psiquiátrico foram todos compostos por relações discursivas derivadas de formações discursivas heterogêneas.

Isso significa que para a descrição arqueológica, os sentidos-discursivos produzidos nas relações discursivas *funcionam como pontos de dispersão*, dessa forma, pode-se dizer que os discursos são aceitos como sendo formados por relações que não foram postas por nenhum princípio de unidade. O aparecimento dos discursos como dispersão de sentidos e ausentes de princípios para sua unidade, implica que a descrição sobre as relações discursivas entre diferentes “formações discursivas” deva ser delimitada por *regularidades, ou regras de dispersão discursivas*.

Através da descrição da composição das relações entre os discursos pela dispersão, e não pela unidade de seus sentidos, foi possível o filósofo mostrar (mesmo sem explicar detalhadamente) o momento das rupturas e transformações estruturais-epistemológicas entre as relações discursivas, e posteriormente como se deu a

²⁰⁹REVEL, Judith. **Foucault, un pensamiento de lo discontinuo**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. p. 34.

²¹⁰A Arqueologia do Saber foi publicada em 1969, contudo a temática do livro já havia sido apresentada em 1967 e 1968 em outros dois textos: Resposta ao Círculo de Epistemologia e Resposta a uma Questão. Cf: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013. E em: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos volume 6. **Repensar a Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1º Edição. 2013

composição de uma nova organização para as relações discursivas entre os saberes, isto é, uma nova Episteme. Assim, Michel Foucault desenvolveu suas descrições com um interesse maior em conhecer as regularidades e *regras internas para a organização e transformação dos discursos*, ao invés de mostrar uma Estrutura universal que determine o significado dos discursos a partir da relação entre *Palavra e Coisa* (significante e signo) como um estruturalista Saussuriano.

Dessa maneira, a Episteme além de objeto para a arqueologia dos saberes no livro de 1966, definiu o campo de análise para arqueologia de *As Palavras e as Coisas* como um conceito operatório reconhecido numa perspectiva histórico-estrutural para uma história das ciências. Através das descrições arqueológicas foi possível mostrar as transformações históricas destituídas de uma noção linear e progressiva sobre os saberes ao nível das relações discursivas. Essas descrições levaram Michel Foucault a mostrar três campos epistemológicos estruturalmente e historicamente definidos como:

- 1) **Episteme Renascentista: Idade da Similitude.** Até o século XVI as relações entre palavras e coisas foram marcadas pela similitude, peça semelhança, isto é, estabelecia-se uma identidade mágica entre palavras e a nomenclatura das coisas através do estabelecimento de relações aparentes e bem pouco lógicas.
- 2) **Episteme Clássica: Idade da Representação.** Entre os limites dos séculos XVII e XVIII ocorre uma profunda transformação nas configurações dos saberes, a compreensão do mundo pelo homem deixa de ser linguisticamente marcada pela associação de semelhança entre palavra e mundo. A palavra passa a ocupar o lugar de representação das ideias através do surgimento das ciências empíricas e da filosofia crítica moderna.
- 3) **Episteme Moderna: Idade da Interpretação.** No século XIX, as ideias de finitude e historicidade tornam possível a perspectiva de tematização do homem enquanto objeto e sujeito do saber ocidental. Instaura-se a época da interpretação dos discursos pelo Homem através dos métodos da hermenêutica e da formalização discursiva. Ao mesmo tempo já se vislumbra o desaparecimento do homem e a dissolução da ideia de sujeito pelo próprio desenvolvimento das

ciências interpretativas já que o discurso e a linguagem podem ocupar o seu lugar.²¹¹

Renascimento, Classicismo e Modernidade, além de nomenclaturas cronológicas, representam que em diferentes períodos históricos só pode existir *uma ordem* “espacial” para o estabelecimento das relações discursivas. A delimitação da ordenação histórica dos saberes através da arqueologia foucaultinana, mostrou a existência dessa ordem epistemológica para os discursos sobre os saberes anterior a própria consciência humana. Dessa maneira, com a intenção em reconhecer um “*espaço*” para o saber, o conceito de Episteme foi introduzido a partir de uma *análise topológica*.

Assim, as *Epistemes* são descritas através das condições de possibilidade para existência de determinadas relações discursivas, para a partir disso, estabelecer as positivities referente aos objetos que podem tornar-se discurso. Cada época histórica possui suas próprias possibilidades para o aparecimento dos saberes, e isso se explica em razão do *sentido-significativo*²¹² produzido com a distribuição das relações de vizinhança entre os saberes no espaço epistemológico de uma Episteme.

Dessa forma, Michel Foucault procurou se utilizar de uma linguagem estruturalista sem de fato ser um estruturalista, para descrever *relações estruturadas do saber em cada período histórico*, e demonstrar que grandes formas de pensar como marxismo, fenomenologia e o próprio estruturalismo como formas discursivas e determinadas por regras históricas para a organização dos saberes e sua acomodação num espaço-epistemológico.

3.2. Estruturalismo-Histórico: A Episteme como “A Priori Histórico - Epistemológico”.

²¹¹GREGOLIM, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos*. São Carlos/SP: Claraluz, 2006. p. 79-80.

²¹²De acordo com os antropólogos Paul Rabinow e Hubert Dreyfus, a arqueologia dos saberes de maneira diferente dos métodos estruturalistas desenvolvidos nos anos sessenta, não eliminou totalmente a noção de sentido presente nos discursos, isto é, foi justamente o sentido discursivo em termos de posição espacial na Episteme e condição histórica de aparecimento que foi preservado pela arqueologia dos saberes do livro de 1966. DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Michel Foucault situou sua pesquisa arqueológica numa posição metodológica estratégica com esse estilo de descrição estrutural das relações entre os discursos, pois dessa forma, ele pôde efetuar a prática de um estilo de estruturalismo, e ao mesmo tempo, realizar uma análise arqueológica da história das ciências a partir da descontinuidade histórica²¹³. Assim, o uso do “estruturalismo” por parte do filósofo foi feito através de um estilo *específico de estruturalismo*, introduzido com o interesse em realizar análises históricas com a noção de Episteme.

Nesse sentido, foi com a noção de *A Priori Histórico* introduzida em *As Palavras e as Coisas* e posteriormente em *A Arqueologia do Saber*, que tona possível estabelecer um paralelo entre o método da *arqueologia dos saberes* e a versão de um *Estruturalismo-Histórico* por parte de Michel Foucault em seus trabalhos nos anos sessenta. As descrições epistêmicas realizadas pelo filósofo através de sua arqueologia, foram feitas a partir de uma referência ofertada pelas condições históricas de organização de um espaço para os saberes no pensamento ocidental, isto é, a Episteme aproxima-se conceitualmente mais de um *A Priori Histórico* para os discursos, e menos de uma *Estrutura para a determinação dos saberes*.

Em *As Palavras e as Coisas*, o filósofo não procurou com suas descrições arqueológicas revelar um modelo estrutural para a determinação dos saberes que pudesse explicar através de suas descrições o campo epistemológico em diferentes épocas como realidade estruturada, mas sim, as condições históricas presente nas relações discursivas *A Priori* para os objetos que aparecem no campo dos saberes.

Paul Veyne também reconheceu a qualificação conceitual de “*A priori Histórico*”, com o interesse em assimilar um efeito temporal de sucessão a Episteme. Isto é, a Episteme compreendida como um “*A Priori Histórico*” representa o espaço

²¹³A orientação pela qual Foucault vai desenvolver seus estudos com relação a história e ao sujeito, apontam que não se trata de negar o sujeito e história, mas de definir a transitoriedade histórica do sujeito, isto é, somente pela análise histórica que se pode evitar toda noção de uma essência subjetiva e de um fundamento racional para o sujeito e sua consciência. Deleuze também foi outro comentador do *Foucault estruturalista* que pôde delimitar seu posicionamento quanto a história e ao sujeito, não como um ser que possa se desenvolver por uma consciência racional, mas sim, como uma função transitória definida pelas práticas que desenvolve, Deleuze chamou isso de *casa vazia*. Nesse sentido, torna-se possível mostrar justamente como a pesquisa arqueológica, estabeleceu por um quadro mais de diferenças, do que por semelhanças, alguns paralelos referentes com as análises estruturalistas mais comuns no cenário francês, convertendo-se dessa maneira, numa possibilidade de análise constituída como um estilo bem peculiar de estruturalismo histórico e com preocupações de caráter epistemológico.

epistemológico para a organização das regras que instituem e excluem os discursos possíveis de acontecer.²¹⁴

O A Priori Histórico não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma *Estrutura* intemporal: define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras que não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam (como numa *Estrutura*): estão inseridas no que ligam: e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles transformam em certos limiares decisivos. O A Priori Histórico não é somente um sistema de dispersão temporal; ele próprio é conjunto transformável.²¹⁵

A delimitação conceitual sobre a Episteme que permite a aproximação com a noção de um *A Priori Histórico* e não com a de *Estrutura*, pode ser reconhecida de acordo com o filósofo pela descrição de um objeto de pesquisa representado como próprio *conjunto transformável* de dispersão dos discursos, posto por uma perspectiva histórico-filosófica que problematizou as reais condições históricas para o aparecimento dos saberes, “*Nada, pois, seria menos exato, que conceber esse a priori histórico (Episteme) como um a priori formal (Estrutura) dotado de uma história imóvel e vazia (...)*”²¹⁶.

Dessa maneira, o que se visou com a noção de Episteme como um *A Priori Histórico*, foi mostrar como foram os modos de ruptura, de articulação e coexistência das regras para organização entre os enunciados produzidos em diferentes formações discursivas sobre saberes como, as ciências, a literatura e a filosofia. Portanto, a Episteme, define o espaço onde ocorre a reunião e a dispersão dos sentidos-significativos dos discursos sobre tudo aquilo que possa ser pensado e discursivizado, como também, quanto aos discursos e saberes do por-vir, *os quais ainda poderão emergir e acontecer, ao menos por um instante*²¹⁷, através da ruptura e reorganização histórica da “estrutura epistemológica”.

²¹⁴Ou seja, a partir do conceito de Episteme, Foucault realiza um diagnóstico dos saberes como também um prognóstico daqueles saberes que ainda virão a existir, como por exemplo, os saberes que resultaram na substituição do conceito de homem, figura que nasce e morre na modernidade sob um ponto de vista conceitual.

²¹⁵FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 145.

²¹⁶Ibid.

²¹⁷FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: *Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011.

4. O Estruturalismo em *As Palavras e as Coisas*: O Tema da História Estrutural do Saber

*Fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo.*²¹⁸

Em *As Palavras e as Coisas*, ao objetivar as Epistemes, Michel Foucault descreveu a partir de uma análise intradiscursiva e exclusivamente a nível dos discursos,

²¹⁸FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição. 2013. 62.

quais foram as condições históricas para o aparecimento, funcionamento e ruptura epistemológica entre diferentes épocas. Dessa maneira, através das descrições arqueológicas realizadas por Foucault, foi possível encontrarmos um *Foucault praticante*, e ao mesmo tempo, “*historiador*” do *Estruturalismo*²¹⁹, realizando um trabalho similar ao dos historiadores das ciências como Canguilhem, *ao traçar uma história descontínua das ciências através da descrição de “estruturas do saber” chamadas por Epistemes*.²²⁰

Para o desenvolvimento dessa perspectiva *histórico-epistemológica* sobre o surgimento do homem, Michel Foucault partiu da seguinte questão: *Como foi possível a organização e a modificação histórica dos saberes no interior das Epistemes que possibilitaram o aparecimento do homem?* Assim, para descrever o aparecimento do objeto homem ao campo dos saberes, foi necessário ao filósofo descrever como se deu em épocas históricas anteriores a modernidade a organização das relações discursivas entre os saberes, e mostrar como o homem somente pôde surgir enquanto objeto ao campo do saber na época moderna.

O aparecimento do *Estruturalismo ao campo do saber* representou a última etapa da história das ciências na modernidade, e o ápice de uma consciência *crítica e racional* originária na modernidade com corte epistemológico promovido com a introdução da filosofia de Kant.²²¹ Entretanto, o aparecimento do Estruturalismo foi somente possível pelo surgimento no espaço do saber epistemológico moderno das chamadas “contra- ciências”. Mas paradoxalmente as contra-ciências destituíram o homem de sua posição como figura central no saber moderno, dissolvendo a tradicional noção do sujeito como o sólido fundamento pelo qual se constitui a razão e o saber no pensamento filosófico moderno.

²¹⁹Nas duas apropriações sobre o Estruturalismo realizada pela pesquisa arqueológica de Michel Foucault, o Estruturalismo foi compreendido como um método histórico e como um objeto histórico.

²²⁰Esse tema sobre a origem histórica-epistemológica do estruturalismo foi abordado por Michel Foucault no capítulo X “*As Ciências Humanas*”, e permitiu ao filósofo descobrir em termos de estrutura como se deu a formação do próprio estruturalismo, assim, ele pôde apresentar a emergência do método estrutural como resultado de uma nova organização epistemológica promovida fundamentalmente pela ação das disciplinas chamadas de contra – ciências na modernidade. Cf: FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2007. p. 475-536.

²²¹De acordo com Michel Foucault foi por essa segunda via que o estruturalismo se tornou possível como pensamento e prática teórica-metodológica através da intersecção discursiva composta pela etnologia, psicanálise e linguística, as chamadas contra-ciências.

4.1. O objeto “Estruturalismo”: Uma Arqueologia do aparecimento do Estruturalismo.

A estratégia adotada por Michel Foucault para fazer do Estruturalismo objeto de pesquisa e metodologia para uma história descontínua dos saberes, foi mostrar através da descrição de campos discursivos articulados e distintos entre si como a Biologia, a Economia Política e a Filologia, o surgimento do homem e das ciências humanas internamente à Episteme Moderna. Isto é, após o surgimento do homem e das ciências humanas no século XIX, desenvolveu-se um campo discursivo “reativo” as positivities das ciências humanas no século XX chamado de “contra ciências”. As *contra-ciências*²²² produziram de maneira “comum” uma linguagem e uma metodologia estrutural através da introdução dos diversos conceitos de Estrutura no campo científico.²²³

A Episteme Moderna representou um marcador histórico-epistemológico para isolar e descrever os discursos científicos associados as *contra ciências*, responsáveis pela dissolução de noções tradicionais no campo da ciência e da filosofia como: sujeito, sentido e consciência.

As ciências que conseguiram desempenhar a tarefa de crítica aos fundamentos da positividade conceitual sobre o objeto “homem” foram: a psicanálise, a etnologia e a linguística. Essas três disciplinas chamadas “contra-ciências”, podem ser claramente identificáveis e reconhecidas ao que se chamou de “Estruturalismo”. Linguística, Psicanálise e Etnologia encontraram na noção de teórica de Estrutura um metodologia capaz de delimitar modelos estruturais para compreensão da linguagem, de uma cultura como também da psique de um indivíduo, nesse sentido é que se falou em Estruturalismo como uma espécie de último estágio da *consciência crítica das ciências humanas*, pois justamente com o aparecimento do Estruturalismo como a manifestação de um hiper-racionalismo foi a própria noção de *consciência do sujeito* pôde ser abandonada diante das perspectivas estruturais.

Ademais, a linguística forneceu às contra-ciências a “chave” para formalização de seus objetos justamente por não ser uma ciência humana, assim, ao se situar no exterior do homem a linguística pôde realizar uma análise sobre a linguagem

²²²Entende-se por “contra-ciências”: Linguística, Etnologia e Psicanálise.

²²³FOUCAULT, Michel. As Ciências Humanas. In: **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

independente do sujeito. Quando Foucault diz que a linguística se localiza no exterior do homem, significa que o discurso da linguística se ocupa com a estrutura anterior e exterior à linguagem consciente pela qual o homem pode pensar e falar, assim, *a linguística, tanto quanto a psicanálise ou a etnologia, não falam do próprio homem*, mas de saberes inconscientes em um espaço no qual o homem surge como figura. Essas três ciências dizem respeito então aos discursos que dissolvem o homem em um conjunto de funções demarcados por regras, leis, desejos, finitude, linguagem e inconsciente. Ao desenvolverem suas análises estruturalistas, as contra-ciências anunciaram a morte e o fim do homem, daquele homem cuja a positividade as ciências e a filosofia moderna tentou encontrar.²²⁴

Portanto, as contra-ciências, a partir da disponibilidade teórico metodológica para formalização do discurso originária na linguística estrutural, *desenvolveram por analogia*²²⁵ análises científicas em termos de Estrutura, resultando no termo genérico *Estruturalismo* como campo do saber filosófico científico.²²⁶

Em *As Palavras e as Coisas*, podemos encontrar no capítulo X, intitulado: *As Ciências Humanas*, a colocação da seguinte problemática por Michel Foucault: *Como foi possível, na Episteme Moderna o desenvolvimento de uma problemática científico-filosófica que colocou no lugar do objeto “homem” a linguagem (ser da linguagem)?*

Foucault responde a essa questão descrevendo um complexo rearranjo estrutural entre os saberes após o desenvolvimento das contra-ciências, o qual, permitiu o aparecimento de uma forma de consciência científica onde o sujeito desaparece como “Ser consciente do saber” em detrimento de um “Inconsciente para o saber”. O Estruturalismo apareceu como a “materialização” teórico-metodológica para reflexão desse estágio do desenvolvimento científico que retirou a consciência do homem do fundamento para a produção do saber, para lá encontrar a linguagem.

Assim, o Estruturalismo aparece como produto da cultura e do pensamento ocidental, a partir do momento em que na modernidade foi a linguagem quem ocupou o lugar central para a constituição do saber moderno, e pelo qual toda a Episteme se

²²⁴ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2008. p. 55.

²²⁵STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

²²⁶VALLEJO, Mauro. *Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo*. In: Vallejo, M. & Rodríguez, F. *El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur*. (pp. 137-185). Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2011.

organiza e todo pensamento torna-se possível²²⁷. Dessa maneira, a famosa e muitas vezes citada passagem de *As Palavras e as Coisas*, “O estruturalismo não é um método novo, é a consciência desperta e inquieta do saber moderno”²²⁸, deixa claro como a partir de uma história das ciências realizada pelo filósofo, o estruturalismo pôde ser apresentado como um resultado e *ponto de chegada* para a consciência racional moderna.²²⁹

Michel Foucault, através de sua pesquisa arqueológica de 1966, apontou para uma importante conclusão compartilhada com os estruturalistas: *o saber, enquanto modalidade do discurso não possui um sujeito que lhe formule, e lhe de sentido e significação*. Dessa forma, aproximando-se dos grandes pensadores estruturalistas do período, Foucault ressalta a importância das pesquisas de Lacan e Lévi-Strauss em ter demonstrado como através de relações entre discursos, sempre serão, “*as estruturas, o próprio sistema da linguagem – e não o sujeito – que falam (...) antes de todo pensamento humano, já haveria um saber, um sistema, que redescobrimos (...)*”.²³⁰

(...) digamos que o estruturalismo explora, sobretudo, uma linguagem, da obra literária e do conhecimento (...). Podemos dizer que se pesquisam essencialmente as formas, o sistema, ou seja tentamos fazer ressaltar as correlações lógicas que podem existir entre um grande número de elementos pertencendo a uma língua, a uma ideologia (como na análise de Althusser), a uma sociedade (como em Lévi-Strauss) ou o a história dos diferentes campos de conhecimento, no que eu próprio trabalhei.²³¹

Nessa direção, seja um interesse por formas discursivas estruturadas pela linguagem, ou sobre as estruturas das obras literárias, sobre os mitos, ou, como fez Michel Foucault, ao problematizar numa abordagem estrutural o espaço epistemológico pelo qual se estabelecem as relações discursivas históricas sobre os saberes.

Seriam todas essas “*formas discursivas de estruturas*”, os novos objetos delimitados pelas “contra-ciências”, e que poderiam a partir de análises Estruturalistas

²²⁷FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

²²⁸Ibid. p. 414.

²²⁹De acordo com Foucault a partir do desenvolvimento do estruturalismo, o homem (sujeito) não cessa de desaparecer em função da revelação das mais diversas estruturas (psicológicas, linguísticas, culturais e econômicas) que compõem nossa realidade.

²³⁰FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: **Ditos e Escritos**, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. p. 146.

²³¹FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: **Ditos e Escritos**. Volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organização: MOTTA, Manoel de Barros. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. p. 160.

serem conhecidos e compreendidos, possibilitando o desenvolvimento do Estruturalismo como forma de pensamento e método como o filósofo mostrou no capítulo final de *As Palavras e as Coisas*. Nesse sentido, o estruturalismo surgiu como produto da cultura e do pensamento ocidental, correspondendo a última e mais “sofisticada” etapa do pensamento moderno, junto e ao lado, no mesmo *plano epistêmico*²³² da filosofia que lhe serviu de referência diametralmente oposta para sua origem, e desenvolvimento no campo científico, no caso, a fenomenologia

Portanto, o estruturalismo foi tematizado como um dos objetos centrais na descrição arqueológica realizada por Michel Foucault, historicamente situado como resultado da distribuição epistemológica dos saberes modernos e diagnosticado como *personagem teórico* que compõe uma etapa atual da história do pensamento filosófico e científico de nossa cultura contemporânea.

4.2 O Estruturalismo como método Histórico – Epistemológico para uma Arqueologia dos Saberes.

Após a delimitação sobre o Estruturalismo como um produto da cultura intelectual científica, abordado como um *objeto* reativo as ciências humanas e ponto de chegada da consciência racional contemporânea através das descrições arqueológicas desenvolvidas em *As Palavras e as Coisas*. O objetivo nesse item é mostrar como a *arqueologia dos saberes* foi utilizada como um procedimento de pesquisa correlato a nível *metodológico* das análises estruturalistas.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*²³³, esteve motivado pelo interesse de realizar uma história (arqueologia) dos discursos sobre as ciências através de

²³²De acordo com Foucault, fazer parte de um mesmo plano epistêmico dentre outras coisas acarreta em estar imerso no mesmo aquário de problemas e soluções, assim como compartilhar de um mesmo solo epistêmico nivela esses dois estilos totalmente opostos de concepção teórico metodológica num mesmo ou regime histórico de racionalidade. CF: FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

²³³Em uma entrevista em 1969, intitulada, *Michel Foucault Explica seu Último Livro*, referente ao trabalho desenvolvido em *A Arqueologia do Saber*, Foucault se referiu em determinado momento da entrevista sobre como e de que maneira, ele tinha feito sua pesquisa no livro anterior, *As Palavras e as Coisas*, vejamos como o filósofo definiu essa situação sobre sua pesquisa arqueológica no trabalho de 1966: “(...) *Tentei analisar os próprios discursos, ou seja, essas práticas discursivas que são intermediárias entre as palavras e as coisas. Essas práticas*

uma abordagem *descontínua* sobre a temporalidade, isto é, mostrar as relações discursivas que fizeram aparecer e desaparecer os saberes que resultaram no surgimento do *homem*, das *ciências humanas* e do *Estruturalismo*. Para realizar essa tarefa, o arqueólogo dos saberes pôde descrever exclusivamente conjuntos de relações histórico-discursivas (*enunciados*) entre os saberes *científicos, filosóficos e literários* produzidos pela cultura ocidental entre três Epistemes.

Com essa temática definida para análise arqueológica, Michel Foucault mostrou como foram constituídas historicamente as diferentes formações discursivas dos saberes ocidentais através do “arranjo” estrutural das *relações posicionais estabelecidas historicamente e topologicamente* entre os discursos dos saberes que compõem determinada *Episteme*.

Dessa maneira, a partir da distinção que apresentamos como diferença teórica e metodológica entre o *Estruturalismo Linguístico* e a *Arqueologia dos Saberes* posta pela distância conceitual entre *Estrutura Linguística* e *Episteme*, vamos mostrar nesse item, levando em consideração que o Estruturalismo na abordagem foucaultiana parte de um fundamento histórico para a objetivação da noção de Episteme: *Como Michel Foucault desenvolveu em sua arqueologia dos saberes uma prática de pesquisa em nível teórico-metodológico próximo (epistemologicamente) ao Estruturalismo?*.

Em uma entrevista em 1967, Michel Foucault delimita o objetivo de sua pesquisa e a proposta metodológica empregada em *As Palavras e as Coisas*. De acordo com o próprio filósofo, essas descrições foram possíveis de serem praticadas a partir da introdução de uma metodologia e de uma linguagem estruturalista em domínios como o da história das ideias e das ciências²³⁴.

*discursivas a partir das quais se pode definir o que são as coisas situar o uso das palavras. (...) Tento fazer outra coisa e mostrar que havia, em um discurso como a história natural, regras de formação dos objetos (que não são as regras de utilização da palavra) regras de formação de conceitos (que não são leis de sintaxe), regras de formação das teorias (que não são regras de dedução, nem regras retóricas). São essas regras postas em ação por uma prática discursiva em um momento dado que explicam que tal coisa seja vista (ou omitida); que ela seja enfocada sob tal aspecto e analisada em tal nível; que tal palavra seja empregada com tal significação e em um tal tipo de frase. Consequentemente, a análise a partir das coisas e a análise a partir das palavras apareciam nesse momento como secundárias em relação a uma análise primeira, que seria a análise da prática discursiva.” Cf: FOUCAULT, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. pp. 155-156.*

²³⁴FOUCAULT, Michel. A filosofia estruturalista permite diagnosticar que é a atualidade. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 60.

O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria. Nessa medida, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo.²³⁵

A citação acima corresponde a uma espécie de resumo geral do livro de 1966, Foucault fez uma referência com relação aquilo que ele havia feito, tanto do ponto de vista metodológico, como também, com relação a um dos objetivos que sua análise conduziu em *As Palavras e as Coisas*. Dessa forma, não foram poucos os leitores e comentadores dos escritos e do pensamento de Michel Foucault, que leram em seu trabalho arqueológico aspectos e características que permitiram o reconhecimento de desenvolvimento de análises estruturais-epistemológicas durante suas histórias arqueológicas²³⁶ ao fazer uma história das ciências sobre o próprio Estruturalismo.

Durante a pesquisa arqueológica, o filósofo desenvolveu uma prática analítica-descritiva semelhante a uma análise do tipo estruturalista a partir de *uma técnica para isolar determinadas relações discursivas*²³⁷, desde que sejam correlativas e possam compor um quadro, ou uma série entre os discursos. Com a introdução dessa técnica estruturalista para análise dos discursos foi possível ao arqueólogo deixar em relevo *as mudanças nas regras estruturais* para organização dos discursos no decorrer do tempo.²³⁸

²³⁵FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2013. p. 62. Em uma referência dupla ao estruturalismo, tanto no sentido em que a sua própria pesquisa desenvolvida em *As Palavras e as Coisas*, representou, a introdução em um específico domínio para a pesquisa nas ciências humanas, de um estilo de análise metodológica, do qual ainda não haviam sido realizadas análises como a que foi efetuada por Michel Foucault.

²³⁶Cf: DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru/SP. EDUSC, 2007. E também com: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

²³⁷Para Dreyfus e Rabinow o interesse de Michel Foucault pelo *Estruturalismo* se justifica na prática de suas próprias descrições discursivas do período arqueológico, no qual seu interesse estava centrado na “*análise de sistemas institucionais e práticas discursivas historicamente e estruturalmente situado*”. Cf: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª Edição. 2010. p. XXIII.

²³⁸FOUCAULT, Michel. Retornar a História: In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária: 3ª Edição, 2013. p. 299.

Assim, Michel Foucault pôde *fazer do Estruturalismo um duplo* em *As Palavras e as Coisas*. Isto é, ao mesmo tempo que o interesse pelo estruturalismo como mostramos representou um dos objetos de sua pesquisa, tendo em vista que o estruturalismo correspondeu a última e mais contemporânea etapa para uma história das ciências, somou-se a essa perspectiva, o interesse em compor um *método híbrido* de pesquisa entre o Estruturalismo e a Epistemologia. Dessa maneira foi possível realizar uma *arqueologia* sobre saberes com a introdução no campo da história de uma análise histórico-estrutural, cuja abertura e alcance teórico-metodológico lhe possibilitou mostrar as rupturas e transformações epistemológicas que ocorrem de maneira descontínua na história das ciências.

Com essa técnica empregada na abordagem descritiva dos discursos, pode-se conhecer os “limites” entre as formas de linguagem que delimitaram a existência histórica das diferentes epistemes. Ou seja, é no espaço limiar, onde ocorrem as transformações a partir das mudanças linguísticas-epistêmicas, que podem ser encontrados e isolados os conteúdos discursivos para uma análise *estrutural-histórica* das transformação, mudanças e rupturas para aparecimento de uma nova ordem para o saber.²³⁹

Portanto, diante das circunstâncias metodológicas e temáticas expostas, torna-se possível considerar Michel Foucault como um praticante de um estilo singular de análise estrutural, isto é, momentaneamente ao desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica o estruturalismo pode lhe servir como componente metodológico a partir de uma temática disponibilizada pela história das ciências, para mostrar o aparecimento do próprio estruturalismo ao campo dos saberes em *As Palavras e as Coisas*²⁴⁰.

²³⁹Michel Foucault assumiu que sua análise arqueológica, não elimina totalmente a noção de sentido discursivo, mas, ao invés de procurar seu significado, procura conhecer as condições históricas do seu aparecimento, e de sua transformação. Cf: FOUCAULT, Michel. O que é o senhor, professor Foucault?”. In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2014. p.30. E também com: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

²⁴⁰No livro de 1966, *As Palavras e as Coisas*, podemos encontrar no capítulo X, intitulado, *As Ciências Humanas*, o desenvolvimento dessa ideia a partir do surgimento das técnicas de formalizar o discurso em oposição a exegese do discurso. A formalização discursiva foi praticada pelas contra-ciências, desembocaram no grande conjunto de críticas ao sujeito e introdução de análises estruturais. Cf: FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes. 2007

4.3. A Arqueologia dos Saberes como método histórico-estrutural: Mudança e Ruptura.

Michel Foucault afirmou ter introduzido análises do tipo estrutural nos domínios da história para fazer uma história filiações discursivas relativas as ciências humanas²⁴¹. Dessa maneira, a problemática que vamos desenvolver nesse item parte da seguinte questão: *Como Michel Foucault pôde se utilizar de um método Histórico-Estruturalista para explicar as rupturas e mudanças de maneira descontínua entre uma Episteme e outra?*²⁴²

Como dissemos no capítulo 2, o método estruturalista na abordagem e apropriação feita por Foucault em sua pesquisa arqueológica foi desenvolvido com um interesse em mostrar transformações históricas não percebidas pelos tradicionais métodos históricos amparados na causalidade, na dialética e na percepção do tempo contínuo e linear.

Mas através do método arqueológico, Foucault realizou descrições documentais sobre formações discursivas heterógenas e pôde “ampliar” a periodizações dos acontecimentos, permitindo a análise de transformações e rupturas históricas não

²⁴¹FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista permite diagnosticar o que é a Atualidade? In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013.

²⁴²Essa questão não foi respondida nem explicada em *As Palavras e as Coisas*, contudo, em textos posteriores como: *Linguística e Ciências Sociais*, *Retornar a História*, *Resposta a uma Questão* e *A Arqueologia do Saber*, Michel Foucault se propôs a explicar como ele pôde fazer do Estruturalismo um método para a análise histórica sobre as mudanças e rupturas epistêmicas.

percebidas pelos métodos tradicionais sobre a história.²⁴³ Isto é, a partir de uma nova *leitura documental que faça aparecer “séries” ou “quadros” históricos mas amplos, pelo qual, novos acontecimentos e transformações históricas podem ser conhecidos*²⁴⁴.

Michel Foucault preservou o sentido histórico e transformável (toplógico) das relações discursivas que constituem os saberes de uma época²⁴⁵. Com essa técnica, a apropriação do estruturalismo na arqueologia dos saberes mostrou como as relações entre os discursos e a formação dos saberes, obtém seu fundamento teórico-metodológico em uma análise centrada na descrição dos discursos com a intenção contrária em isolar elementos, relações e Estruturas, para mostrar o “não-sentido e a aleatoriedade significativa dos discursos”.

Dessa forma o “arqueólogo-estruturalista” deve observar e descrever as condições de produção e existência dos discursos sobre os saberes entre uma Episteme e outra, mas não para “positiva-los” em seus conteúdos significativos no que se refere a produção de verdades sobre os discursos legitimados cientificamente²⁴⁶. Mas, para colocá-los em *relação correlativa*, isto é, demarcar a “dispersão” dos sentidos dos discursos através do processo de “ruptura epistêmica” entre o sentido-significativo dos discursos descritos e o restabelecimento de uma nova ordem epistêmica.

Assim, a arqueologia mostra como foram estabelecidas as *diferenças* entre as práticas discursivas e os discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos, isto é, através da descrição das regras que determinaram o aparecimento descontínuo dos discursos nas Epistemes.

Dessa forma, ao contrário de uma concepção linear sobre a história das ciências, o “estruturalismo-histórico” introduzido na arqueologia mostra as descontínuas transformações históricas que ocorrem entre um período e outro e em campos discursivos diferentes. Essas transformações descontínuas devem ser compreendidas, *não como transformações derivadas ou consequenciais* com relação aos saberes anteriores, mas,

²⁴³FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1ª Edição, 2013.

²⁴⁴FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 8-9.

²⁴⁵DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010

²⁴⁶DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 115.

trata-se de transformações discursivas que mostram rupturas abruptas entre relações discursivas, as quais expressam transformações *correlativas* entre os saberes de um período e outro.

Assim, o “estruturalismo histórico” de Michel Foucault ao encontrar o limite de ruptura entre Epistemes, mostra mesmo sem apresentar uma explicação causal como se deu a transição de uma Episteme para outra. Michel Foucault não dedicou-se a esclarecer as causas das mudanças e transformações epistêmicas, ele apenas mostrou as sucessões entre diferentes regimes de racionalidade epistêmicos. Essa ausência de explicação não corresponde a uma tendência ao obscurantismo, ou falha teórica por parte do filósofo, pois de acordo com o fundamento de suas descrições, qualquer explicação sobre as causas das mudanças epistêmicas só teria sentido em uma Episteme específica a partir de suas referências, isto é, toda explicação sobre essa mudança em nada acrescentaria na compreensão de uma nova formação epistemológica posterior.²⁴⁷

Podemos exemplificar essa perspectiva de Michel Foucault sobre o estruturalismo como método que possa mostrar a mudança epistêmica, contudo sem explicá-la:

Seja um estado *A* da língua, estado caracterizado por um número certo de traços. Seja atualmente um estado *B*, no qual se constata que houve tal mudança e que, em particular, o elemento *a'* foi transformado em *a''*. Neste momento, os linguistas constatam que essa mudança é sempre correlativa de outras mudanças (*b'* em *b''*, *c'* em *c''* etc.). A análise estrutural não consiste então em dizer: a mudança de *a'* em *a''* provocou a série de mudanças, *b'* em *b''*, e *c'* em *c''*, e sim: não se pode encontrar a mudança de *a'* em *a''*, sem que haja igualmente a mudança de *b'* em *b''* de *c'* em *c''* etc. (...) O Estruturalismo – isso acaba de ser dito aqui, dessa vez de maneira sistemática e com vigor – longe de se opor a mudança – ou seja, à história – é apenas uma modalidade de análise da mudança, uma modalidade de análise que a “precipita” de alguma forma e permite dar conta dela.²⁴⁸

²⁴⁷DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 39.

²⁴⁸FOUCAULT, Michel. “Linguística e Ciências Sociais”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2014. p. 175. Michel Foucault foi acusado por muitos críticos em não ter explicado de fato as causas e razões que justifiquem as mudanças epistemológicas, diante disso ele foi convidado a pelo círculo de Epistemologia francesa a esclarecer seu programa arqueológico. Esse esclarecimento foi transformando num texto publicado em 1968 chamado: *Resposta a Uma Questão*.

Dessa maneira, foi possível Foucault se utilizar da arqueologia dos saberes através de uma análise estrutural para mostrar as rupturas e transformações históricas, que postas em uma perspectiva linear e causal sobre a história não seriam reconhecidas. Nesse sentido, a partir dessa perspectiva sobre a história através de um pensamento estrutural Michel Foucault pôde pensar as relações discursivas entre os saberes que comumente são reunidas em estudos históricos por conjuntos como: séculos, mentalidades e espírito do tempo, mas, na perspectiva arqueológica ocupam e se dispersam em diferentes Epistemes através das reorganizações das regras discursivas de cada período histórico.

Assim, Michel Foucault pôde mostrar como saberes que aparentemente são totalmente distintos e desconexos, possuem pontos de contato e influencias uns sobre os outros, como por exemplo, com o *triedro dos saberes* e a constituição da figura do homem. Dessa maneira, ao realizar uma arqueologia dos saberes foi possível estabelecer somente a nível das relações discursivas e não dos objetos, em que condições históricas essas relações se organizam.²⁴⁹

²⁴⁹JAUQUET, Gabriela Menezes. **A condução de si e dos outros através de uma acontecimentalização da história em Michel Foucault**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

5. Michel Foucault não foi Estruturalista, mas esteve no Estruturalismo

Michel Foucault havia declarado em uma entrevista de 1966 à Madeleine Chapsal, se colocar naquele momento como um apaixonado *pelo conceito, pelo sistema, e por relações lógicas interiores a uma Estrutura*, posição que consequentemente o colocou ao lado de “estruturalistas” consagrados como Strauss e Lacan. Tendo em vista o teor da prática metodológica do filósofo desenvolvida com a arqueologia dos saberes, essa declaração de fato representou uma *estratégia de demarcação* para um lugar onde

ele poderia situar com legitimidade epistemológica sua arqueologia dos saberes. Isto é, essa declaração não foi posta por um verdadeiro interesse em praticar pesquisas estruturalistas como faziam os demais pesquisadores rotulados como estruturalistas.

De acordo com Foucault, era muito difícil naquele momento entre os anos sessenta, precisar com rigor, o que era, ou, o que não era um trabalho de caráter “estruturalista” em função da enorme variedade de aplicações que foram feitas através dessa metodologia nas ciências humanas naquele período. Contudo, independente sobre como eram de fato essas diferenças internas a cada metodologia, todas essas análises do tipo estrutural constituíram uma oposição epistemológica ao paradigma fenomenológico na França.²⁵⁰

Nessa direção, a justificativa da aproximação de Foucault junto aos estruturalistas que de fato realizavam análises através da influência do tradicional estruturalismo de Saussure, foi posta por declarações com um interesse *mais* político-epistemológico, e *menos*, teórico-metodológico. Ou seja, o filósofo procurou situar seu trabalho em *As Palavras e as Coisas*, ao lado de outras pesquisas bem-sucedidas e com um caráter de renovação para o pensamento teórico-metodológico francês em pleno desenvolvimento nesse período.

Esse polêmico posicionamento teórico-metodológico de Foucault entre o que ele de fato fez, e o que ele disse sobre sua metodologia durante sua pesquisa arqueológica, demonstrou um interesse ou uma finalidade em delimitar o “lugar” de suas pesquisas como uma alternativa um programa teórico-metodológico estruturalista²⁵¹. Afinal, a “sagração estruturalista” correspondeu ao desenvolvimento e a consolidação das ciências humanas no campo científico, lugar onde suas pesquisas foram realizadas tanto pela disponibilidade teórico-metodológica quanto pela problemática sobre os saberes. Assim,

²⁵⁰Se interrogamos aqueles que atacam o estruturalismo, temos a impressão de que eles veem em todos nós alguns traços comuns que provocam sua desconfiança e até mesmo sua cólera. Se em contrapartida, você interrogar Lévi-Strauss, Lacan, Althusser ou eu mesmo, cada um de nós declarará não ter nada em comum com os outros três. Aliás, os três nada têm em comum entre si. (...) Desde que se vê o problema do interior, descobrem-se apenas diferenças. CF: FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos. Volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organização: MOTTA, Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1ª Edição, 2011. p. 159.

²⁵¹É importante destacarmos que não estamos negando que Foucault tenha realizado análises estruturalistas, o que estamos concluindo, é o fato de que sua motivação para desenvolver esse estilo de análise, não foi necessariamente para atuar como um pesquisador estruturalista, como o foram, Strauss e Lacan. Mas seu interesse foi estratégico, tendo em vista o grande desenvolvimento científico e filosófico balizado pelas análises estruturais, em contraste, com a falência da grade fenomenológica.

a intenção em se colocar nos anos sessenta ao lado daqueles que praticavam as análises estruturalistas, correspondeu a “necessidade de legitimação” para seus escritos diante da total desvinculação de seu trabalho e de seu pensamento para com a fenomenologia, e qualquer tipo de filosofia amparada no sujeito.

Dessa forma, cabe dizer com relação a Foucault, que durante seu período de produção da pesquisa arqueológica ele pôde *estar* no estruturalismo sem de fato ser um estruturalista. Pois, dessa forma, ele pôde estar num “lugar”, ou, numa posição teórico-metodológica²⁵², pela qual, não foi necessário compartilhar dos pressupostos de uma filosofia, ou prática científica fundada exclusivamente na racionalidade do sujeito. Ao colocar-se numa posição alternativa e ao lado dos estruturalistas, Foucault, pôde desenvolver sua arqueologia dos saberes como um método híbrido entre o Estruturalismo e a Epistemologia.

Nesse aspecto, Michel Foucault sem de fato *ser* um estruturalista, visto que como mostramos sua apropriação teórico-metodológica foi bem diferente daqueles que praticavam análises estruturalistas através do método de Saussure. Foucault pôde desenvolver uma pesquisa que compartilhou componentes dos métodos estruturalistas, mas seu interesse não foi o de analisar Estruturas como fizeram os estruturalistas consagrados através das análises de Estruturas sincrônicas.²⁵³ Em outra entrevista, já em 1969, intitulada, *Michel Foucault Explica seu Último Livro*, podemos encontrar uma descrição do filósofo quanto a composição das pesquisas estruturalistas justamente pelo fato desses trabalhos apresentarem uma recusa a teoria do sujeito, e não necessariamente por praticarem análises estruturais que revelem estruturas-sistêmicas. E pelo qual pode-se inserir seu método arqueológico:

Penso que atualmente o estruturalismo se inscreve no interior de uma grande transformação do saber das ciências humanas, que essa transformação tem por ápice menos a análise das estruturas do que o questionamento do estatuto antropológico, do estatuto do sujeito, do privilégio do homem. E meu método se inscreve nesse quadro dessa

²⁵²Mesmo que motivado por uma questão política-epistemológica de contrariedade as filosofias do sujeito, e não por uma real paixão pelo sistema e pela estrutura.

²⁵³FOUCAULT, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: Ditos e Escritos volume 2, **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3ª Edição, 2013. p. 159.

transformação da mesma forma que o estruturalismo – ao lado dele, não nele.²⁵⁴

Dessa maneira, a *estratégia* de adesão ao estruturalismo realizada por Michel Foucault não foi desenvolvida necessariamente pelo interesse em praticar análises estruturais, mas, para situar-se junto aos estruturalistas e em oposição aos praticantes da fenomenologia associada ao sujeito. Nesse sentido, a manipulação por parte de Foucault de alguns conceitos durante sua pesquisa arqueológica como: *descontinuidade histórica*, *ruptura epistemológica*, e *estruturas de experiência*, quando usados no contexto dos anos sessenta, lhe renderam uma identificação, entre um pesquisador da história das ciências com um objetivo epistemológico, e ao mesmo tempo, um estruturalista pela aplicação de alguns procedimentos metodológicos estruturais ao descrever o nascimento do próprio estruturalismo, a partir de suas histórias arqueológicas-epistemológicas.

Assim, mesmo que Michel Foucault nunca tenha realizado em suas pesquisas arqueológicas análises das quais ele tenha recorrido ao conceito de Estrutura enquanto *sistema*, ele situou momentaneamente seu trabalho arqueológico ao lado dos trabalhos estruturalistas através introdução de uma linguagem estrutural no domínio da história das ciências. Dessa maneira, a partir de sua perspectiva histórico-estrutural sobre o aparecimento dos discursos posto com a noção de Episteme, o filósofo pôde fazer do Estruturalismo seu objeto de pesquisa e o programa teórico-metodológico para uma arqueologia dos saberes.

A qualificação do pensamento e do trabalho de Foucault em sua pesquisa arqueológica junto ao estruturalismo no contexto de produção de *As Palavras e as Coisas*, representou mais uma aproximação conjuntural a *corrente estruturalista*, que em 1966 chegou ao seu ápice em termos de fertilidade produtiva e recepção crítica pelo campo intelectual²⁵⁵, do que necessariamente inserir seu método como uma prática de pesquisa sobre Estruturas como fizeram Strauss e Lacan. Assim, demarcar uma posição teórico-metodológica próxima aos estruturalistas pôde lhe garantir certa legitimidade diante das demais pesquisas estruturalistas desse período, e também um lugar de destaque no movimento científico que estava reorientando o pensamento europeu.

²⁵⁴FOUCAULT, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. *In*: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3ª Edição. 2013. p. 159.

²⁵⁵Nunca é demais lembrar que em 1966 não foram poucos os intelectuais que desenvolveram estudos sobre os fundamentos teóricos-metodológicos com relação ao estruturalismo.

Atuando então a partir de uma prática metodológica semelhante a de um estruturalista junto a uma perspectiva de pesquisa sobre seu objeto (campo discursivo). Similar ao de um historiador das ciências, o arqueólogo Michel Foucault, ao analisar as relações discursivas através da sucessão histórica e descontínua das Epistemes entre os saberes, realizou em *As Palavras e as Coisas* um procedimento de análise estrutural sobre a organização dos discursos entre os saberes em de diferentes épocas. Essa tarefa foi realizada a partir da introdução de uma *linguagem estrutural*²⁵⁶ com a qual Foucault pôde descrever numa abordagem histórica-relacional²⁵⁷ as Epistemes: Renascentista, Clássica e Moderna.

Podemos concluir que o estruturalismo ao mesmo tempo em que constitui uma das interfaces teóricas do método arqueológico de Foucault, também foi abordado como um dos *objetos de sua arqueologia*. Assim, através dessa dupla perspectiva Michel Foucault desenvolveu e estabeleceu momentaneamente uma específica relação com o estruturalismo, e como ele mesmo definiu de “distância e reduplicação”, ou seja, *de distância, já falo dele em vez de praticá-lo diretamente, e de reduplicação, já que não quero falar dele sem falar sua linguagem*”²⁵⁸, logo, essa estratégia permitiu de maneira singular ao filósofo, *estar* no Estruturalismo, *sem ser* absolutamente um Estruturalista ao desenvolver suas histórias arqueológicas.

²⁵⁶FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p. 62.

²⁵⁷DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora, 1973.

²⁵⁸FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3ª Edição, 2013. p. 62.

Considerações finais.

Mostramos nessa tese que o método arqueológico de Michel Foucault foi desenvolvido a partir de interfaces teóricas diversas, sendo possível delimitar nos primeiros escritos arqueológicos a presença da Fenomenologia Existencial, seguida de uma posterior migração no interesse de pesquisa de Michel Foucault em direção a Epistemologia e o Estruturalismo como fundamentos teóricos-metodológicos. Assim, através desse diversificado quadro de referências estabelecemos como nossa tarefa evidenciar a interface teórica entre a *arqueologia dos saberes e o estruturalismo*, especialmente a partir da metodologia empregada no livro de 1966, *As Palavras e as Coisas*.

Em diversas ocasiões em que foi chamado a responder sobre sua trajetória intelectual e sobre os “lugares epistemológicos” de onde partiram seus escritos, Michel Foucault afirmou ter utilizado uma específica metodologia que compartilhou características comuns as pesquisas chamadas de estruturalistas durante os anos em que realizou seus estudos arqueológicos.²⁵⁹ Dessa maneira, nosso objetivo consistiu em apresentar uma releitura e um comentário identificando como Michel Foucault desenvolveu sua pesquisa arqueológica e pôde utilizar metodologicamente de um específico estilo de análise estruturalista.

A partir de um estudo sobre metodologia empregada pelo filósofo em *As Palavras e as Coisas*, concluiu-se que os procedimentos metodológicos e a carga teórica introduzida por Foucault foi feita através de uma linguagem estruturalista. Porém, seus procedimentos foram muito diferentes do estilo de estruturalismo praticado pelos pesquisadores que se apropriaram dos componentes e das práticas teórico-metodológica originárias com o curso de Saussure, *situação que não fez de Michel Foucault um estruturalista no sentido estrito do termo*. De acordo com essa distinção concluímos que a arqueologia correspondeu a um *procedimento o de pesquisa com um caráter híbrido*, posto através de uma temática epistemológica relativa a descrição de relações discursivas sobre os saberes a partir de uma abordagem metodológica histórico-estrutural.

Dentre as razões que nosso estudo mostrou justificar essa opção metodológica, deve-se considerar em primeiro lugar o “momento estruturalista” na

²⁵⁹FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault. *In*: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição. 2014. p. 29-49

história intelectual francesa, isto é, nos anos sessenta Michel Foucault e toda uma geração de intelectuais formados nos Pós-Guerra estiveram inseridos no processo de renovação teórico-metodológico pelo qual as ciências humanas adquiriram seu fundamento através de análises estruturalistas.

Nesse contexto, o estruturalismo enquanto referência teórico-metodológica “serviu como grande chocadeira para ideias novas”, qualquer pensador que rompesse e não praticasse em suas pesquisas métodos delimitados nas ciências humanas e na filosofia pela fenomenologia ou pelo marxismo, facilmente era identificado com um praticante de análises estruturalistas.²⁶⁰

Mostramos que no interior desse cenário de transformação epistemológica nas ciências humanas, a opção de Foucault em compartilhar de pressupostos teóricos-metodológicos estruturalistas representou uma etapa reativa e posterior ao de sua formação filosófica, isto é, o filósofo esteve em fins nos anos cinquenta motivado a se distanciar do paradigma fenomenológico e das filosofias do sentido e do sujeito dominantes no cenário intelectual francês na primeira metade do século XX.

Esse contexto de ruptura paradigmática no interior das ciências humanas serviu como mote para a assimilação da crítica literária francesa de Michel Foucault ao estruturalismo²⁶¹, mas para além do contexto histórico de ruptura epistemológica e desenvolvimento de metodologias renovadas, a arqueologia representou a introdução de uma metodologia estruturalista de um estilo de estruturalismo justificado nas palavras do próprio filósofo nos seguintes termos “o que tentei fazer foi introduzir análises do estilo estruturalista em domínios nos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio das história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria”²⁶².

²⁶⁰VEYNE, Paul. **Foucault, seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 173.

²⁶¹Em alguns textos e entrevistas em que Michel Foucault negou ser um pesquisador estruturalista, o filósofo alegou que somente na França ele era lido como um estruturalista. Cf: FOUCAULT, Michel. **Introdução a Edição Inglesa**. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013

²⁶²FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é a Atualidade? In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3ª Edição, 2013. p. 62. FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault. In: Ditos e Escritos, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1ª Edição, 2014. p. 29-49.

Fato é que alguns procedimentos metodológicos de sua pesquisa arqueológica e parte dos resultados obtidos com ela, compartilharam de alguns pressupostos teóricos e conceituais semelhantes as pesquisas estruturalistas do período. Contudo, o filósofo colocou-se num lugar epistemológico “lateral” ao movimento Estruturalista, isto é, posicionou-se como alguém que prefere participar desse fenômeno intelectual a certa distância, como um observador e não necessariamente como um legítimo pesquisador interessado em utilizar métodos estruturalistas para encontrar estruturas como queriam fazer compreender e rotular alguns críticos de seus escritos.²⁶³

Assim, rotular Foucault como um legítimo Estruturalista, como mostramos não é tão simples assim, e talvez inadequado. Como dissemos, o estruturalismo utilizado por Foucault como linguagem teórica e procedimento metodológico para descrição dos discursos foi marcado por diferenças e tensões com relação ao tradicional Estruturalismo disponibilizado pela linguística, sobretudo pela ausência da noção conceitual de Estrutura nos escritos do filósofo. Percebe-se na posição assumida por Michel Foucault uma resistência e até mesmo uma dificuldade em identificar-se plenamente com os estruturalistas e reconhecer seu método como inserido no interior do programa estruturalista.

Entretanto, ao mesmo tempo em que marcou distância com os estruturalistas, o interesse de Foucault pelo estruturalismo foi tão profundo a ponto do próprio estruturalismo tornar-se um de seus objetos de estudo. Essa situação conflituosa deixa claro a conturbada relação de Michel Foucault com o Estruturalismo, o filósofo esteve num “lugar epistemológico” entre a aproximação possibilitada pelo interesse em utilizar uma linguagem estrutural junto a alguns procedimentos teórico-metodológicos, e ao mesmo tempo manter um afastamento com os resultados de algumas pesquisas estruturalistas que negavam a historicidade de seus objetos²⁶⁴.

De fato, Michel Foucault não deve ser considerado um cientista estruturalista no sentido estrito do termo, mas com toda certeza *foi um participante do momento estruturalista na história do pensamento intelectual francês*, mesmo que o filósofo tenha

²⁶³Entre esses críticos podemos citar alguns historiadores franceses que não receberam bem seus trabalhos no campo da história, mas as principais críticas que tomavam o trabalho de Foucault como estruturalista foram feitas por Sartre. Cf: SARTRE, Jean-Paul. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L'arc. In: **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**. Organizada por: Eduardo Prado Coelho. São Paulo. Martins Fontes, 1967.

²⁶⁴FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos, volume VI. **Repensar à Política**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição, 2013.

rejeitado a noção de Estrutura originária com o Estruturalismo linguístico, a arqueologia pôde ser considerada um estilo de Estruturalismo em dois sentidos importantes:

1) A rejeição de qualquer recurso à interioridade de um sujeito cognoscente e individual, isto é, recusar a anterioridade da consciência em oferecer algum tipo de sentido significativo para os discursos sobre os saberes. Dessa maneira compreende-se o aparecimento das formas de discurso com pretensão a verdade não como um movimento da consciência posto pelo progresso da razão, mas, como construção histórica interna a determinado regime de racionalidade, isto é, como *relação discursiva*. Assim, o arqueólogo deve colocar em suspensão a pretensão a verdade como também a pretensão ao sentido dos discursos.²⁶⁵

2) Nem Michel Foucault, e nem os demais estruturalistas se interessaram em conhecer os fenômenos que estudaram a partir de um real sentido doado por seus atores, tanto o arqueólogo quanto os estruturalistas simplesmente isolam conjuntos de enunciados para analisá-los em um nível de exterioridade aos próprios discursos, isto é, o arqueólogo isola e suspende os discursos de seu fundamento prático.²⁶⁶

Dessa forma, Michel Foucault, durante a realização de sua arqueologia compartilhou com os métodos estruturalistas o fato de isolar, objetivar e colocar entre parênteses o sentido significativo de um determinado domínio discursivo que segundo o filósofo deve possuir sua própria ordem autônoma. Dosse destacou que diante de sua perspectiva estruturalista, Foucault opõe uma autonomização da esfera discursiva que relega à insignificância a compreensão dos atos de linguagem, para concentrar-se apenas no jogo dos enunciados que se mostram no interior de formações discursivas²⁶⁷.

Assim, o arqueólogo pode estudar a rede das *práticas discursivas* e abordá-la como um conjunto de elementos inter-relacionados enquanto coloca entre parênteses aquilo que Foucault chamará mais tarde de

²⁶⁵DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2^a Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

²⁶⁶Como por exemplo com o fenômeno loucura, em última instância não importa ao arqueólogo se os discursos que objetivam a loucura são originários de um campo científico ou moral, o que se espera é descrever as condições históricas para o aparecimento de determinado discurso. Cf: DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2^a Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 76-77.

²⁶⁷DOSSE, François. **A história a prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora Unesp, 2001. p. 218.

“tecido espesso” das relações não discursivas, que formam o fundamento da inteligibilidade (Episteme) daqueles que realmente falam.²⁶⁸

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault, ao realizar uma arqueologia das ciências humanas pôde fazer do Estruturalismo um “duplo” entre a delimitação de um tema caro a história das ciências, como também a partir de um interesse linguístico e metodológico. Isto é, o Estruturalismo foi objetivado como a etapa da história do pensamento e da consciência filosófica científica marcada pela “morte do homem”, a qual correspondeu justamente ao próprio limiar de ruptura e transformação epistemológica para a reorganização dos saberes na Episteme moderna e científica, e ao mesmo tempo em que aparece como procedimento teórico-metodológico e campo linguístico adequado para localizar e descrever as relações entre os saberes que fundam a modernidade.²⁶⁹

Para Michel Foucault o Estruturalismo enquanto programa metodológico disponível entre as ciências humanas, representou uma perspectiva teórico- metodológica extremamente rigorosa e importante para a descrição das relações discursivas entre os saberes. A aplicação desses procedimentos metodológicos em domínios como o das ciências humanas e da história permitiu delimitar a historicidade dos regimes de racionalidade chamados por Foucault com o nome de Epistemes, os quais não corresponderam em sua pesquisa a noção de Estruturas do Saber.

Ao invés de Estruturas para o saber, filósofo definiu com noção de Episteme a existência dos “A Priori Históricos”, isto é, as condições históricas de possibilidade para o aparecimento das regras que determinam e ordenam a composição das relações discursivas entre os saberes e introduzem nossa linguagem e nosso pensamento. Isto é, existe de maneira anterior a consciência dos sujeitos formações discursivas delimitadas por regras que compõe uma ordem histórica, a qual condiciona o pensamento e regula o que pode ser discursivizado e praticado pelos sujeitos em determinada época.

O arqueólogo ao contrário de um estruturalista saussuriano, que vai propor com sua análise linguística estrutural a “iteratividade dos esquemas de um sistema de línguas”, já Foucault descreve as formações discursivas internas a uma Episteme a partir

²⁶⁸DREYFUS, Hubert, e, RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 77.

²⁶⁹FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

de sua positividade, isto é, a partir de sua condição histórica de existência em relação a outras formações discursivas.²⁷⁰

O arqueólogo deve estar atento aos deslocamentos e a justaposição entre os discursos ao constituírem relações entre as diferentes formações discursivas, pois através da descrição dessas relações torna-se possível mostrar como os saberes são constituídos num nível discursivo posto por um sistema modificável de regras específicas, e dessa maneira problematizar e questionar os limites discursivos de unidades enunciativas como as ciências e as disciplinas. Assim, as descrições do método arqueológico mostram que as relações discursivas sobre os saberes não são definidas por alguma unidade discursiva, mas pela *dispersão do sentido* dos discursos ao constituírem novas relações de acordo com a organização das regras discursivas de uma Episteme.

Dessa forma, mostramos que através do método arqueológico Michel Foucault pôde renovar o campo da historiografia ao desenvolver um estilo de “análise estruturalista” pela qual a história, disciplina que foi considerada pelos estruturalistas um obstáculo teórico e superado para a compreensão da realidade, ganhou com a proposta da descontinuidade histórica uma “solução estrutural” para explicação de rupturas e transformações de caráter epistemológico entre formações discursivas, assim obteve-se, uma aplicação estruturalista nos domínios da história que não compromete o papel do historiador em conhecer as transformações e mudanças ocorridas com os acontecimentos.

Assim, de acordo com uma perspectiva diacrônica, isto é, aquela que percebe a mudança e a transformação histórica, a introdução de uma metodologia com uma interface teórica estruturalista nos escritos arqueológicos de Foucault representam por parte do filósofo uma percepção descontínua sobre o temporalidade, fazendo da noção de acontecimentos um dos fundamentos e suporte para um Estruturalismo que encontra na ruptura e na transformação histórica, isto é, na descrição de acontecimentos que aparecem como marcadores cronológicos e epistemológicos quais foram as condições históricas limites entre formações discursivas que se sucedem historicamente.

Essa articulação entre história e análise estrutural desenvolvida pelo filósofo seja como método para a descrição das relações discursivas que constituem os saberes sobre o homem, seja como prática científica introduzida nas ciências humanas para o diagnóstico das problematizações da ciência na atualidade, ou ainda, como tema a ser

²⁷⁰DOSSE, François. **A história a prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo. Editora Unesp, 2001. p. 218.

historicizado afim de mostrar o limite cognitivo da consciência moderna e ponto de chegada de nossa racionalidade atual, certamente podemos compreender que a pesquisa arqueológica de Foucault foi uma prática teórico – metodológica híbrida com um caráter “histórico-epistemológico - estrutural”.

Nesse sentido, mais do que descrever os limites para as repostas sobre questões habituais e ou profundamente científicas que movem e constituem o nosso pensamento, a “Arqueologia dos Saberes” procurou através de uma perspectiva estruturalista conhecer e mostrar como a cultura ocidental formulou determinados discursos científicos e não científicos, objetos, e problematizações através de relações discursivas determinadas pelas regras que organizam os saberes numa determinada Episteme. Essa seria em via de regra, as problematizações postas pela arqueologia dos saberes quando utilizada através de uma perspectiva estrutural.

A arqueologia dos saberes como método híbrido histórico-estruturalista mostrou como resultado de suas descrições: a ausência de unidade conceitual, as transformações e a dispersão do sentido dos discursos entre as diversas formas de saberes, mostrando que cada Episteme tem suas próprias condições de possibilidade histórica (a priori), isto é, as condições históricas reais onde surgem as formas de sujeito, os objetos possíveis de conhecimento e os regimes de verdade que aí se produzem.²⁷¹

Portanto, seu interesse e sua consequentemente posição ao participar e ser reconhecido como um dos integrantes desse programa teórico-metodológico pode ser delimitado nas seguintes situações:

1) Como metodologia contrária e oposta a todas as formas de filosofias do sentido, da significação e do sujeito, sobretudo aquelas que compuseram a sua formação intelectual como o hegelianismo, a fenomenologia e o existencialismo humanista.

2) A utilização e o desenvolvimento durante sua pesquisa arqueológica de descrições discursivas “epistemológicas – estruturais” por um método histórico híbrido. Com essa perspectiva metodológica foi possível Foucault utilizar-se de uma filosofia estruturalista como instrumento teórico visando um rigor analítico para a disciplina da história, tendo em vista que sua posição sobre a história pressupõe uma temporalidade marcada por descontinuidades.²⁷²

²⁷¹DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Jorge Zahar Editora, 1973.

²⁷²FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que é a Atualidade? In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de**

3) A introdução do método estrutural pela arqueologia enquanto uma história estrutural dos saberes foi bem-sucedida na possibilidade de mostrar as rupturas e transformações em relações discursivas que constituem uma Episteme.

4) mostrar as relações entre o estruturalismo e o saber moderno. Esse foi um dos temas e focos de interesse desenvolvidos em *As Palavras e as Coisas*, para se realizar uma arqueologia da história das ciências o filósofo mostrou o próprio surgimento do Estruturalismo através de uma análise *epistemológica - histórico – estrutural* sobre as relações entre os saberes na Episteme moderna.

5) Mostrar as relações de aproximação entre o Estruturalismo junto a filosofia, a história e as ciências humanas, essa tarefa o filósofo realizou ao descrever como essas relações foram postas a partir de um recorte epistemológico interdisciplinar marcado primeiramente pelo abandono da fenomenologia, e simultaneamente pelo desenvolvimento do interesse nos diversos conceitos de estrutura originários com a linguística e que fundamentaram a epistemologia das ciências na modernidade do século XX.

Espera-se que esse trabalho tenha correspondido as expectativas de sua realização, não foi nosso objetivo definir Michel Foucault como um teórico Estruturalista, tão pouco fixar seus escritos em algum campo teórico de maneira a provar que ele esteve inserido em alguma tradição filosófica e científica. Visamos mostrar através dos três capítulos que ofereceram conteúdo a essa pesquisa deixar claro como o programa estruturalista não possuiu uma teoria geral que lhe desse um verdadeiro significado epistemológico, e que dessa forma, o estruturalismo correspondeu a um movimento de renovação interno as ciências humanas para lhe conferir uma nova programação teórico-metodológico, sendo apropriado pelas mais diferentes abordagens em que foi possível se reconhecer uma linguagem estrutural, a arqueologia do saber mais do que um método e menos do que uma disciplina foi uma dentre as muitas linguagens que foram convertidas em procedimento metodológico para a compreensão de seus objetivos.

REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Éric. **Deleuze filosofia virtual**. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.
- ALTHUSSER, Louis. **Ler o Capital**, obra coletiva, Tomo II. 1965. Edições Maspéro.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba. Editora da UFPR. 2008.
- BELO, Renato Santos. **Liberdade e Engajamento: Em Torno das Noções de Subjetividade e Expressão (Literária) em Sartre e Merleau Ponty**. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de filosofia da Usp. 2011.
- CANGUILHEM, George. “Le rôle de l’épistémologie dans l’historiographie scientifique contemporaine”. In: **Ideologie et rationalité dans l’histoire des sciences de la vie**.
- CANGUILHEM, George. Gaston Bachelard et les Philosophes. In: **Études d’histoire et de Philosophie des Sciences**.
- CANGUILHEM, George. “L’objet de l’histoire des sciences”. In: **Études d’histoire et de philosophie des sciences**. Paris: Vrin, 1994.
- CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. **Enredos de Clio: pensar e escrever a História com Paul Veyne**. São Paulo: Unesp. 2003.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte. Autêntica. 2004.
- CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.
- COELHO, Prado Eduardo. **Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos**. In: **Estruturalismo: Antologia de Textos teóricos**. São Paulo: Martins Fontes. 1967.
- DAMOM, Santos Moutinho, **Humanismo e anti – humanismo, Michel Foucault e as desventuras da dialética**. Revista Natureza Humana, Volume 6, número 2. São Paulo, dezembro de 2014.
- DARTIGUES. André. **O que é a Fenomenologia**. São Paulo. Centauro. 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro. Graal. 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense. 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Perspectiva. 2011.
- DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. Les Éditions de Minuit. 2002.
- DELEUZE, Gilles. O Atual e o Virtual. In: ALLIEZ, Éric. **Deleuze: filosofia virtual**. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

DESCAMPS, Christian. Os Existencialismos. *In*: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O Campo do Signo**. Bauru/SP: EDUSC, 2007.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora Unesp. 2001.

ECO, Humberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo. Perspectiva. 2007.

ERIBON, Didier. **Foucault, 1926-1984**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva. 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

FOUCAULT, Michel. Introdução (in Biswanger). *In*. Ditos e Escritos, volume I. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. 3º Edição. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 2014.

FOUCAULT, Michel. A Loucura e a Sociedade. *In*: Ditos e Escritos, volume I. 3º Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2014.

FOUCAULT, Michel. A psicologia científica. 1850 – 1950 . *In*: Ditos e Escritos, volume. 3ª Edição. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2014.

FOUCAULT, Michel. Linguística e Ciências Sociais. *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. *In*: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos**

Sistemas de Pensamento. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Resposta ao Círculo de Epistemologia *In: Ditos e Escritos*, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Retornar a História. *In: Ditos e Escritos* volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. A Vida: a Experiência e a Ciência. *In: Ditos e Escritos* volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes? *In: Ditos e Escritos*, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Introdução a Edição Inglesa.** *In: Ditos e Escritos* volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 3º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. *In: Ditos e Escritos*, Volume III. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 2011.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VI. **Repensar à Política.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma Questão. *In: Ditos e Escritos*, volume VI. **Repensar à Política.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2013.

FOUCAULT, Michel. Foucault Responde a Sartre. *In: Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. *In: Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. *In: Ditos e Escritos*, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 1º Edição. 2011.

FOUCAULT, Michel. O que é o Senhor, Professor Foucault? *In: Ditos e Escritos*, volume X. **Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade.** Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir, o Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes. 2003.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo. Martins Fontes. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Raymond Roussel**. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1999.

GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso. Diálogos e Duelos**. São Carlos. Claraluz. 2006.

JAQUET, Gabriela Menezes. **A CONDUÇÃO DE SI E DOS OUTROS ATRAVÉS DE UMA ACONTECIMENTALIZAÇÃO DA HISTÓRIA EM MICHEL FOUCAULT**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

JUNIOR, Bento Prado. A Ideia de Plano de Imanência. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze: Uma vida Filosófica**. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

LACAN, Jaques. Seminário: **A Carta Roubada**. 1956. In: *Écrits*. Paris: Seuil. 1966.

LACAN, Jaques. “O Inconsciente é Estruturado como Linguagem” In: Seminário – livro 11. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985.

LEPARGNEUR, Hubert. **Introdução aos Estruturalismos**. São Paulo. Herder: 1972.

LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS. 2014.

LOWITH, Karl. **O Sentido da História**. Lisboa: Edições 70. 1977.

LUIZ, Jose de França Filho. Acerca da fenomenologia Existencial de Merleau-Ponty. In: LIMA, António Balbino. **Ensaio sobre Fenomenologia, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus. EDITUS. 2014.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Ciência e o Saber**. Rio de Janeiro: JZE. 2006.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: JZE. 2001.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia**. Graal. Rio de Janeiro. 1990.

MACHADO, Roberto. **Deleuze a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). **Foucault: leituras acontecimentais**. [recurso eletrônico] / Norman R. Madarasz, Gabriela M. Jaquet, Daniela N. Fávero, Natasha Centenaro (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

MUÑOZ, José. A. Arias. **La antropología fenomenológica de Merleau-Ponty**. Madrid: Ed. Fragua, 1975.

MATTOSO, João Câmara Junior. O Estruturalismo Linguístico. In: **Estruturalismo: Grandes nomes nacionais ou estrangeiros**. Revista: Tempo Brasileiro, Edição especial dedicada ao tema do estruturalismo de 1973.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. **Foucault e a Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2006.

OKSALA, Johanna. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro. Editora. Jorge Zahar Editor. 2011.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-Reconciliado**. São Paulo. Perspectiva. 2015.

PETER, Michael. **Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença**. Autentica. Belo Horizonte. 2010.

PERIUS, Cristiano. **A Definição de Fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl**. In: Revista. TRANS/FORM/AÇÃO, V. 35, Nº 1, p. 137 – 146, Jan/Abril, 2012.

PIAGET, Jean. **O Estruturalismo**. São Paulo. Difel. 1979.

PONTY, Maurice-Merleau. **A Prosa do Mundo**. São Paulo. Cosac Naify. 2012.

PONTY, Maurice-Merleau. **A Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

RAMOS, Igor Guedes. **GENEALOGIA DE UMA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980**. Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade). 2014.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBAS, Thiago Fortes. **Foucault: Verdade e Loucura no Nascimento da Arqueologia**. Curitiba. Editora da Universidade Federal do Paraná. 2014.

RIBEIRO, Renato Janine. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense. 1987.

ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **O homem e o discurso a arqueologia de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Os filósofos da tormenta, Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007.

SAFATLE, Wladimir. Literatura como contraepisteme: O lugar da experiência literária na arqueologia foucaultiana do saber. In: **O Mesmo e o Outro. 50 anos de História da Loucura**. Organização: Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2013.

SALES, Carvalho Alexandre. **DELEUZE E A LÓGICA DO SENTIDO: O PROBLEMA DA ESTRUTURA**. Publicado na revista Trans/Form/Ação. Revista do departamento de pós-graduação da Unesp. Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego: Esboço de uma Descrição Fenomenológica**. Cadernos Espinosanos estudos sobre o século XVII, revista de filosofia do departamento de filosofia da USP, número 22. Jan-jun. 2010. Pág. 183 – 228. Tradução de: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco.

SARTRE, Jean-Paul. Entrevista de Jean-Paul Sartre para L'arc. *In: Estruturalismo: Antologia de textos teóricos*. Organizada por: Eduardo Prado Coelho. São Paulo. Martins Fontes. 1967.

VALLEJO, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. *In: Vallejo, M. & Rodríguez, F. El estructuralismo en sus márgenes. Ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur*. (Buenos Aires: Ediciones del Signo. 2011.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify. 2008.

VEYNE, Paul. **Foucault, seu Pensamento, sua Pessoa**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.

WILLINAMS, James. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2013.

YEZBAK, André Constantino. **Itinerários Cruzados: Os caminhos da contemporaneidade filosófica francesa nas obras de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault**. Tese de Doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

YASBEK, André Constantino. **10 Lições sobre Foucault**: Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2011.